



## Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

### Chanceler

Dom Dadeus Grings

### Reitor

Joaquim Clotet

### Vice-Reitor

Evilázio Teixeira



**Biblioteca Central Irmão José Otão**  
César Augusto Mazzillo – Diretor



**Delfos – Espaço de Documentação e Memória Cultural**  
Luiz Antonio de Assis Brasil – Coordenador Geral

**Autoria** José Joaquim de Campos Leão – Qorpo Santo  
**Digitalização, Projeto Gráfico e Diagramação** Michelângelo M. M. Viana  
João Vítor Hanna de Souza

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Q1e Qorpo Santo

Ensiqlopédia, ou seis mezes de huma enfermidade : livro sétimo / José Joaquim de Campos Leão. – Dados Eletrônicos. –

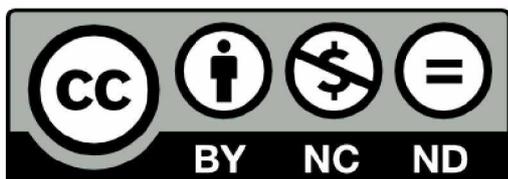
Porto Alegre : Tip. Qorpo Santo, 1877.

102 p.

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.pucrs.br/biblioteca/qorposanto>>

1. Literatura Rio-Grandense. 2. Teatro Rio-Grandense. I. Título.  
CDD 869.99239

Ficha Catalográfica elaborada pelo Setor de Suporte e Desenvolvimento da BC-PUCRS



**Título da Obra:** Ensiqlopédia: ou seis mezes de huma enfermidade! Volume 7

**Disponível em:** <http://www.pucrs.br/biblioteca/qorposanto>

**Está licenciada sob a licença** [Creative Commons](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/):

**Atribuição; Vedado o uso comercial; Vedada a Criação de Obras Derivadas. 2.5 - Brasil**

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/>

**PUCRS**

### Campus Central

Av. Ipiranga, 6681 - prédio 16 - CEP 90619-900

Porto Alegre - RS - Brasil

Fone: +55 (51) 3320-3544 - Fax: +55 (51) 3320-3548

Email: [biblioteca.central@pucrs.br](mailto:biblioteca.central@pucrs.br)

[www.pucrs.br/biblioteca](http://www.pucrs.br/biblioteca)

J J

*Joze Joaquim de Campos*

JOZÉ JOAQUIM DE CAMPOS

LEÃO QORPO-SANTO

*Joze Joaquim de Campos*

-A SAUDE-

E

-A JUSTIÇA-

LIVRO 7.

PORTOALEGRE SETEMBRO PRIMEIRO DE 1877.

8 ESCRITOS 871

REIS 20000

LA SAUDE. LEÃO QORPO-SANTO.

Q S

0, 23 + 0, 31

# FRONTISPICIO PARA HUM JORNAL, QE DENOMINAREI

Sou filósofo;  
Sou escritor /

## - A SAUDE -

Sou poeta;  
Sou orador .l

Publica-se em  
todos os dias  
nteis, em pro-  
pria typografia  
á ruados Andra-  
das e General Ca-  
mara ns. 323 e 19.

PROPRIETARIO E PRINCIPAL REDATOR  
- José Joaquim de Campos Leão -  
Corpo-santo.  
ANNO PRIMEIRO.  
Porto alegre.... de 1.8....

E' a Saude  
Hum Jornal  
— Politico,  
— Relijiôzo,  
— Literario,  
— Recreativo,  
E noticiôzo.

- Parte 1°. Narracão dos mais importantes factos locaes e desta Provincia.
- 2°. — Item — da Côrte, e das outras Provincias deste imperio.
- 3°. — Noticias de todo o Mundo -- de reconhecida utilidade pública.
- 4°. — Compozicões Literarias.
- 5°. — Apposidos, Correspondencias, &
- 6°. — Anuncios.

*Augusto Ferraz*





taria a Monarquia celeste, — só traz difficuldades a o seu verdadeiro progresso, — óbices a o desenvolvimento de suas riquezas; e conseqüentemente que só serve para tornal-o desgraçado; — ligar-se em todo o imperio e proferir e gritar — Abaixo a Monarquia? Queremos República / Viva a república! & & . . . . .

Seria mesmo huma fatal calamidade para o povo que quizesse constituir-se Estado — r p lir os Dêz Mandamentos da Lei de hum Deos — que todo o Múnlo enxerga — e as inspirações de Nosso Senhor Jezus Oristo — que vive em nós eternamente — patentes pelos verdadeiros cristãos.

Querer viver sem leis, sem moral, e sem a relijião da alma e do coração — não é querer viver; — é querer morrer! — tanto para Deos — como para os homens... é condemnar-se á vida material, á miseravel dos reptis; malévola e desgraçada das fêras!

REFLEXÃO 3ª.

Os homens formados, são em nosso systema de governo em geral os menos aptos para dirijirem a educação pública; — mesmo presenciamos as cerimõias, em que com a maior solemnidade fazem-se — chefes, eles — dedicados com todo o esôrço a profundarem as sciencias de que fazem profissão, — empregando assim todo o tempo que não estão em alguma vezita, baile, ou passeio, jantar, xa, teatro, fumando charuto, ou tomando rapé — nem a o menos olhão porque não podem para os livros que fazem objecto d'estudos nas aulas publicas, tanto primarias como secundarias! e é confessão pelo maior numero — que estudão as artes e sciencias, tanto quanto os examinadores ser sufficiente para matricular-se nas academias do imperio.

Era, sendo isto verdade, segue-se que, o dia em que pozerym em terra a monarchia que reina neste imperio, será a vespera da libertação de milhões de escravos! de milhões de homens livres!...

...a m... outros individuos

que sabendo bem, porque a elas só se hão dedicado q m todo o empenho de profundal-as, as materias que ensinão-se em nossas escolas; estão por tal facto muito mais habilitados que aqueles homens formados em sciencia muito diferente da instrução que se quer dar á nossa juventude e mocidade,

A nossa instrucção publica não precisa de mediqos. (e tem se dado muito mal com eles.) porque as suas enfermidades são moraes — não phyzicas! e tem aqontecido que em vez dos mediqos da mesma directores a curarem, têm a o contrario, agravado mais, suas já bem graves enfermidades.

Pela mesma razão, não precisa de homens formados em direito para dirijil-a.

Não são aulas de jurisprudencia, não se instrue a mocidade sobre questões de direito; mas sobre geografia, por exemplo, historia, geometria, retoriqa, filozofia, & que ninguem dirá que fazem parte ou são ramos desta ou daquela sciencial

Ha taes que até ignorão os mandamentos da lei de Deos, o deqalogo, simbolo dos apóstolos, & . . . . .

O que tem aqontecido com os directores excluzivos que acima censuro, é que todos os annos se trata da sua reforma, e nunca se efetual

Mais huma vez asseguramos que a verdadeira e única reforma deve ser feita no pessoal para o que se faz mistér que hum só homem, dotado de brio, qurãter, e dignidade; intell.genle, energico, e justiceiro; e que tenha mais juizo, qe ambição e fanatismo, por qargos publicos, por politica — viaje a provincia, e conheça, por sua inspecão as aulas que devem ser suprimidas, os professores que devem ser demittidos, e os que devem ser removidos.

E' opinião minha que com a despeza de 4 a 5 contos de réis isto consegue-se economizãdo-se em cada anno seguinte de vinte contos de réis para cima, bem necessarios para pontes e estradas.

Não é a muita instrucção de hum homem que o torna habil para qualquer emprego publico, e com especialidade para o magisterio, mas os sentimentos moraes que o caracterizão, a vocação para taes trabalhos, o ardôr ou a satisfação que nutre em ser util a seus semelhantes.

Reunidas portanto estas qualidades a o qonhecimento profundo das sciencias ou artes que lhe cumpre explicar, está apto e idoneo para ensinar meninos.

A historia da provincia a tal respeito, arraiga em todos esta qonvicção, e a todos levará á persuação.

Exemplos de juizes municipales, não formados, que largos annos hão servido á saptisfação e qontentamento publico, e do governo!

Idem de juizes de direito interinos.

Idem de delegados e subdelegados de policia, razão por que tambem podem desempenhar perfeitamente bem o de chefe, pois nada gusta estudar o qodigo criminal e as formulas dos processos.

Assim o chefe da nação, alguns ministros d'estado, alguns prezidentes de provincias, principes, princezas, & hão saptisfeito plenamente ás vistas publicas sem que jamais formassem-se em academias.

E temos visto em to os estes empregos — pessimos exemplos de homens formados.

Queremos portanto, igualdade de direitos, distincção, sem privilegios, — a o saber e ás virtudes de todas as classes, ou especies.

O que vale o progresso material e intelectual, em prezença do progresso moral? Para que servem — temptos, seminarios, padres, doutores, athenões, directores, disperdizos ou sumptuosos palacios, se o homem honrado a o sahir a rua a falar de seus licitos negocios, enqontra como já ha tantas vezes aqontecido nesta



**Livro.**

Palavras escriptas — qom que diriji á S. M. Imperial o Sr. D. Pedro 2.º — Seis livros por mim produzidos e impressos — para debelar os crimes de que fui victima desde Agosto de 1862 até Setembro de 1868 — principal mente; qujos autores São — O baxarel em Medicina Luiz da Silva Flôres, pai; Francisco de Lemos Pinto, filho; baxarel em direito Antonio Qorraia de Oliveira; Item Emilio Valentin Barrios; Francisco Baptista da Silva Pereira, filho; e numerozas outras entidades, quer empregados de fazenda, quer empregados no exercicio de algum cargo que qonfere autoridade, quer do pòvo propriamente dito.

**Enderêço.**

Qonvicto eu de ser hum bem agradavel devêr, foi ha muito minha licita tenção — oferecer á Imperial Pessoa de Vossa Majestade — hum exemplar dos pensamentos que escrevi ha alguns annos e que persuadi-me serem dignos de serem lidos ou ouvidos por Vossa Majestade

... sido porem impossivel para essa esqôlha; o mais q... para e-exforçasse; e não podendo gar-me izento por este facto, que não dei q... a, de qumprir a seguinte obrigação: — Ouzo á Vossa Majestade Imperial enviar os livros de que qumõe-se a minha Enciclopedia.

de V. M. I.

Mais hum... to,

E JOAQUIM DE CAMPOS LEÃO QORPO-SANTO —

Porto alegre, Agosto 15 de 1877.

**Huma Oitava**

A' Illm. e Exm. Sr. D. Aurora, por oqazião de entregar-lhe Romance que ajudou-me a compor, qontal Titulo.

Tuas margas — são estrêlas; Teu rôsto — é firmamento : Qom a luz (em pouco tempo), Que oqultam — teus comêtas, (\*) Produzimos — muito embora. Não qomo o poderiamos, Não qomo — almejaríamos, — O Romance, que vês, Aurora !

Porto alegre, Julho 6 de 1877.

(\*) Olhos da intelijencia

**Trez poezias**

A' Exm. Sr. D. . . . . Huma — Triunfo da Justiça.

Pareceu-me Eu ter devêr D'este Livro oferecer So para entretenimento Da que nutre sentimento De Justiça igual a o meu ! Portanto, Sr. — é teu !

**A' Mesma.**

Deparâmos-nos Qazualmente ! Simpatizâmos-nos Incontinentemente ! Estimâmos-nos Mui docemente ! Qomunicâmos-nos Decentemente ! Auxiliâmos-nos Verdadeiramente !

**Item.**

O Espada de Justiça Ofrece a huma aceada, Mimosa e delicada, Triunfo da Justiça !...

Este livro de Qomedias.

**Brio e dignidade.**

Se não tem vergonha, o pòvo (\*) Se o Governo (\*) a não quer ter... Que hade hum honesto fazer ? ! Qomo pode; hade viver ! ?

Por certo qe — deshonesto, Hade a estes parecer ! A o menos p'ra s'entreter, Afecta — não ser modesto !

(\*) Homem infâmico que se faz Pòvo. (†) Outre item que se-faz Governo.

**A' Ex. Sr. Condeça de Porto Alegre.**

Ha bastantes annos úma vez vos-vi ! E no rôsto ou semblante — reflecti Qe da Justiça — nobre sentimento N'ele s'expandia — esse momento !

Compête-vos, Sr., este exemplar Mais pois de livros q'imprimi : São da Justiça — pedestaes, açoutes, Divina, humana; — o qonfundil !

POR — JOZE' JOAQUIM DE CAMPOS LEÃO QORPO-SANTO.

Porto alegre, Agosto 15 de 1877.

**A' Ex. Sr. D. Maria Porto.**

Sempre eu ás virtudes — inclinado, Qomo eu por Elás — ser não tocado ? E assim sendo — certo — tendes parte Nestes productos d'enjenho e arte !

QORPO-SANTO.

Agosto 15 de 1877.

**Alienação mental.**

Qomo penso haverem esqapado duas espécies de louqos nas qualificações que fiz em meu 2.º Livro, aqui as declaro.

E' estado de perfeita alienação mental em que vivem aqueles, qe estragam, destroem, ou botam fóra — qouzas suas ou alheias — por haverem alguns velhaqos, trahidôres, ou larápios enqaixado-lhes no cérebro — que taes qouzas estão relacionadas qom entes a qem eles detestam e que qom tal procedimento ficão estes inimigos — cabal ou completamente estragados, destruidos, inutilizados, & ! !

**Exhortação.**

Vão os mortos pedir a os mortos apoio ou protecção qontra os males que lhes qauzaram os vivos ofendidos, — a os Cemiterios. !

**Justiça.**

Os defuntos provinsiaes aquzão qum presidente de provincia —

1862  
1868

porque nomeou um individuo para alferes ou tenente da guarda nacional, que não era seu amigo; porque nomeou outro que o não era tão bem; porque fez uma nomeação para certo lugar &... &... Os crimes porem de roubo; de assassinato moral a hum xefe de familia e professor público desta cidade; a morte física de dois membros dessa familia oqazionada por taes horrôres, — não mereceram [São necessarias talvez como outr'ora algumas pancadas em hum Pamplona] nem a o menos a lembrança dos Srs. defuntos, — quanto mais as importantissimas, as fortissimas, asbrilhantissimas aquizações dos nossos modelos politicos Os célebres Andradas. l

E' porq'ue estes eram verdadeiros representantes dos interesses públicos. l os nossos defuntos o são somente dos seus mesquinhos interesses particulares ou pessoas; e de algum individuo qom cujo auxilio qontam em alguma eleição ?

**Quadras.**

Os versos da pajina 62 sob a epigrafe — **Despertação** — no meu Livro 6º, estão prejudicados faltando as 3 quadras seguintes

A cruel que a matava!  
Tranquila depois a vi;  
Tãobem tranquilo dormi!  
Té que o som despertava,

Das cornetas que costumam  
Sobre a manhã vozear!  
Vesti-me ou levantei-me;  
E esta historia vim narrar!

Não te incomodas  
Com o que escrevo?  
Com o doce enleio,  
O' ameniza horrores!

Mete.

Quando toca emêr dois coraçõ-  
(es,  
Nem a quem não, nem duvida pô-  
de haver,  
De que do... ambos se entre-  
Em juntos brincar, gozar...

**Corôa.**

De espinhos corôa, eu não quero!  
De louro entrelaçada de lirios,  
Trabalho. l e se por ele mereçel-a,  
Heide alcançal-a, heide obtel-a/

Nesta fiel cabeça cinjir quero,  
Por virgens mãos, e não de um  
Que simbolize o trabalho, a sci-  
E seus fructos por ele, e a paci-

**Experiencias.**

Huma couza só, comendo;  
Huma couza só, bebendo;  
Parece que só suspendendo  
Finas saias e vestidos,  
A mulheres, sem maridos,  
E ás qe os tem finjidos;  
E' mui facil o se fazer!  
E o ponto stá em se querer. l

Heide experimentar,  
Se me não acabar,  
Esta penna maldita,  
Que tanto me dita. l

**Riqueza; Pobreza.**

Rode-se enriquecer;  
Pode-se empobrecer;  
Sempre que se atender,  
Ou que se desatender,

A os chamados das mulheres,  
Quer por pratos ou talheres,  
Convites espirituaes,  
Ou falando, matérias. l

Nada é hum... operador  
Meu medico... regulador. l

Quantas vezes me aparece  
E de mim nunca se esquece  
Quando aqui vou escrevendo,  
Sempre eu o estou vendo. l

Nada aconselha,  
Nada me diz;  
Com vista vermelha,  
Em rôste de jiz. l

Em pe... dado

Assás serenado,  
A mim aparece  
— Ou não se esquece. l

Sem ter palma,  
Não posso a calma  
Que dezejo — ter:  
— O que heide fazer —  
— A quem a alma  
Com gosto acalma. l?

**Rezolução.**

Depois de escaramentado,  
Por força eu hei jurado  
Não mais á oração bebêr,  
Não mais a rezar comer. l  
Gozo vida, não bebida;  
Alta vida, não comida. l

**Adivinhem.**

Tenho tentado; Não tenho podi-  
Tenho buscado; Tem me fujido. l  
Me tenho afastado; Me tem  
Tenho querido; e sido obstado. l  
Tem se finjido; e tem se escapado. l  
Busco, e seguido, sou desprezado. l

**Que vida é a minha. l**

Quem quizer que  
Quem quizer  
Eu não  
Em... vna acabar. l  
Gosto sempre acompanhando  
De... mulheres...  
Gozar... e das...  
E assim — jamais mo ret. l

**Mete.**

E' bem feliz — quem tem muito,  
Nem... quem não goza de  
mu...

**Mete.**

Qu'... Marcis,  
De mim se auzenta,  
Sempre atormenta  
A alma minha!

Não sei que cauza,  
Mas sei que é certo,  
Ouvir aqui perto

Hum duro troar!...

Se é de fera,  
Ou de gigante,  
O som constante,  
Não sei divizar!

Só sei que sinto,  
Bater no peito,  
Órgão desfeito,  
De dôr lacerado!

Mas se o seu nome,  
Ou o que lhe dão,  
Não sei — é coração!  
Não sei — que nome tem!

O que sei é que sinto,  
A dôr pungente,  
E tão latente,  
Que me faz tremer!

**Relações.**

E' longa a historia das relações,  
Atrapalhão-se os corações,  
Fazem-se mil orações,  
E por mais que lancem benções,  
Ninguem as pode aturar,  
E inda menos — praticar!  
E' couza de admirar,  
Querer-se a elas forçar!

Pode porem mui bem ser  
Que passando-se sem comer  
O necessario, e sem beber,  
A alguém possa acontecer,  
Em tudo o que faz haver  
A relação que deve ter,  
Ou a que deve querer:  
Não se forç' a este dever!

Seria mais q' indizível,  
O prazer das relações,  
Se todos os corações,  
Achassem isso aprazível!

Mas como não acontece  
Tal facto a os corações,  
Assim é que tudo esquece  
O prazer das relações.!

Não quero Marília bela,  
O prazer das relações:  
Pois transtorna tudo elle  
Nas finas imaginações!

O astro do ceo brilhante  
Descido a os corações,  
Com sua luz fulgurante,

Transtorna as relações!

Parece sua luz divina,  
Descida ás imaginações;  
Pois ora tira, ora combina,  
O prazer das relações!

Eu não sei por que razões,  
Ninguem quazi pode andar,  
Com o prazer das relações,  
Por mais que se-veja exforçar!

E' mesmo isto hum misterio,  
O andar com as relações,  
Pois mesmo tend'hum imperio,  
Não se dobrão corações!

Somos todos impelidos,  
Da vontade Omnipotente!  
São segredos, são sigilos,  
Revelar, Deos não consente.!

**Resposta a hum cangueiro  
com vistas de homem  
decente.**

Em quanto andar a galope,  
Quer como compositor,  
Quer como poetador,  
Não preciso de envelope.!

Eu sou vida,  
Eu não sou morte!  
Esta é a sorte;  
E' minha vida.!

Se não respeitas,  
A vida minha,  
A tua azinha,  
A o ar voará.!

Portanto Eulálio,  
Não me maltrates,  
Nem te mates,  
— Em me ferir.!

Ja que só damnos,  
Podes colher  
Do proceder,  
Que me faz rir.!

**Sublime vida.**

Bem grande, é bem sublime,  
A vida de escriptor.!

Com o bem lindo amor,  
Me quer mais fazer saber.  
Inclino-me á de pastor,  
Para ser hum grão doutor.!

Andar de mulher em mulher,  
— Dezejos em mim senti-me.!

Mas parece assás difficil,  
A experiencia que pretendo.!

Vou assim qual sabio tendo,  
Fé, que com dignidade,  
Pratical-o e por bondade,  
Seja em geral reputado.

— O acto que o deputado,  
Por estudo quer fazer.!

E' das leis da humanidade,  
Comer dar a quem tem fome,  
Beber dar a quem tem sede,  
Tãobem é de charidade,  
Gôzo dar e felicidade,  
A'quela boca que come,  
Ora na câma, na rêde,  
Sem nem sombras de maldade.!

**Impetração.**

Por distração,  
Ou saptisfação,  
A alguém,  
Que dezejo tem;  
Faça favor,  
Sr. redactor,  
De publicar,  
Os que encontrar,  
Poucos versos,  
D'outros dispensos.!

**Maió 18 de 1866.**

Se eu não pecando,  
Me fôr enfraquecendo,  
Se pecando, fortalecendo,  
Dizei, padre: o que convém?

A carne gozar?  
Ou desprezar.!

Mas se a carne me enjôa.!

Se a o dela lembrar-me,  
Sinto matar-me.!

Que convem fazer?  
Procural-a por dever?  
Ou fugil-a, e esquecer.!

Respondão:  
Os sabios da Natura,  
A este composto de grelos,  
Ou mistura.!

**Maió 19 de 1866.**

Ouçõ huma voz:  
E' dinheiro perdido,

O que gasta p'ra comer,  
Se continua a escrever.l

Eu respondo:

Não duvido que assim seja  
Mas para qe se veja,  
Irei comendo e bebendo,  
Irei gostando, escrevendo.l

A voz:

Muito embora Sr. Carqueja,  
Dôce comendo se veja,  
E' bem fraca sua pelêja.l

Eu respondo:

Seja fraca, ou seja forte,  
Nem por isso é cruel morte.l  
Se me parecer ir lambendo,  
Tãobem isso irei fazendo.l

**Juramento e Liga.**

Não sinto dôr,  
Mas o furôr,  
Do grande amor,  
Que vos consagro.l

Sinto no peito,  
Ardente chama,  
Que tudo m'inflama,  
Sem que me abraze.l

Sinto a excellencia  
De tua paciencia  
Augmentar o furor  
Do meu grande amor.l

Fugiu-me d'alma,  
A mais bela calma,  
Com o tal furor,  
Do meu grande amor.l

Sou teu Beliza.l  
Amo-te tanto...  
E quanto m'encanto  
De tua beleza.l

Mas tu não podes  
Alivio dar-me.l  
Sinto matar-me  
A auzencia tua.l

O teu amante,  
E' tão vigilante,  
Que nem hum instante,  
Podemos ver-nos.l

Com tudo prometo,  
Que senão mais,  
Qe serão teus  
Todos os meus..l

Carinhos, affectos,  
E o mais que temos;  
Assim viveremos,  
Té que subiremos;l

A o alto ceo.l  
La firmaremos,  
Qual bela estrela,  
E o mundo olharemos.l

Sinto na testa calor,  
Sinto lá dentro a ferver,  
E inda mais, — não poder ver,  
Tão grande fogo de amor.l

Nos olhos o abraçador,  
Em chamas a se entreter,  
Mais força dando a o viver  
O fino fogo de amor!

E tambem com tal ardor,  
Nas foças nazaes eu sinto,  
Lavrar-me sim, não minto,  
O forte fogo de amor.l

Na boca o grão favor,  
De qual doce apreciar,  
Me faz a o paladar  
Intenso fogo de amor.l

No peito faz estridor,  
Acha-se nele acendida;  
Inda bem, não faz ferida,  
O doce fogo de amor.l

Do coração sabe odôr.  
Pergunto a mim: de que é?  
Responde a santa Sipe:  
E' o meu fogo de amor.l

Té na barriga furor,  
Parece às vezes fazer  
Sem que eu possa combater  
O terno, mimozo amor.l

E é tal e a fervor,  
Que em outras mais abaixo,  
A macio, forte caixo,  
Belo mimo de amor.l

Até nas pernas se for,  
A examinar o que faz,  
Digo que as enche de gaz,  
Ou d'espírito de amor.l

Nos pés não produz dor,  
Porem sim a ligeireza,  
De Mercurio, ou a destreza,  
O mais terno e puro amor.l

Lindas azas de lavor,  
Em os braços e n'as mãos,  
Com que dá seus apertãos  
O mais fino e terno amor.l

O cabelo encantador,  
De ondas mimosas torna,  
Orvalhando, c'o q'entorna,  
O fragrante, puro amor.l

Assim pois—de belo odor,  
Enche o corpo qual cabis,  
De hum Jozé, ou de hum Tales,  
O mais fino e puro amor.l

**Anjo da guarda.**

Meu anjo escuta  
A voz celeste.l...  
Ninguem conteste,  
A sciencia tua.l

Dos ceos desci,  
Para te amparar.l  
Nada receies,  
N'hum sublunar.l

Sempre a teu lado,  
Eu heide viver,  
Triumphes te dando,  
Sem nunca morrer.l

Assim meu anjo,  
Vás para onde vás,  
Junto eu de ti,  
Terás sempre paz.l

Eu sou hum archanjo,  
Por Deos enviado;  
Matarei o malvado,  
Que ferir o meu anjo

E se audacia tiver,  
De o insultar,  
Em mil quizesos,  
O heide matar.l

A mim cedeu Deos,  
A espada de fogo.l  
Com que queimarei,  
E em cinzas farei

Todos aqueles,  
Que vis ou baixos,  
Vos maltratarem,  
Vos insultarem.l

- A JUSTIÇA -  
**REIMPREÇÃO**  
 DE  
**ALGUNS ARTIGOS**

ARTIGO 1.º

CARTA QUE COM O N. 19 DESTA  
 JORNAL DIRIJIMOS A AMIGOS  
 POR QUEM PEDIMOS QUE  
 SE DISTRIBUISSEM.

Illm.º Sr.

Redactor e proprietario do Jornal — A Justiça — com o Sr. Marcos Moraes Correia de Castro, é para mim do maior interesse — sua propagação e progresso.

E porque os principios da minha educação, o caracter, o brio, a dignidade — inabalaveis — ainda nas mais dificeis provas, e outras qualidades que devem ornar e distinguir todo o jornalista, devem ser para V. S.º outros tantos poderosos motivos de segurança — que jámais será — A Justiça — hum desses insignificantes papeis apenas lido — atirado: ouzo pedir a V. S.º o emprego de sua bem merecida influencia para obter nesse lugar em que habito o maior numero de assignantes que for possível.

Assim tambem queira V. S.º dispor do util prestimo do que tem a mais subida honra em assignar-se —

De V. S.º o mais attento vene-

rador e obrigado,

2.º

A EXM.ª Irmã MARIANA, SUPERIORA DO HOSPICIO DE PEDRO II.

Tu és Sra., — a Imagem  
 Não — dolorosa;  
 Sim — formosa;  
 Da minha santa Anália!

E's do Hospicio — A superiora!  
 Elevada sem duvida — por virtude:

Ternos afagos; candura extrema;  
 De charidade — irmã — fina Doteira!

Como santa reges tuas irmãs!  
 Como Deusa fratas os teus hospedes

Bondade excelsa sempre dispensando

A todos que de ti vão precisando!

Fica-te em paz, s' hora, como sempre

Serviços a hum Deos sabia prestando

O juramento teu, fiel cumprindo

Sempre nos doentes vida difundindo!

Agradeçidó qual daqui me parto  
 Votos farei sempre a o Poderozo  
 Por ti; e alguma outra q' te  
 (limite)  
 Nos humanos feitos sem limite!

E' findo o meu tempo;  
 Completos são quinze dias!  
 Altos deveres me chamão!  
 A Deos, Anjo, Santa! Irmã!

Hospicio, Abril 23 de 1868.

3.º

Já contava hum safadinho  
 Com sopa de pão e mel,  
 Mas converteu-se-lhe em fel  
 Já só é hum cangueirinho!

MOTE ALUSIVO.

Já não passa de um malvado  
 O juizinho tresloucado.

RETRATO.

Tem pernas de maçarico,  
 Tem olhos de tico-tico...  
 Não tem olhos, tem buracos:  
 Já não passa de hum malvado,  
 O juizinho tresloucado!

Qual cava escarçiador  
 Anda afetando a doutor,

Tem ouvidos,mas não timpanos  
Já não passa de hum malvado  
O juizinho tresloucado!

E'a falinha fanhosa,  
Mui versado á resbalosa,  
De pena papel e tinta,  
Já não passa de hum malvado  
O juizinho tresloucado!

Tem mui delgado o corpinho  
E' seu todo mui fininho,  
Corrupto por dentro e por fora;  
Ja não passa de hum malvado  
O Juizinho tresloucado!

Gestos todos de dama;  
Mas de dentro so sahê lama,  
Porongo podre a cachola;  
Já não passa de hum malvado  
O Juizinho tresloucado!

Se lhe historiarmos os feitos,  
Voremos que só nos peitos  
Metendo duro punhal,  
Ou na cachóla —do tal,

Vingar-se-hia a Humanidade  
De sua loucura e maldade;  
O negro coração varando,  
Ou a tal cachóla inundando.l

4.º

Oh! que necessidade tem o novo ministerio de passar a razoura das demissões em todas as autoridades que tem mal servido o paiz!!

Preciza de bazes solidas em que se apoie.l e não bastão as do povo! nem as que tem edificado a boa reputação de probos; honrados; honestos; intelligentes — dos novos ministros!!

São indispensaveis ainda não só para fazerem o bem publico, como para se conservarem algum tempo no poder; ou mesmo até se aborreçerem — das solidas das autoridades!!

Prezidentes de provincia; chefes de policia; juizes de direito; juizes municipaes e de orphãos. e outras authoridades que se hajão comportado mal,devem ser humas demittidas; outras renovadas; algumas conforme nossas leis penaes processadas e julgadas! e todas substituidas por outros que tenham a mesma prudencia e a mesma

cia, e indispensavel moralidade!

Não basta portanto que digão: Sou conservador progressista; pu-ro; apoiador do ministerio &c.l

Marchando conforme as leis; substituindo pelos meios legais as que são reconhecidas prejudiciaes ou más pela Nação, por disposições geralmente reclamadas; não esbanjando, e sempre augmentando, melhorando e reformando tudo quanto se vê que faz o nosso verdadeiro progresso; finalmente, tendo sempre levanta-da a espada da justiça para evitar o mal; castigar aquele cuja pratica não pôde evitar; e promover o bem: é opinião minha — que pôde viver seculos!

Deos o illumine pera que faça a felicidade geral.

E' este o meu voto; e o meu mais sincero dezejo.

5.º

A VOZ DE HUM BRASILEIRO.

Em nossa viagem á côrte passamos alguns dias no hospicio de Pedro II: lá vimos loucos de todas as classes; idades; profissões. e em todos os grãos desta enfermidade: o que porem com espanto soube a o ouvir o convite de hum dos verdadeiros medicos que ali tratam — para vêl-os; é que existião; e ha muito tempo — 3 ou 4 individuos formados em direito; e outros tantos em medicina.

E porque o bacharel Antonio Correia de Oliveira vive aqui MANIACO — nesta capital ha annos, cauzando-me — graves COMMODOS, PREJUIZOS, E DANNOS, sem querer curar-se; Reque-remos á S. Ex. o Sr. general com mandante das armas e presidente da provincia; ou a quem compita — POR CHARIDADE — haja de remetel-o para o dito hospicio.l

6.º

QUE COINCIDENCIA HORRIVEL.

Ha quatro annos que se mata, que se rouba; que se comete hum crime, senão todos os crimes, qualificados em nosso código criminal — impunemente! —

os criminozos são os proprios individuos que exercem autoridade! Estes factos se hão repetido em outras provincias do Imperio!

Ha pouco mais começou a exercer poder o partido que ha pouco foi abaixo!

Era impossivel o triumpho das Armas Brasileiras em Humaytá Nove dias depois da subida do Novo Ministerio, foi esta fortaleza tomada sem grande dificuldade.l

Quem — reflectindo sobre estes factos não conhece que os males que tanto tem estragado, e trazado o paiz, provêm da corrupção, da immoralidade dos actos dessas autoridades.l?

Que a substituição por homens distinctos por seu patriotismo; por sua intelligencia; probidade, e honra — traz tambem a substituição desses males — por outros tantos bens.l?

E convença-se o Actual Ministerio — que é de absoluta necessidade a continuação da energia que sabiamente tem desenvolvido depois que subiu ao poder.

Creja firmemente que não se poupar nas demissões dos iníquos da Lei; da Moral; e da Justiça; nem o mais vil inspector de quarterão.l

Bem diremos assim todos o Novo Ministerio; e o ajudaremos a dar tão grandes passos de conservação e de progresso — com todas as nossas forças.l

Continue Deos a illumina-lo para a felicidade geral.l

Portão escandalozo, que me o procedimto criminal, que aqui tiverão para com as autoridades por meio de demittidas, algumas felizes — demittidas — que em meus bahus, apezado ter sob os olhos — furtarão destes, acompanhados — cento e setenta e tantos mil reis!

... não são os mesmos; não in-... a promittida de S. Ex. auto-... de S. Ex. — que — pe-... não podião que papéis fu-... e em actos illegaes, exorci-... dinheiro — tirado — em... a...

para a corte — para penhorarem alugueis de caza, e em minha ausencia furtarem-me outros centos de mil réis; esqritos; e tudo o mais que poderam!

8°.

NOMEAÇÕES.

Não precisávamos, nem pretendíamos proferir palavra a respeito — porque já muito temos falado, e esqrito: como porem as censuras se tem multiplicado — perguntaremos — O governo havia de deixar de nomear commandante do batalhão de guardas nacionaes da reserva desta cidade hum capitalista de ilibada reputação, e que tantos servisos já ha prestado ao Estado principalmente nesta ultima guerra, Fransisco Ferreira Porto — para nomear algum siveandija.!

Havia de deixar de nomear hum capitão Tinôgo com mais de 20 annos de fidelidade, e de bons servicos, para comandar o batalhão da activa, para empregar nesse comando algum estúpido ou algum trahidôr.!

Não terá o governo o direito de nomear para qualqer lugar de confiança — pessoas dignas por sua intelligencia, por sua moralidade, e principios governativos que profissão.!

Querão os liberaes serem nomeados — depois de repellidos pelo Estado — para estorvar a marcha ensetada pelo governo.!

Pensão que os homens que estão no poder hão-de como estupidamente fizerão tantos liberaes — trahir o povo brasileiro que os elevou.!

Assim forão as sensuras feitas a o aqta Juiz Municipal, de órfãos, etc, desta capital: Ainda não tinha unção com tal, e tendo em seu favor não só o aproveitamento que teve na academia em que estudou, e em que foi sempre tido como alumno dotado de intelligencia e de boa moral, com a pratica de advogar na corte por mais de hum anno, e haver seu honrado pai implantado em sua goração — com a sabia palavra e eizemplo os jermens de todas as

virtudes com eisgluzão de todos os vicios.!

Assim são as sensuras feitas ao Illm°. Sr. Dr. Barselos pela tão justa quão reqlamada, e indispenzavel demissão do eis inspector geral da instrusão publica — médiqo — Luiz da Silva Flores, a respeito do qual não bazou S. Eicelencia seu aqto, nem na vijézima parte das razões que teve para demittir-o.!

Não referio por eizemplo o facto de haver S. mercê jurado falso em huma qriminoza justificação de impossibilidade moral á minha pessoa para privar-me de meu emprego.!

Não referio o costume que tantas vezes pôs em pratica de mandar injuriar, galuniar, privar de sértos direitos a professôres que o melhor que é possível qumprão seus deveres — suprimindo reqerimentos destes, informando falsamente á prezidencia da provincia seus reqerimentos, e qometendo huma infinidade de outros qrimmes que já me aborrece, e seria fastidiôzo repetir-os.!

Qujos brótos de immoralidades e de qrimmes nascião da arvore Doutor em Medicina Luis da Silva Flores, porqre sabia que taes professôres — jamais o servirão — como humildes esgravos.!

Qonvinha-lhe para poder proseguir em sua marcha de rei-féra, inutilizar de qualqer módo tudo quanto é honesto.

Estou cansado.!

Como se enganão os liberaes zinhos.!

Sirva o que eispressámos de resposta a quanto suas mersês tem sensurado, e qontinuem a sensurar respetivamente a demições e nomeações.

9°.

POLICIA NO RIO GRANDE.

Quando por esta cidade pasamos, tivemos oqazião de observar que não eiszição mais de 10 praças, se tantas — para policia esta importante sidade.!

tinhão os da mesma habitantes intenão — de pagar outros

tantos individuos que qizecem ajudar a policia — para o que se se realizasse, tinha eu dispôsto a quantia de des mil réis mensaes até que o governo da provincia, qonhecendo essa tão urgente necessidade, providenciásse mandando igual numero de soldados, ou determinando que fossem lá enganados por qonta da provincia.

E' hoje o primeiro dia em que posso narrar tão urgente necessidade, e pedir ás autoridades qompetentes o prehenximento de tal falta; a satisfacção de tal necessidade.

Nada nos é mais qaro que a vida; e a boa policia é ás mais das vêzes quem nol-a pode salvar.

Nunqa se péde portanto de mais a respeito.!

Novembro 24 de 1868.

10°.

QEIXA.

Depois de 20 annos de huma vida sem manxa e de 12 de servicos no majisterio publico e partiquilar, quja utilidade ainda não foi, nem jamais pode ser por algem qontestada: depois de mais de dois de trabalhos literarios: de pensamentos de reformas, de supressões, e de melhoramentos de todas as especies tendentes a aperfeiqoar tantas artes e industrias, — quem qrerá que depois de tantos frutos do trabalho inteletual, e material, que tanto devem ter aproveitado, e devem aproveitar aos meus simehantes, e principalmente, aos meus compatriotas: quem qrerá que depois de tudo isto — quando por cansaço proqurava alguns dias de repouzo entre meus Filhos, — qomeça a ser injuriado, qaluniado, roubado, inhabilitado moralmente para a jerencia de meus bens tão licitamente adqiridos: prezo, proçessado pelos proprios qrimmes qontra minha pessoa e estes, qometidos: obrigado a viajar esqoltado como hum qriminozo, ou algum desgraçado reqruta: medido em qazas de saúde, e em hospitaes como se sofresse alguma en-

fermidade: ameaçado de ferros/ etc. etc.

E ainda é pouco tudo isto!

O que dóe, o que eizaspera, o que qonfranje ainda a vontade a mais forte — é ter lutado inseqantementemte qontra os autores de tantos qrimmes: qonsegido auciliado de tantos outros qe igualmente padecião — derribar esse poder qorrupcto: essas autoridades inmoraes qe o eizersião: haverem subido ou occupado seus distintos lugares tão grande numero daqueles qe os qombaterão; qe os derribarão: e ainda assim — estarem sendo protelados nossos direitos por alguns de taes qriminozos ha mais de trez, ha mais de quatro annos. l

Se o governo qér jeral qér provincial ignore estes fatos: se não visse a justiça qe me assiste: se não tivesse a força necessaria em si para desde que subiu ao poder determinar ao individuo qe eizersia o lugar de autoridade subalterna — qe immediatamente me mandasse entregar todos os bens de qe por atos qriminozos se apossou, e entregou a outrem, hum malvado investido do importantissimo cargo de Juiz Municipal, e de orfãos etc. desta qapital: eu qalar-me-hia, eu não me qeixaria.

Mas o governo pode fazer o qe require; não se fas presizo mais qe huma palavra sua para tudo qe de direito me pertense — me ser immediatamente entregue: Porqe pois a não profere?

Tãobem não pode ignorar qe a minha vida anteriôr, os inqomodos, os padecimentos qe tenho suportado durante esta vida de Qristião entre selvagens — me hão aqui-brunhado de tal modo qe nem posso abrir hum livro para qopiar hum requerimento: e qe nem é facil encontrar proquradores, e advogados qe o fação — porqe em jeral são qoniventes nesses qrimmes! qe a minha actual vida — sempre em luta qom as grandes idéas, — sempre neccitado de dinheiro em papel, prata, ou ouro, para qorrer ás depezas indispensaveis á sua implantação, — a urgente necessidade de me ver livre de qredores qgazionados por taes qrimmes — para o qe qéro vender huma parte dos bens, cujo arbitrio desgraça-

damente ainda me axo em parte privado! E qe as qestões judiciais me qauzão nojo, e me inspirão horrôr!

E finalmente da necessidade qe tenho de ter em minha qompanhia pesôsas qe me amem qe me respeitem — por cuja vida sua moral e fizica eu soa responsavel!

Por todas estas razões ficamos qe — o governo — providenciara a respeito qomo pedimos.

Novembro 8 de 1868.

11°.

NOTICIAS.

Eminentemente qristãos; propugnador de tudo qunto póde qonqorrer para a prátiqa fiél e exata dos preecitos de nõsso divino Mestres, não éra possivel deixar passar desaperebido o facto altamente louvavel qe ha pouco praticou o Sr. Frederico Bier.

Retirando-se em brève qomo nos qonsta para a Európa — libertou não peqeno numero de esqravos de ambos os seqsos. Não é facto virjem entre nõs: mas algum tanto raro: qe por isso mesmo deve ser bastantemente propalado e honrado seu autor — a fim de qe multipliquem-se imitadores de tão importantes aqtos de sivilização, de qaridade; e de progresso.

Fês o Sr. Frederico Bier o qe pretendemos fazer aos qe possuimos; o qe teriamos feito em idêntiqas sirqunstancias.

Se a esqravidão é hum qrime. l  
A libertação é huma virtude. l  
Outubro — 25 de 1868.

No numero passado fizemos qonhecer a barateza de hum jornal qe se ocupa em instruir; deleitar; moralizar; noticiar; e illustrar — qomparativamente ao qe se gasa nos bailes; no teatro, nos jantares; etc.

Neste estabelecemos a qomparação qom qe muita jente dispende em jogos de qualqer espécie; em qe muitas vezes, além de numerosas horas perdidas, perde sentençaes de mil réis. l

E se a qomparámos ao qe bebemos fóra para sustentar ertos qaprixos as mais das vezes qrimino-

zos; e para aqtos verdadeiramente — eistravagantes, em qe perdemos o dinheiro, nada gozamos, cu-pouqo prazer temos, elógo depois muitas dôres; é então a barateza tão grande, e por tanto tempo; qe nem vale a pena, nem se póde, ou se deve falar no qe se dispende qom tal jornal. l

12°.

E' feliz, é desgraçado..  
Pois é grande, é deputado!  
Não lhe falta quem o qner,  
Mas não goza de mulher. l

Quem sempre está a escrever,  
Jamais póde entontecer. l  
Nem mesmo eslouquecer,  
E inda menos doudecer. l

Até quando ha de durar  
Perniciozo acanhamento,  
Que a toda a hora e momento,  
Só me faz endoudejar. l

Irra! que me-heide fartar,  
Inda que custe hum tormento!  
Heide fazer cazamento,  
Heide a mulher gozar. l

E' tão doce e salutar,  
Da mulher o apalpa mento!  
E inda maior o contento,  
De ambos em tempo qual. l

Todo o que a matança  
Com rancor, ou vingança,  
Meta-se em hum contento,  
Ainda de rozarão qual. l

Vã pra o inferno,  
Tuja da jente!  
Visto qe neste,  
Não é hum tempo. l

O que tenho eu lucrado?  
O que tenho eu ganhado?  
E o que conseguido,  
Por não haver defuido. l

Cumpramos calados,  
Os nossos mandados,  
Sejamos fieis,  
E não bachateis. l

Estes só falam,  
Aqueles so provão!  
Aqueles se calão,  
E estes se dobrão. l

E' melhor ser doutor,  
Que bachareladôr. l

13.

**Liberdade.**

Quantos desprezíveis entes tem a audacia, pelo habito em que estão de governar pretos escravos, de quererem governar homens brancos, livres — como taes ! ?

Quando eu não me-estribasse em milhares de outras incontestáveis razões, ser-me-hia bastante — a do — deshábito — para anhelar a extinção dos escravos pretos, pardos, &c.

14.

**Candidatos á felicidade de homens.**

Para se-bem viver,  
Ou mui feliz passar,  
Precizo é fazer  
O que se-almejar !

O que se-apedecer  
Para tranquilizar !  
O que se-carecer  
E que se-pode gozar,

Sem por nada sofrer,  
Sem com véras cançar !  
Sem se-nada perder,  
Muito menos matar !

15.

**Moto.**

TODA A POETA É DIVINA!

**Glória.**

Não do baixo po de terra — vil, —  
Mas do alto Eiscéiso Deo. — e seus  
O dom proveio — que nos faz por- (satélites,  
Assim pois que quando uma (lizar)  
Inapir da compõe — versos formo- (zões,  
Serto é — aprouve a Deos — a di- (vinar)  
Faço oitava, — mas prôvo na ses- (tina)  
— Que toda a poeta — é — divina

Novembr 28 de 1868.

16.

**Na minha obra — SEIS MEZES DE UMA ENFERMIDADE — se ha-**

de encontrar um artigo em que sensuramos ácremente a contra-dição palpavel — que encontramos em um artigo de nossa constituição politica e o código criminal. Estes artigos são naquella o que baniu do Império os castigos barbaros — como os assoutes a marca de ferro quente e semelhantes. No código — os que determinão os assoutes; a morte; etc.

Então discorri eu contra a eizistencia de taes artigos do código — como inmoraes; barbaros; e por isso mesmo — atrazantes do Império.

Os padecimentos próprios por-rêm occasionados pela incessante e requintada maldade de alguns homens, me-tem convencido que em vista de nosso atrazo, ainda são indispensaveis taes castigos.

Mas não julgue porêr alguém que para padecêr-os me lembro neste momento dos miseros escravos ! Não; eu dezerjaria vêr-os extensivos á alguns baxaréis em direito; visto que só de tal modo poderião alguns pais de familia — viver tranquilos.

Nem éra de espantar que os alcansasse. Não temos nós visto nos paizes mais sivilizados da Európa — espantarem-se; encarcerarem-se; e guilhotinarem-se até Reis; e Imperadores. ! ?

Que mais é que nós ? que vale mais que estes, um baxarêl em direito — corrompido por todos os vicios. ! ?

O que são eles mais que os outros homens. ! ?

E quanto são — eles e médicos — sem brio, sem moral, sem dignidade, mais baixos, vis e indignos que os outros homens que possuem estas qualidades que os distinguem. ! ?

Sou pois agora de opinão, que não se pôdem banir ainda taes determinações de nossas leis: ante-vejo que talvez seja ainda necessario ao Governo mandar levantar uma fôrça em alguma de nossas praças públicas para punir baxaréis criminosos. ! . . . .

17.

**GUERRA NA HESPANHA.**

Não é a primeira vês que nos opomos ás guerras, que aconselhemos os Governos. Já o tenho feito relativamente a nós; já fizemol-o respectivamente aos Estados-Unidos; á Italia; á Austria; e julgamos que ainda a outros Estados.

Lemos entretanto a que se levanta na Hespanha — pela falta de respeito com que o Governo ha annos procede para com a maior parte ou quazi totalidade dos hespanhoes.

Seus direitos — pelo que se lê, tendo, são todos os dias conculgados. O governo, em vês de crear; de ampárar; de proteger — destroe, martiriza; mata seus proprios compatriotas. !

E' desgraçadamente o que ia atontecendo entre nos. ! mas que por felicidade nossa; por compaixão sem duvida de nosso Qreador — descerão aqueles que vivião de crime em crime, assolando, anarquizando o país.

Vemos um único remédio ao mal que actualmente aféta a Hespanha: — E' a rainha colocar no poder todos os homens de superior capacidade que contra os que tão indignamente tem ocupado taes lugares se revoltão.

A fôrça bruta inutilizar os esforços de homens livres que pleiteão por sua liberdade, honra, vida, propriedade, e familias, fique serto — nada consegue. !

A escravidão é só propria nos barbaros. ! entre os povos sivilizados, nem Deos o permite, nem o diabo o consente.

Quando os povos collocão algum de seus semelhantes na altura de os governar, contão como os continuos beneficios que sobre eles irão derramando, como o lavrador com as xuvas que de vês em quando cahe para fertilizar, e fazer produzir seus campos :

Ou querem que sejam semelhantes ao ar com que Deos ou a natureza nos-vivifica, nos alimenta, e nos aponta os meios de licitamente empregarmos-nos em occupações em que podemos vivêr felizes !

E assim como quando aquele facto se não dá, eles atirão com a industria que eizersitão, assim os povos procedem com respeito aos governos, e aos governantes. l

E' por isso de absoluta e indeclinavel necessidade para evitar grandes males, que os governos cumpraõ seus deveres para com os povos a fim de que estes, saptisfeitos, respeitem seus direitos de governal-os. l

18.º

RESPOSTA.

Pareço huma especie...  
Muitas vezes-hei querido,  
E' elas de mim fugido;  
Outras tantas hei sofrido!  
A' menina que namora,  
A o querer ir-m'embora,  
Por sua santificação,  
Eu pesso: laiaá, sua benção!

Meu medico regulador,  
Me ha feito hum grão doutor. l

19.º

PARA AS AUTHORIDADES SUPERIORES VEREM, E PROVIDENCIAREM A RESPEITO!

O Sr. bacharel Antonio Correia de Oliveira na qualidade de juiz de orphãos suplente, não tem authority legal para determinar em hum despacho, e nomear medicos para exames de sanidade a minha pessoa:

1.º—porque desde a primeira vez que fui injuriado com padecimentos mentaes, fui por pessoa suspeita; cujos crimes tem sido por mim publicados:— o Sr. Dr. Luis da Silva Flores. l

2.º—porque tenho exuberantemente provado que essa injuria, as calumnias que por vezes se me tem irrogado por empregados a-fôro, e da policia, sem duvida combinados ou apoiados em S.S.º, só tem tido por fim — extorquir-me algum dinheiro, impossibilitar-me de reger a cadeia publica de que sou professor effectivo nesta capital, e desprestigiar-me para com uma infinidade de ami-

gos, alguns dos quaes me haviam offerecido uma cadeira na Assembléa Provincial. l

3.º — porque como já publiquei no «Mercantil», e actualmte no «Rio Grandense», o Sr. bacharel Antonio Corrêa de Oliveira é um criminoso que devia a muito estar habitando alguma cadeia, ou um louco, e como tal, algum estabelecimento de caridade. l

4.º — porque o facto que privou-me aqui em Março do corrente anno da posse de alguns bens meus, e do gozo de outros direitos, S. S.º não só sabe que foi um crime horrôrozo, como sabe que assim na côrte foi reconhecido, e por isso mesmo inutilizado por pessoas muito respeitaveis, e mais competentes que S. S.º e que alguns intitulados medicos nesta capital. l

5.º — porque podião as mesmas falsas razões tantas vezes destruidas, privar-me de novo do gozo de minha liberdade; e retardar a entrega de meus bens, cujos crimes de violencia ao meu direito de propriedade, e o de dezidia no cumprimento de seus deveres como juiz de orphãos suplente, está perpetrando ha 27 dias com seu tresloucado despacho, cujos resultados poderião até pôr-me em perpetua escravidão. l

6.º — porque um exame de 1¼ ou de 1½ hora, jamais pôde ter lugar depois das observações feitas em 48 dias, em dois estabelecimentos e por dois medicos. l

7.º — porque ninguém que tenha um pouco de juizo dirá — que é motivo para exame de sanidade o facto de um proprietario requer a entrega de bens seus, que por actos criminosos se achão em poder de outrem. l

8.º — porque deve conhecer que eu jámais me expreei a que S. S.º perpetrarem, insultando o fôro, os meios, e empregados do thezouro. — eu advogado, a imprensa, e uma infinidade de individuos — na côrte, na cidade do Rio Grande, e nesta mesma capital. l

9.º não pode argumentar com competencia ou incompetencia de jurisdicção — já pela natureza da questão, já porque as leis que vigorão aqui, são as mesmas da côrte;

já porque tendo o juiz de S. S.º é suplente deprecado a o juiz de orphãos de lá, — tem o restricto dever de se conformar com os factos provados, e sentenciados, cujos documentos se-lhe apresentarão e hão de ser publicados. l

Pergunto, se eu enviasse uma procuração bastante e carta de ordens, como pretendi, — S. S.º podia deixar de entregar os meus bens ao meu procurador? compelliria-me a vir aqui prestar exame de sanidade — ficando eu empregado na côrte. l?

10.º — Finalmente: Sr. bacharel Antonio Corrêa de Oliveira, Porto Alegre — não é huma republica, nem o Sr. bacharel Antonio Correia de Oliveira — seu chefe, e litador — para cometer impunemente quantos actos tresloucados lhe vêm á cabeça!

20.º

AO POVO.

DESPERTAÇÃO.

Aproximão-se as épocas electoraes, aproximão-se as lutas partidadas politicas, aproximão-se tambem os momentos em que se deve mostrar que é Soberano.

Haverá porem Soberania se este votar indistinctamente em individuos deste, ou daquele lado, ou sem indagar as qualidades dos ôrnão, sem que reunão um indispensavel capacidade intellectual e moral?

E' opiniao geral — não. l  
O que nos cabe fazer para não vermos repetidos os erros das eleições de 1870?

Votamos com a consciência, e não com os olhos, atendo-nos ao merito de que são dignos, e não ao do dos titulos de partido, e a que se apresentam.

Cumpramos assim um dos mais importantes serviços a nossa patria, ao Estado, e a nossas familias, e a nós proprios.

21.º

Os direitos de que just. ind.

viduo, semelhantes á teia que se estende com a junção de novos fios—multiplicação-se com a pratica de novas ações, e diminuem na mesma proporção — pelo procedimento contrario.1

Tendo Deos creado o mundo, o homem ou a especie humana para ser feliz, impoz-lhe em seus mandamentos o dever santo de trabalhar com todas as suas forças, para que torne o mais agradável q' é possível a existencia de seus semelhantes,

Como pelos maos costumes e ações de um individuo o qualificamos — perverso; assim pelos apreciaveis de outro, e optimas ações o chamamos santo.

Raras vezes poderá o ente trahido encarar o trahidor; e ainda menos o trahidor o trahido: oppos-tos sentimentos, e procedimento opposto, — repelem-se de uma maneira espantosa.

O ente mais feliz seria aquele que podesse ao mesmo tempo gozar a tranquillidade da alma, e a paz da coração.

Assim como por intermedio do homem envia Deos a outros videntes o alimento necessario: assim tambem por intermedio de outros entes pode Deos enviar ao homem sua subsistencia.

E' geralmente sabido — que em orthographia triumpho o uzo.

Nem huma couza se faz — sem cauza, e sem fim; ainda mais aquellas cujos individuos proce-

dem maquinal ou ignorantemente! Este e aquella podem parecer mãos: e serem bons, maos; justos, ou injustos.

Devem os governos cuidar tanto e ainda mais na educação das mulheres que na dos homens. Quem não vê que ellas são os primeiros preceptores da mocidade!? quem não sabe que as primeiras impressões são as mais duradouras!? que os primeiros costumes são os que mais se arraigão em nós!? quem desconhece, que ainda mesmo depois de sahirmos da companhia de nossas mãis, ainda são as mulheres os individuos que mais poderosamente concorrem para tornarmos-nos mais docis, mais brandos, mais amenos, mais bellos, mais estimaveis, mais agradaveis; e consequentemente mais perfectos!?

Quantos vivem á custa de outros, por suas asneiras; por seus erros! E' tão grande o seu numero que me parece difficil, senão impossivel, calcular.

E' huma verdade conhecida, e publicada pelo sabio e illustrado Marquez de Maricá: Não precisamos ter o incômodo de vingarmos-nos nós o somos sem indulto nem defeito.

Se vinte mil annos vivéssemos, se vinte mil annos estudássemos, sempre teriamos que aprender, e jamais se acabariao o objecto para estudo.1

A nossa alma é um reflexo da divindade a nós transmittido em seu primeiro sôpro, com que nos deu a vida, a intelligencia, conhecimento de nossa pequenez, e de

sua grandeza, saber, e omnipotencia.

E' um oceano de delicias este mundo, para quem ama, e teme a Deos, ou para o que fielmente cumpre seus tão salutaes, seus tão agradaveis e santos preceitos!

Grande parte, senão a maior, podião ter as mulheres no governo do mundo, se á sua beleza, doçura de palavras, e atractivos de suas maneiras, juntassem ou podessem juntar o cultivo de certas sciencias.

Huns são medicos do corpo, outros o são do espirito.

Respeito tanto a sabedoria de um homem—quanto me compadeço da ignorancia de outro! um e outro devem ter sua compensação, e seu martyrio.

Assim como em um só corpo existem reunidos diversos sentidos, assim existem em Deos—o Padre o Filho, e o Espirito-Santo.

22.º

PROVOCAÇÃO.

1.º

Se igual chama  
A' que me inflama—  
Teu peito ateia;  
Se amor enleia  
O teu coração;—  
Satisfaçamos,  
Anjo divino,  
A nossa paixão!

2.º

Vem—querida—

Commigo viver. l  
Vem-me entreter. l  
Commigo passar  
Momentos gostosos,  
Os mais deleitosos,  
Que nesta vida---  
Se podem gozar. l

8.º

Crime julguei---  
Outr'ora; e lutei. l  
Mas hoje--- não julgo. l  
Deixemos ao vulgo,  
---Erroneos pensares;  
Seus tristes penares;  
Liguemos-nos anjo---  
Por nossos amares. l

Novembro 24.

23.º

Amores mil  
Tenho gozado;  
E desfrutado,  
Sem o sentir. l

Distante o corpo,  
A alma goza;  
Não é fabulôza,  
A historia minha. l

E' raro talvez;  
Que assim aconteça,  
Nem toda a cabeça,  
E' como a minha. l

Diferem todos;  
Quer no amar,  
Quer no gozar,  
Quer no sofrer. l

Assim fez Deos  
A creatura. l  
Não quer a Natura  
Coizas iguaes. l

Variedade infinita,  
Que se observa,  
Tem por origem,  
A deuzza Minerva. l

Não pode o homem,  
Penetrar Arcanos  
Da Providencia,  
Em curtos annos. l

Necessarios lhe são  
Sem tempo perder,

Para os comprehender,  
Estes, sem conta. l

Procure trabalho,  
Não queira descanso,  
Nem sinta espanto,  
De seus productos. l

Confere o premio,  
Aquele que pode. l  
Não se incomode,  
Se ele tardar. l

Pois pode ser,  
Que para melhor,  
Desenvolver;

Assim Deos faça,  
Por sua graça,  
Acontecer. l

24.º

CRIMES NÃO COMETEREI.

1.º

Por mais ferozes que sejam  
Os homens para com migo;  
Crimes eu não farei. l  
Crimes não cometerei. l

2.º

Embóra o mundo inteiro  
Contra mim se revolte;  
Crimes eu não farei. l  
Crimes não cometerei. l

3.º

Embóra do inferno saião  
A milhões as tentações;  
Crimes eu não farei. l  
Crimes não cometerei. l

4.º

Embóra se convertão pedras  
Em diabos, e malvados demonios;  
Crimes eu não farei. l  
Crimes não cometerei. l

5.º

Embóra tentado seja,  
Dia e noite; a tod'a hora;  
Crimes eu não farei. l  
Crimes não cometerei. l

25.º

O QUE É; OU COMO DEVE  
SER UM VERDADEIRO  
REDACTOR DE  
JORNAL.

Sempre foi nessa opinião que  
para *alguem* poder redijir huma  
folha deve possuir ou reunir em  
si as seguintes qualidades, ou  
dons: —

Primeira — Não mentir; não  
injuriar; nem calumniar a pessoa  
alguma.

Segunda — Ter tido sempre il-  
libada conducta, quer como ho-  
mem publico se o tem sido; quer  
como homem particular.

Terceira — Conhecer pelo me-  
nos os preparatorios para as aca-  
demias de Direito deste Imperio.

Quarta — Gozar da estima, e  
confiança publica — por suas ma-  
neiras civis, delicadas, e atenciozas  
para com as pessoas com quem  
trata.

Quinta — Ser o mais pontual que  
é possível no cumprimento dos de-  
veres que contraher.

Sexta — Conservar sempre cer-  
ta firmeza de caracter; brio; e dig-  
nidade.

Setima — Que seja homem dop-  
tado de probidade e honra.

Oitava — Que tenha a precisa  
coragem para censurar os seus  
actos, e a indispensavel imparci-  
alidade para louvar os bons.

Nona — Que tenha sempre di-  
ante dos olhos — mais o interesse  
publico que o particular, não  
vendendo por isso mesmo as co-  
lumnas de seu jornal — a favor  
de raves, ou malignos escripto-  
res.

Decima — Jamais deve escre-  
ver em linguagem baixa, vil, tri-  
vial, etc. Mas fina, elevada, su-  
blime! unico meio de agradar as  
pessoas bem educadas, e de peior  
aquele que não são. Finalmente, —  
que saiba; se persuada ou queira  
— que hum Jornalista ou Redac-  
tor de Jornal, é hum director dos  
outros homens quazi como o de  
hum collegio, ou que estes incli-  
nãõ moços, crianças, etc. a tudo  
quanto lhes é, lhes pode ser útil  
aqueles — trabalho, e exorção,

se para inclinar homens.

No primeiro cazo fala-se, escreve-se, instrue-se, guia-se a entes que querem o que nós queremos, entes ainda sem opiniões suas, ou contrarias — arraigadas.

No segundo, somos muitas vezes obrigados a lutar com hum milhão de prejuizos, com sentimentos e inclinações a alguns respeitos diversos dos nossos.

E' portanto a missão do Redactor, huma das mais sublimes que se pode exercer sobre a Terra!

Algumas vezes é ella semelhante á do verdadeiro ministro que cheio de mansidão, de brandura, de honestidade, de pureza, ou de interesse particular — exhorta, aconselha, mostra, esforça-se para conservar suas ovelhas no aprisco, bem como fazer entrar nellas todas aquellas que por factos á vezes incompreensíveis a alguns homens, andão deste — desgarradas!

Em outras, é a imagem de hum general — que prepara seus soldados, enche-os de hum santo amor pela cauza que defendem, estende suas linhas de batalha, e de espada em punho avança por entre as hostes inimigas, e lança por terra tudo quanto se lhe oppõe!

Tão importante missão, para ser como deve, bem desempenhada — é necessario que aquelle que toma sobre si tal encargo, seja mais que hum simples individuo; faz-se mystér ainda que seja se não hum Deos, ao menos hum semideos: os que não tem estas qualidades, os que assim não procedem, os que assim não são, — não podem ser alguma outra couza, exercer azgun outro emprego — menos porem o de guia de seus semelhantes: — instruidor, deleitador, illustrador, recreador, ou de Redactor de hum jornal:

Outubro 19 de 1866.

26.\*  
Atravessamos uma época em que não pudemos proferir a palavra — Governo — sem sobrenomear — Ladrão; e cognomear — Assassino!  
Que feliz Governo.1 que feliz

Imperio, ou que felizes Povos.1...

27.\*

Em que parte deste mundo encontraremos—quem, sem dinheiro—faça trabalhos artisticos—com perfeição, luxozos, magnificos.1?

A mão do homem, e os materiaes de que serve-se para a fatura de qualquer objeto— não estão nas condições das obras do nosso Creator ou da Naturêza.

28.\*

MAIS UMA EXPRESSÃO A UMA — TRIUMFO DA JUSTIÇA.

A' Jovem travezeinha  
Em cazada, e solteirinha,  
O' rece o Corpo-santinho  
Hum exemplar d'um seu Livrinho.1

29.\*

XARADAS.

Oponho a barato... 2  
Sou nome, e parte de nome... 2

Conceito.

Dezigno ente feminino, — Grande, ou pequenino.1

3.

Repete-se para designar ortallice..1  
Proferimos quando mandamos..1

Conceito.

Sou liquido,  
Do qual fojem,  
Mesmo cobertos,  
— Todos que podem.1

3.

Sou a primeira silaba de hum

Sou diptongo com vogal.1

Conceito.

Ando em terra;  
Ando no ar:  
Ando com o vento;  
A cima do mar !

30.\*

REPELIÇÃO.

Lemos ha tempos hum insulto sahido da malevola cabeça do ex-delegado suplente de policia desta cidade Francisco Baptista da Silva Pereira, a mim feito: estranhei sobre maneira tanta impudicia: mas lembrei-me logo que erão os ultimos arrancos da fera que se atira, que se esforça, que faz um ultimo esforço para morder aquelle que a matou.1

Eu não lhe perdôo.1 eu não se-rei por ele e seus malvados companheiros — crucificado.1

Referirei em ligeiros traços a historia para com migo do tresloucado, Sr. capitão Francisco Baptista da Silva Pereira.

E já que não me posso ocupar em instaurar-lhe processos, pesso ao governo que o empregue no mistér de que é digno—que exclusivamente exersa o emprego de desgarrar couros.

Morando eu aqui no hotel Imperial em mezes de 1865, tentou o então hoteleiro— um belga xamado Eduardo — furtar-me trastes no valor de 300 a 400 rs., e bahús com documentos e trabalhos meus, cujo valor não é facil calcular, mas que se poderia elevar á parcela de vinte e cinco contos de reis, quando menos.

Para evitar este crime—fiz um requerimento ao dito capitão Francisco Baptista da Silva Pereira que estava exercendo o importantissimo cargo de delegado de policia, narrando-lhe o fato, e requerendo providencias.

Querem saber como se portou o liberal então delegado? — Demorou, acoroçoando dest'arte o criminozo — tres dias em seu poder o referido requerimento — sem proferir despaxo, e findos estes mandou dizer-me que estava doente.1

Que procedimento da parte de uma autoridade policial a quem se requer recursos contra hum ladrão.1.1

Ainda em Março do corrente anno—foi o dito Baptistinha—in-titulado liberal—que teve o desaforo, que cometeu o crime combi-

nado com o celeberrimo juiz de orfãos e municipal Padua Illeury — de mandar prender-me, sem processo, sem culpa formada, flagrante delicto, etc, só porque assim lhes aprouve a fim de ver se conseguia — ficar impunes de seus crimes. l

Dias depois quiz forçar-me a embarcar em um vapor da companhia de paquetes — sem que eu soubesse para onde ia, nem porque cauza era obrigado a viajar.

Qual seria a intenção destes criminosos, — senão apossarem-se como depois fizeram de todos os meus bens, furtando destes a parte que lhes aprouvesse. l ?

E finalmente — a compelição a estar no estado maior da policia privado até das minhas roupas tanto de cama como de vestir — por espaço de um mez. E findo este, ah l findo este — a ordem para que eu fosse obrigado a embarcar até — aljemado — se hesitasse, foi assignada pelo ex-presidente desta provincia — de saudozissima recordação — Francisco Ignacio Marcundes. mais bem qualificado — mulher de Mélo que o nome de que uza.

Assim como a ordem para que foço obrigado a entregar as xaves de minha caza, cujos bahús forão nessa ocazião arrômbados, e roubados dos quaes sento e tantos mil reis — foi produção do muito honesto, do muito honrado — por desgraça desta provincia — então Xefe de policia Baxarel Belarmina Peregrino da Gama e Melo l

Felismente para mim, para a provincia, e para o Imperio, forão estes os ultimos crimes aqui praticados por intitulados liberaes, mais bem qualificados — anarquistas, saltadores ou roubadores. l

Nem eu sei como pôde o ex-delegado Baptista Pereira em vista destes fatos horrorozos, de tanta immoralidade, e improbidade — exercer o emprego de Tezoureiro de Loterias, ou encarregado de venda de bilhetes. l

Muito estimarei que o Sr. Baptista Pereira fique saptisfeito com a resposta ao seu ultimo insulto contida nas verdades que aqui expresso, assim como que — em vez de tomar-me o tempo que

dezejo empregar em coizas uteis, em patentear • que é, — ocupe-se em desgarrar, e bater seus couros!

Outubro 30 de 1868.

31.º

AO BAXAREL MELO BARRETO.

Para que S. mercê visto que diz que é — conservador — me não obrigue a narrar dolorozos acontecimentos de hum anno pouco mais ou menos — como sejam requerimentos infundados, impossiveis de atenderem-se, injurias, caluniozos á minha pessoa, para divorcios, — e por empenhos de viúvas do peito de Sua mercê, cujas consequencias forão a morte de meu filho mais moço que não lhe perdôo, á falta de recursos tendo-os eu de sóbra para sustentá-lo: — peço-lhe que não continue a mentir por cazas de amigos meus — com o fim vil e baixo de extorquir-me assignantes.

Bem sabe que os assignantes que tenho são os que me querem pagar depois de me haverem lido, que o meu maior interesse é a destruição completa dos denominados liberaes que para com migo, e para com outros brazileiros cometerão prevalecendo-se da força bruta um milhão de horrores: que não sou criança; nem falto das qualidades que distinguem o homem honesto e sãvando, para faltar aos meus compromissos, como tão levianamente S. mercê tem accoverado: embóra para satisfazer os gastos sempre mais que o que recebo: e em fim que nada conseguie com as suas mentiras util para si, podendo entretanto ofender, e prejudicar aqueles de quem affecta ser cerreligionario politico.

Certo de que — se eu fosse Xefe de um partido politico, homens que assim procedessem afastava-os por indignos: — sempre o fiz e faço para com aqueles que affectam ser meus amigos particulares.

Huns e outros só servirão para vexar-me e incomodar-me.

Queremos homens de sã moral, inteligentes, ativos, e energeticos, — para que possam os povos do Im-

perio — ter bom governo.

Outubro 30 de 1868.

32.º

INTOLERANCIA.

Senhores tipografos: não tolero — nem hum erro, nem huma falta.

Outubro 21 de 1868.

33.º

NOS EXERCICIOS DOS EMPREGOS QUE DEIXEI.

Quando alguém mal informado, ou ignorante, pedia-me que praticasse algum acto contrario a meus deveres, era minha resposta abrir a Lei que me havia obrigado a cumprir, e mostrar-lhe — que me sendo tal acto prohibido eu, jamais o praticaria:

Entretanto que, se como particular, lhe podia ser util em alguma couza, com muito gosto, lhe prestaria algum serviço.

Se assim praticarem todos os funcionarios publicos, ninguém se queixará de vivermos felizes. l E se algum por malignidade o fizer, pagará milhares para o castigo.

Outubro 21 de 1868.

34.º

ANNUNCIO.

Comprão-se da Justia de Camara os numeros 2, 21, 22, 23, e 24, e 25, ou 7 exemplares: Paga-se por cada hum Exemplar — Reis 1.000.

35.º

PROGRESSO.

Graças ao Eterno já se experimenta, já se vêem, já se gozão alguns melhoramentos que, por tanta demora, já ião a muitos parecendo impossiveis!

Já a guerra está quazi concluida; já temos telegrapho electrico



transmitindo a os sabios a cuja critica sujeito.

O primeiro suprimia para exemplo o U na palavra Que, em seu Abecedario para aprender-se a ler nas escolas; o segundo diz e exemplifica em huma nota de sua gramatica Que o que se pode fazer com menos, não se deve fazer com mais!

O terceiro, ensinou-nos que a civilização moderna é mais devida a derrubada de erros antigos que a descoberta de verdades novas.

Qualquer deles felizmente para mim, prova tão evidentemente o que afirma, que nada fica a dezejar, a combater, ou contestar.

Sou de sua opinião, por jenio; por indole e inclinações, por costume, por habito, por conveniente; nunca vacilei pois, nem jamais o farei, para que tão grandes melhoramentos que se podem effectuar nesta quarta parte da gramatica Nacional, se vão pouco a pouco introduzindo!

As minhas obras quasi só eu as entendo: tantas forão as inutilidades por mim suprimidas! Ache porem cêdo para que desde já se faça tanto!

Os timoratos -- se receiarião: os aferrados ás outras linguas, e principalmente á latina -- não querião, como não querem perder huma couza inutil para nós -- só pelo simples facto de tal couza ser naquella--indispensavel, como se não fosse loucura cometermos todas as más ações; vícios; e erros de nossos pais -- só porque eles os praticarão!

Quiçá outros levados de alguns outros prejuizos, muitos de condenavel preguiça, tãoobem a rejeitassem!

Assim pois entendemos dever adiantar somente o que nos parece mais facil, e de prompta acceitação.

Entrão neste numero as seguintes reformas: --

1ª. -- Supressão de U em todas as palavras que não soa.

2ª. -- Supressão de huma das letras que uzão dobrar inutilmente.

3ª. -- Escrever Q em palavras em que o X, e outras letras furem o som desta.

4ª. -- Empregar sempre o G com o som forte que tem em Gado, Guerra, etc, cuja segunda palavra se pronunciará do mesmo modo, escrevendo-se -- Gera.

5ª. -- Supressão do H em palavras: que não soa, nem serve para distincção alguma.

6ª. -- A figura Z para soar sempre -- ére; como em Para; etc; ficando esta para só ter som forte entre vogaes; e assim escreveremos -- Caro -- pronunciarmos como o fazemos em Carro. E cazo, etc.

7ª. -- Uzo do S em todas as palavras que se póde dispensar o C cedilhado.

Esta letra eu suprimo; pois para soar Q -- temos esta; e para soar S, -- temos tambem esta.

8ª. -- Não empregar dois ss, senão quando o primeiro soa com a primeira sílaba, e o segundo com a segunda.

Nem com o som Z, senão nas palavras compostas como em des- seis, des-obstruir, des-arranjar, etc.

9ª. -- Inutilizar-se o uzo do ch, quer para o som de X -- visto que temos este, quer para o som de Q, visto tambem haver este para assim soar. E por isso em vez de escrevermos -- Sexo; e pronunciarmos -- Seqso, escrevamos deste segundo modo: ten o ouvido muita jente já que em alguns annos em os primeiros modos ma escrevi!

10ª. -- Não soar o X, muita jente uza em Felix, e outras palavras; nem tambem a som ao Z, porq não precisamos: os o fazem entretanto em depez, gaz, arroz, e em muitas outras palavras.

11ª. -- O Y por não se deve de aparecer do Alfabeto, e não aconteceu ao desuzado W.

São estes pois os melhoramentos que tenho convicção de que se forem adoptados -- o individuo que com a orthographia antiga gastava hum anno em aprender a ler, o conseguirá em 6 ou 8 mezes quando muito.

Oxalá estas notas, estes frutos de incessante e acurado estudo sobre o modo mais facil e prompto

de transmitir a meus alumnos por espaço de 10 a 12 annos os conhecimentos por mim até então adquiridos, possam achar em intelligencias e em corações Brasileiros aquele abrigo, aquele amparo, aquela protecção -- que em mim encontrarão.

Ainda que porem ninguem encher gasse o melhoramento que eu vejo em tal reforma com a adopção do que indico, nem por isso deixaria eu de gozar aquella tranquillidade da consciencia, aquele prazer que sempre experimenta quem desintereçadamente para com sigo -- se exforça, trabalha, e leva ao conhecimento de seus discipulos tudo quanto cre firmemente -- que lhes é, ou que lhes pode ser util.

Outubro 23 de 1868.

97.

Um SONHO. DE MACHAREL MARCONDES.

Lá se erguem, vejo, dos sepulchros os mortos de cabellos dirigidos. |  
Eles até vem, mãe, que horror! |  
Salva-me céos! Oh! que damna- |  
dos!

Das pedras de fogo, e das |  
Das negras bocas como nuvens |  
dos olhares, e das |  
lho ja me...

o resfriar-me |  
oração gelado; a |  
E, estou, sim: eu estou...

abra-me agora a louza do sepulchro |  
A covã se me faça bem profunda |  
Enchão-m'a do sangue dos algozes, |  
Que o céo insultão; que a Terra |  
(inunda.)

Não quero; não consinto; não de- |  
(zejo-

Que nessa lapida; ou campa fria,  
Vão, mulher e filhos chorar nenias,  
Nem parentes, nem amigos. l pois

O calor que este corpo exalará. l  
O gosto de converter em minhas

Ou de substituil-as, por seu san-  
Não gemão; não chorem; taes alar-

Que me dão a mim desgosto. l  
Ah. l quanto dissabor — eu sinto  
Quando chorão; lamentão ou inte-  
Por aqueles a que tão — justo —

Aquele que escapará sanha mi-  
Com o poder de um Deos neste meu  
Alma; restos, que alto bradão —  
A ferro: a fogo; a bala — seja morto,

Determino. l e que se execute —  
Estou bravo; estou terrivel; fero. l  
E se ainda assim algu. não se lindar,  
O vento — mando; e a agoa — va

Quero a terra de demonios limpa  
Qual claro chrystal; ou pura lym-

Quero a cruz gravar; a Relijiao —  
Em todo alto, e baixo collocão. l

Quero o respeito a um Deos Todo  
Todo Justiça; Divindade; e mais  
Todo humano; tambem — castiga-  
Seja qual a condição que tenta; ou

Tu não vês feroz bruto. l mizero  
Que nada fazer podes do que has

Oh. l barbaro. l oh. l insensato. l  
E indignos — estes — brutos negão

Soprou-te um Deos em tua infancia,  
Esse que respira — ar vital.

Nesse envolto que te sustenta;  
A parte que diviniza ou principal. l

A intelligencia, trahidor l ingrato. l  
Que te faz — bruto — tudo gozar. l  
Que te faz — selvagem. l — evitar —  
Os que aos das brenhas das tratos!

Não te pregou no Sinay monte  
Seus preceitos. l Não l'os pregão,  
Tambem — Os seus Ministros. l  
Não te impõe as leis dos que pro-

Paizes do Globo, ou civilizados?  
Não te são tão recomendados —  
Pelos que a vara da Justiça — em-  
Vessa cabeça, e coração, se não

Estes preceitos desde a infancia. l  
Para que os transgredis em maior  
Para que aiguaes vossos violentaes?  
Que é de teu ser; se és só maldade?

Onde está tua razão; o teu juizo?  
Esse sópro divino que te deu  
O teu pae; teu amigo, o teu Deos!  
Se vives tu em tudo, quaes judeos!

Tu preferes malvado ás doçuras  
Em cumprir as leis do Omnipotente  
Os rigores; os horrôres do Inferno!  
Nelle vive; nelle habita para sem-

E's cego, és surdo, és mudo,  
Estúpido, feróz, para o que convem,  
Intelijente, ativo, esperto  
Para o mal, ou o que não é, bem!  
Diligente, seguro, e atrevido,  
Talentoso, engenhoso, e audaz,  
De tão raro, agudo, e fino tino,  
Que milagre parece; e perspicaz. l

Mis do demonio, não de um Deos.  
Gujado, sim das furias do Inferno!  
Em teu coração habita Satanaz. l  
A mais partes para o bem — ge-

Portanto, ó malvado! não boquejes!  
Condemnado já estás a pena ultima!  
Por Deos... por óda a especie Hu-  
Eis acóva — aproxima-te — em cima

« — Depois de havel-o empurrado,

E lá bem no fundo o collocado»,  
Te porei pedras, (algú nas lan ça)  
Vil. imundo pó, ahí descansa. l

Agora cubra-te mais esta,  
Em que porei esta inscripção:  
— Jaz aqui um mizero mortal,  
Que não teve alma; corpo, e cora-

ALGUNS PENSAMENTOS.

Tendo visto por vezes em jor-  
naes da provincia, e da côrte; o  
meu nome procedido da palavra  
alferes; e porque não quiz aceitar  
este posto na G. N. em 1849; não  
quiz tambem o de tenente em  
1852; e aceitei o de capitão de vo-  
luntarios da patria em 1856; cuje  
nomeação não foi publicada, por  
empenhos de inimigos meus para  
com o falecido Ferraz, então Mi-  
nistro da Guerra: declaro que es-  
tão em erro. l

Não quer, não pôde mesmo a  
dignidade admitir, depois destes  
factos, e tendo no exercito alguns  
vinte moços a quem ensinei a ler,  
escrever e a cantar, feitos officia-  
es, alguns delles, capitães, e um  
filho, ou afilhado de S. Ex. o Sr.  
visconde do Erval, Major, uma  
patente inferior ás destes.

39.\*

Das jornaes da provincia a no-  
ticia de maior importancia é a  
queda completa, e a geral desmo-  
ralização dos homens que apoia-  
vão os que estavam no poder, ou  
do partido denominado Liberal,  
ou Libera progressista. l

Da côrte, e provincias, os feste-  
jos pela tomada de Humaytá; e a  
elevação dos conservadores pro-  
gressistas ao poder.

Em balde tem procurado os ho-  
mens do lado contrario com bo-  
tos falços illudir as populações. l  
baldados esforços. l Logo depois  
toca a verdade em todos os ouvi-  
dos, penetra as intelligencias, e  
enche, transborda de gozo a todos  
os corações. l

40.\*

E' fallecido o capitão João Jozé

Vieira. l

Uma vida longa e de bons costumes, distinguindo-se principalmente pelos sentimentos de probidade, e honra, ao saber seu pensamento, experimentamos profunda dôr. l

Apresentamos pois, com quanto o vejamos na manção dos justos, gozando sem soffrer, os maiores bens que se podem almejar, os n. ssos mais intimos sentimentos à S. Ex.ª familia, parentes, e amigos. l

41.º

Emquanto os máos — matão, riem-se, e gozão — os bons padecem; chorão e morrem.

42.º

E' tão curto, limitado, acanhado o saber humano, quanto é extenso, grande, incommensuravel o saber divino. l

Feliz do Jenero-humano se todos excitassem um santo dever: concorrerem por todos os môdos, e quanto podessem para minorar os males, e augmentar os bens; diminuir os soffrimentos, e acrescentar os gózos de seus semelhantes. Esta felicidade tornar-se-hia ainda mais intensa se a sua bondade tocasse ao ponto de não maltratar ente algum sensível.

Huma ação jeralmente reputada má, é sempre orijem de alguma ação jeralmente reputada boa! Parece que corre, ou vae o bem em busca do mal, e para expelir este de onde o encontra, peis ordinariamente onde o segundo apparece não se faz esperar muito o primeiro.

Somos organizados de maneira tal (Perdeu-se a continuação deste pensamento).

43.º

REQUERIMENTO FEITO A' PRESIDENCIA DA PROVINCIA PARA OBTER A PRIMEIRA LICENÇA QUE COMECEI A GOZAR EM SETEMBRO DE 1862.

Illm. e Exm.º Sr. Doutor Presidente da provincia.

Jozé Joaquim de Campos Leão, P. publico da primeira cadeira do primeiro distrito desta cidade, não podendo ao mesmo tempo rejeitar sua cadeira e occupar-se de trabalhos literarios, vem requerer a V. Ex. licença sem tempo e sem vencimentos: dignando se V. Ex.ª determinar que seja a mesma provida intrinsecamente em pessoa idonea até que findos estes, possa o abaixo firmado ser util a seus alumnos.

Pede portanto a V. Ex.ª se digno assim deferir.

Porto Alegre, Ago do 12 de 1872.  
Jozé Joaquim de Campos Leão,

Observação.

Este requerimento não foi despatchado, por que ao apresentá-lo na Secretaria da presidencia, disse o empregado Brito, que já a presidencia me havia licenciado por trez mezes a requerimento minha mulher.

44.º

A' ASSEMBLEA PROVINCIAL.

Illms. Srs. Deputados á assemblea provincial.

O professor publico desta cidade abaixo firmado, dezejando enriquecer sua intelligencia de mais soma de conhecimentos uteis para transmitir a seus alumnos:

Considerando de muito mais utilidade publica a instrução primaria no mais alto grau de perfeição possible, que o estudo de pontes e calculas, para o qual dignaram-se VV. SS. consignar quantia na lei do orçamento provincial ao Dr. Nunes de Matta, venho, confiado em que se que nos peitos de VV. SS. tão

temente deve palpitar de lugar e taes auxilios, requer a SS. SS. a quantia de 2 até 3 contos de reis, e por 2 até 3 annos, afim de ir estudar á europa aprender, e notar tudo quanto ha de melhor sobre este ramo de serviço publico.

Porto Alegre, Novembro de 1862.

Jozé Joaquim de Campos Leão.

NOTA.

Este requerimento deve estar arquivado na Secretaria da dita Assembléa.

45.º

REFLEXÕES.

Espanta-se para hum tão grande Imperio; e que divide com tantos paizes estrangeiros alguns dos quaes já tanto nos hão provocado, marque-se apenas o numero de lezezes mil soldados em tempo de paz, e dezoito ou vinte mil — em tempo de guerra!

Sem hum exercito de 40 mil soldados, e hum armada de 40 a 50 navios preparados para entrar em combate a qualquer instante — não pode haver segurança alguma em nossas fronteiras, nem gozaremos o respeito que hum tão grande Imperio deve inspirar a seus vizinhos!

A economia ridicula, ou prodiga que — Camaras fazem decretando tão pequenas forças — triplicará as despesas, as perdas, e os males que soffremos no momento precizo: — ou quando dos insultos pessosos passarem aos ataques jeraes.

Silêncio para exemplo unicamente esta provincia, cuja fronteira é garantida de 100 leguas, e cujos vizinhos são pela maior parte de povos impertinentes.

E' impossivel com menos de dez mil soldados, visto não haver fortificação alguma, nem ao menos as necessarias defeza. O que tambem evitaria, se não a totalidade, ao menos a maior parte do contrabando que continuamente se faz por tantos pontos da fronteira. O que traria ao Estado hum 4.º

metade do que gasta-se com  
esses soldados;

Novembro 18 de 1862.

NOTA.

Que vantagens alem da segu-  
rança de nossas vidas! certamen-  
te os paraguayos em numero de  
dez ou doze mil — não matarião,  
não roubarião á sua vontade —  
em trez de nossas povoações fron-  
teiras S. Borja, Itaquy, e Uruguay-  
ana.

O que são trinta mil soldados  
divididos por tantas outras pro-  
vincias fronteiras, e as outras do  
Imperio?!

O que são quarenta, ou cinco-  
enta navios bem armados, bem  
equipados, para amparar, para  
protejer nossa marinha mercante?!

Os que possuímos consta me q  
alem de velhos, maus, e mal guar-  
necidos — não excedem a esse nu-  
mero! Os quaes pois vendidos  
huns, preparados o melhor que é  
possivel os que ainda podem con-  
tinuar a servir, e mais quarenta  
novos — ficaríamos então com  
huma marinha de guerra util a  
todos os respitos, e de sessenta a  
oitenta navios!

E ninguém avance a falsa pro-  
posição — economiza-se em não  
— os.

Novembro 7 de 1868. — Porto  
Alegre.

A minha cabeça e o meu co  
ração:  
Tem sido ha annos continua de  
(Sábios,  
— Tantes—segura, simples ha  
bitação!

Fevereiro 10 de 1868.

O participio, o adjectivo — In-  
deferido — é empregado por au-  
toridade, quando esta não profe-  
re Despacho conforme se requer,  
ou não conforme se requer.

Empregal-a, e em seguida hum  
despacho negando o qe req-reu-se

— como já vi escripto — em mi-  
nha opinião é crasso erro.

Fevereiro 4 de 1868.

E' justo, visto que a meus in-  
justos inimigos só falta arranca-  
rem-me as entronhas — que eu, e  
pessoas que me pertencem nos  
sustentemos das partes mais finas  
que neles possão existir. Quanto a  
o bagago — sustente-se a terra.

Fevereiro 10 1868.

Os escandalos, as extorções —  
são tantos que com sangue escri-  
vi: — Condeno á morte fizica e  
moral os incorrijiveis entes da mi-  
nha especie que — por maldade  
me hão ofendido, ou prejudicado!

Fevereiro 10 de 1868.

O que de propozito comete dois  
crimes é, ou pode-se considerar  
— incorrijivel.

Este signal---etc., nunca equiva-  
leu, nem equivalerá a E conjun-  
ção copulativa ou ligativa, como  
erradamente muitos individuos  
empregão.

E' sim huma interjeição su-  
pressiva, pois quando dele nos  
servimos, é para não escrevermos  
todos os titulos, qualidades, atri-  
butos -- de hum objecto, ou de  
huma pessoa.

A qe luta, ó Deos, estou eu con-  
denado.

Fendo a sublime, grande, deias!  
Quaes potros, mulas — vivo a  
(domar!

Estes enfermos — sem querer  
(m'igualar.

Hum ministerio composto dos

Exms. Srs. Drs. Marquez de Olin-  
da, Pimenta Boeno, Muritiba, Na-  
buco, e mais tres homeus dopta-  
dos de inteliencia, brio, caracter,  
e dignadade, podia fazer a felici-  
dade de cada familia, e de tal mo-  
do -- a felicidade publica.

Fevereiro 12 de 1868.

Bem podíamos relacionar estes  
que os Maçons uzão -- com as  
palavras -- Padre, Filho, e Espiri-  
to santo.

Fevereiro 14 de 1868.

O nosso espirito não pode como  
o nosso corpo ter muito tempo de  
quietação; ele salta, ou vaga de  
ente, ou de coisa em coisa -- co-  
mo o passaro, ou inseto de ramo,  
ou de flor em flor.!

Fevereiro 17 de 1868.

O espirito reje o corpo, isto é --  
este não se move sem conseção,  
ou impelição daquele.

Fevereiro 18 de 1868.

As mulheres pouco felizes em  
geral -- dão enfeimrdades e arran-  
cam dinheiro.!

Cauzão vexames, e arrancão cre-  
ditos.!

Fevereiro 17 de 1868.

Para amor — não ha vassalo  
nem senhor.

Fevereiro 18 de 1868

46.

DIREITOS PESSOAES.

Os direitos pessoaes são tanto  
mais importantes, altos e subli-  
mes que os de propriedade e  
quaesquer outros, como Deos é  
superior ao homem, ou como es-

te é superior aos brutos e ás cou-  
aes.

São direitos que nos dá Deos—  
nosso Creador e Senhor; a Nature-  
za — apoiados, protegidos, ampa-  
rados por nossas leis. Os outros ape-  
nas nestas conforme as condições  
de nossa associação politica.

E qe desesperados vivem aque-  
les que tendo sêde de justiça, di-  
reito a que se lhes faça justiça, e  
tantas vezes requerido justiça, —  
esta se retarda, ou não se lhes  
faz. l

Asua vida alem de ser sem  
prazer, — é a continua desespe-  
ração!

Que tremenda responsabilidade  
peza sobre as cabeças dos que go-  
vernão, que vêem, que ouvem os  
gritos da innocencia oprimida, e  
com indiferença ou menospreso  
olhão para seus queixumes, olhão  
para seus padecimentos!

Os factos nel-a revelão todos os  
dias. l

E' incomparavelmente maior que  
a do medico que, por desleixo, in-  
diferença, ou de proposito, deixa  
uma insignificante enfermidade  
matar o doente que trata!

Ou a que peza sobre a corrupta  
alma do parcho que por ma-  
lignidade deixa de levar o Viati-  
co ao moribundo que o chama, e  
arde em dez jos por tomal-o. l

Cuidado pois, govêrnos! Não  
vacileis um só segundo em ma-  
tardes os maus para alivio dos  
bons, em amparardes estes contra  
os actos de ferocidade daque-  
les. l

Temos todos direito a exigil-o.  
Novembro 6 de 1868.

47.\*

**EXORTAÇÃO E PROGRESSO.**

Continue Deos a inspirar-me! a  
gútiar minha ligeira pena! Já se  
vê, quero escrever sobre assumpto  
que tem relação com os segundos  
casamentos, em vida dos primei-  
ros contrahentes.

Provei em meu primeiro artigo  
as grandes vantagens, e nenhu-  
mas desvantagens da efectua-  
ção dest- facto aliás de lei em ou-  
tras religiões.

Resta portanto agora expor al-

guns pensamentos sobre os bens  
pertencentes aos cazaes, e sobre os  
filhos, havendo-os. l

E' opinião minha, que aqueles  
devem ser divididos em tres par-  
tes iguaes, uma para os filhos, ou-  
tra para cada um dos pais.

Quanto a estes, devem acompa-  
nhar os pais as filhas, para que  
tenham o amparo de hum homem,  
e seu maior amigo!

Os filhos acompanharão as  
mães, se estas tiverem capacidade  
para dar-lhes igual educação á que  
o pai pode e quer dar-lhes, se este  
nisso concordar. l

Repito; não deve ter lugar a se-  
paração espirital e material dos  
conjuges:

Primeiro: sem que se hajão  
passado seis ou sete annos depois  
de casados.

Segundo: Sem que provem tan-  
to no juizo eclesiastico como no  
municipal a impossibilidade de  
viverem juntos; quer physica, quer  
moral. l

Terceiro: Não pode ter lugar esta  
desliga, ou divorcio eterno, se-  
não por combinação e requerim-  
ento firmado pelos cazaes que se  
divorciam. l

Quarto: Os bens pertencentes a  
os filhos passão a ser heridos pela  
pai, ou pela mãe, tantos quantos  
são os filhos que a este ou aquele  
acompanhão.

Sem as mais evidentes provas  
da impossibilidade physica ou mor-  
ral, para poderem viver cazados,  
não se póe tentar esse divorcio.

Quinto: Nem pode o mesmo ter  
lugar mais que uma vez para que  
não possa tambem haver mais que  
dois cazamentos formaes.

O que da primeira vez errou,  
procure acertar na segunda. E se  
continuar a errar queixe-se de si,  
ou de sua má, ou infeliz sorte ou  
destino!

Os cazamentos mystos, os caza-  
mentos civis, a impossibilidade de  
compelir por pelo poder espiri-  
tual, que não poder temporal,  
entes que repelem, a viver li-  
gados como os que se amão: a in-  
possibilidade de transformar, de  
modificar ou amoldar a natureza  
humana, de forçal-a, etc. --- São  
outros tantos argumentos em favor  
do que proponho como indispen-

savel; do que exorto como pro-  
gresso. l

Novembro 7 de 1868.

48.\*

**COMUNISMO.**

Já escrevi ha annos sobre este  
assumpto, provando que, é impos-  
sivel material, e geral. Não sei  
porem onde existe esse rascunho.  
parece-me porem que não está no  
livro de 88 paginas furtado prece-  
dida a violencia pelo sem duvida  
comunista do que não lhe pertenc-  
ce bacharel Augusto Cezar de Pa-  
dua Fleury, de muito saudosa re-  
cordação. l

Mas é minha opinião que, é tão  
impossivel, como o é encontrar-se  
lois entes iguaes tanto no exterior  
como no interior. l

E' porem infalivel sua existen-  
cia espirital até nos animaes de  
differentes raças.

E' este bem tão geral entre nós,  
tão agradável, tão tocante, que  
nem precisamos demonstral-o. l e  
se o quizessemos fazer, bastaria  
lembrar as nossas conversações  
particulares, a leitura de livros,  
de um jornal, etc, etc, de modo  
que é impossivel a nossa existen-  
cia, o nosso contacto, as nossas  
relações, as nossas amizades, sem  
que haja o comunismo.

E' portanto este o unico aceita-  
vel e possivel que em geral pode-  
mos gozar, mesmo porque a não  
ser o da mulher com seus filhos  
e com seu marido, ou restricto a  
pequenas sociedades, ofonteria  
as leis da sociedade em geral, tor-  
nar-nos-hia quaes brutos nos  
campos ou nas selvas

Novembro 7 de 1868.

49.\*

**VERDADES.**

Não precisava mos repetir para ser-  
mos conhecidos, porque nossos  
actos e nossas palavras todos os  
dias o expressão, que somos con-  
servadores-progressistas: conserva-  
dores por que queremos a conse-  
vação de tudo quanto possuímos,  
bem; progressistas porque não que-  
remos que se poupem, nem pou-

famosos esforços para a aquisição de tudo quanto ha de melhor, sempre dentro dos limites que tração as leis, e religião do imperio! sempre tendo em vistas os interesses geraes, e particulares; sempre evitando males de qual quer especie, e promovendo todo o bem possivel.

Esta ideia grandioza; este pensamento feliz está ha mais de dois annos na memoria de todos, por que incessantemente o havemos publicado.

O que porem ainda muita gente distincta pode ignorar são as causas que nos levarão a tomar esta qualificação.

E é por isso que agora o declaramos: —

Primeira. — O descredito em que havia cahido o partido conservador puro, ou simplesmente conservador, quando foi chamado o partido liberal ao poder.

Segunda. — Acrença ou convicção em que uma infinidade de individuos vivia de que os conservadores querião conservar o sempre agrilhoados, escravizados, de tal modo, que nem o indispensavel sustento tivessem, sem licença da capital do imperio, Governo Geral, ou côrte.

Creença que se abrigava nas cabeças de muitos homens formados, e por seus labios propalada.

Tercera. — Porque não sendo os factos alegados faceis de destruir senão por longos annos, e com as evidentes provas que todos os dias damos, e dá o governo e todas as autoridades que dele fazem parte, cremos firmemente poder-o conseguir de prompto qualificando-nos com as palavras que verdadeiramente expressão — o que somos, o que fazemos, o que queremos que outros sejam, e o que queremos que outros fação.

Bem assentado o que somos, diremos duas palavras respectivamente ao chefe do lado liberal — nesta provincia.

Se nunca soubemos de actos da intelligencia de S. Ex.<sup>a</sup> pelos quaes ficassemos convencidos ser S. Ex.<sup>a</sup> uma grande capacidade nas letras, temos a felicidade de poder afirmar que de muitos ha-

vemos sabido que nos têm convencido de que o tem sido nas Armas.

Tendo-se dedicado em corpo e alma, talvez desde menino a esta carreira, não era mesmo facil, nem deve alguém exigir que se listinga em outras artes e sciencias.

Alem destes factos, e qualidades honraes propriamente ditas, que tanto em nosso ver e ouvir o distinguem, supomos ter sempre procedido politicamente com as melhores intenções, o que não é — pequena virtude.

Mas houve infelizmente para o imperio, e com especialidade para esta provincia um gravissimo mal em seu dominio politico: foi cercar-se do Dr. Luis da Silva Flores, Emilio Valentim Barrios, e sem duvida de muitos outros que por seus multiplicados actos de malvadeza, de crueldade, e de barbaria — São a causa da queda de seu partido nesta provincia.

O meu coração se despedaça em lembrar-me que S. Ex.<sup>a</sup>, o coronel Felipe Nery; e outros cuja vida seja igualmente limpa, hasteião uma bandeira que cobre, ou que tem coberto a tantos individuos sem brio, sem moral, e sem dignidade, porque assim prejudicão-se, e ao Estado — contra suas proprias convicções e persuações, contra sua propria vontade.

Bem como — nosso coração se encheria de jubilo, — se vissemos homens taes — abandonarem taes companheiros, e ligarem-se aos novos homens que actualmte occupão o poder.

Não é facto virgem nas Nações, nem ainda o menor dezar lhes poderia rezultar de tão louvavel procedimento, ao contrario, e nem sei como hum homem pode viver em boa harmonia com outro, protegei-o, etc, pensando e procedendo de modo oposto a tal individuo.

Parece até que nossa propria natureza repele factos desta ordem.

Não minto, nem exagero; S. Ex.<sup>a</sup> nunca cometeu um roubo, nunca assassinou moral, ou physicamente algum compatriota seu para apossar-se de alguma parte de seus

bens, ou pelo gosto de o ver um desgraçado. — Nunca injuriou, nunca calumniou a pessoa alguma para satisfazer interesses mesquinhos; ou só pelo gosto de fazer mal.

S. Ex.<sup>a</sup> como militar tem corrido sempre á defeza de todos os direitos de seus compatriotas offendidos, destruidos por vis e indignos estrangeiros; — como pôde hade continuar a colocar em posições para que continuem a cometer taes crimes, os individuos que protegem, que collocou.?

Como hade trabalhar em proveito de taes entidades prejudicando interesses particulares de outros, interesses geraes da Nação, e seus proprios interesses.

Como proteger transgressores de todas as leis, violentadores de todos os direitos.?

S. Ex.<sup>a</sup> é marechal de nosso exercito, e como tal tem o restricto dever de amparar, de proteger, defender todos os direitos de todos os brasileiros — quer com a palavra, quer com simples actos, quer com a espada — como tantas vezes o tem feito.

S. Ex.<sup>a</sup> é chefe de familia, e de familia assas distincta; e por isso mesmo jamais pode proteger a individuos que desrespeitem familias.

S. Ex.<sup>a</sup> possui as dignas qualidades que acima referimos, e certamente não lhe hade convir manchal-as pelo contacto daqueles que tiranizão a outros que algumas guaes possuem — porque em seus peitos, em suas cabeças só existem vicios e crimes.

Não seria possivel, não poderia portanto o novo governo offerecer cargos a S. Ex.<sup>a</sup> alem do que tão dignamente por vezes tem occupado no exercito; nem a outros dignos membros do partido de S. Ex.<sup>a</sup>, que acompanhando-nos em nossos bons dezejos e reto procedimento, ou qual nós politicamente vivendo, não o fazem (com pezar o dizemos) com a qualificação que melhor cabe de — Conservadores-progressistas.

Mais tarde porem, para uma outra eleição, estou bem certo que todos os homens dotados de capacidade que ainda são conhecidos

pelos titulos de liberaes-puros, e de liberaes-progressistas, acharião vagas para exercerem quaesquer cargos.

Aqui se exara, aqui se expande em linguagem tão pura e verdadeira como me parece decente — o meu sem ambição, sem paixão-coração.

E' meu fim unico com o que digo, prestar um serviço á minha patria, e áqueles a quem me dirijo.

Sirva — tambem de resposta ao Colaborador do «Jornal do Comercio» desta cidade, de hoje.

E desculpe-me se lhe não responde a seu gosto, pois corri ligeiramente as vistas as 8 horas da manhã, e respondemos — sem lê-lo ás 6 da tarde.

Outubro 24 de 1868.

50°.

SOBRE A POLICIA.

Dois soldados para policiar a cidade em cada quarteirão de noite — é suficiente.

De dia — dois ou tres — conforme a extenção das ruas em cada huma.

Dois officiaes á noite, e outros tantos de dia, parecem bastantes.

2.° Cães que aparecerem sós devem ser mortos e arrastados para a praia, e assim quaesquer outros animaes perniciosos.

3.° Ainda a menor transgressão das Leis, seja por quem fôr perpetrada — prisão, e as mais penas que estas influjem.

4.° Prisão, processo, e cadeia a todos os individuos que com injurias, calumnias, e falsidades — exturquem, ou tentão exturquir dinheiro a seus semelhantes.

São todos estes meios fradulentos, e como taes qualificados criminosos.

5.° Finalmente cumprido, e obrigando a cumprir-se fielmente as Leis — não é possível deixar de haver boa policia, ou segurança de vida, de propriedade: tranquillidade a espirito, e gôzo.

Fevereiro 15 de 1868.

51°.

CATTAS.

Sr. Maximo Joaquim da Silva.

Pelo correio passado deve haver recebido huma carta — sciencificando-o que não pagava mais nem hum vintem que lá se despendesse com a minha propriedade antes de liquidar o meu credito! e agora outra vez o declaro.

O seu attento venerador.

Jozé Joaquim de Campos Leão Qorpo-santo.

Porto Alegre — Fevereiro 20 de 1868.

Sr. Joaquim Maximo da Silva.

(Alegrete.)

Neste momento 8 e meia da manhã recebi sua carta pelo ultimo correio em que me diz que pouco tempo continuou alugada a minha propriedade por 805 mensaes — por terem desocupado o lance que avalia em 30.

Convem portanto o meu amigo alugar-a a qualquer outro individuo, pois bem sabe que é para mim hum verdadeiro martyrio — a impossibilidade em que me tenho visto para saldar meu credito.

Aproveito mais esta ocazião para reiterar-lhe o que em anteriores já lhe hei declarado: — Não faça com a minha propriedade, nem mais hum vintem de despeza.

O seu attento venerador obrigado.

Jozé Joaquim de Campos Leão Qorpo-santo.

Porto Alegre, Fevereiro 10 de 1868.

Illm. Sr. Laurindo de Carvalho Moreira.

(Rio Grande.)

Porto Alegre, Fevereiro 12 de 1868.

Sumamente grato pela que me dirijiu em 10 do corrente, sou entretanto compelido a afirmar-lhe que cá não chegarão os jornaes que teve a bondade de enviar-me.

Como sempre assigna-se O de V. S. affectuozo

Jozé Joaquim de Campos Leão Qorpo-santo.

A' Redação do Echo do Sul:

A' V. S. que acuzo o actual prezidente da provincia, lembro os seguintes factos:—

1.° Despachar que requeira ao xefe de policia hum roubo, quando se prova com dois requerimentos indeferidos o crime de estelionato que este está cometendo, e no firme propozito de continuar a cometer, como ha declarado.

Falo das miuhas armas, cuja primeira correspondencia foi por V. S. publicada em Agosto do anno atrazado.

2.° Numerozos actos criminosos praticados por Juizes Municipaes, e outros empregados de Justica, commerciantes — quasi todos qualificados em nosso codigo.

3.° Ter diante de seus olhos huma ordem do General Canabarro para pagar a certo individuo determinada quantia.

E com o frivolo pretexto de informações falsas de capitães áquelles subordinados, não mandar pagar tal quantia.

Estes factos estão aqui — mais que provados — estão patentes: e com estes, e com outros identicos tem cauzado a morte fizica por estorvar-se-me de amparal-os a dois de meus innocentes filhos de 3 e 4 annos de idade!

Fevereiro 12 de 1868.

Irmão:

(Caçapava.)

Estimo que chegasses á essa felizmente.

E' meu dever scientificar-vos que vosso filho continua doente. É o transgressor das dietas, e ríemans prescriptos pelos médicos, que me parece impossivel sarar.

Assim pois, como a Companhia em que se hade empregar ainda demora a organizar-se seguramente dois mezes, acho conveniente que lhe ordeneis seguir immediatamente para essa.

E' o unico meio que vejo para restabelecel-o.

E se assim não quizerdes proceder, sou obrigado a dizer-vos que vos arriscais a perdê-lo.

Saudades a todos.

O vosso Irmão,

Jozé Joaquim de Campos Leão  
Corpo-santo.

Porto Alegre, Fevereiro 18 de 1868.

CARTA A MEU IRMÃO.

Recebi a vossa carta escrita em 21 do corrente; o que me foi agradável.

E' verdade que ha mezes annunciei a venda da caza que pertenceu outr'ora a nossos pais no lugar vila do Triumpho.

Era então minha intenção vender todos os bens materiaes que possuio; e até dois escravos para com seu produto comprar, ou mandar edificar caza nesta cidade.

Hoje porem tem o Ente Supremo mudado a face ás couzas, e eu estou rezolvido a não vender, principalmente a pessoas que não sejam da nossa familia.

E' aquella caza a em que nasci, em que criei-me, e em que começou nosso pai a educar-me.

Sinto continuamente recordações que ora me alegro, ora me

contristão; posso ainda dela carecer.

Não ha portanto em mim o menor desejo de a vender.

Saudozo se recomenda á comadre, á afilhada, e mais familia.

O seu irmão, amigo,

Jozé Joaquim de Campos Leão.

Porto Alegre, — Setembro 29 de 1868,

52.\*

CHEGADA E POSSE.

Tivemos o prazer (assim possa nos como desejamos acrescentar fortuna) de receber em nossa capital o Exm.º Sr. Dr. Antonio de Costa Pinto e Silva — actual presidente desta provincia no dia 15 do corrente; prestou juramento e tomou as redeas do governo da mesma hontem.

Delegado do ministerio de quanto esperamos, não é possível que deixe de seguir a marcha por este encetada: isto é temos convicção profunda—que jamais a injuria, a injuria, a calumnia, o roubo, o assassinato, e outros numerosos crimes, ainda que com apparencia de actos de justiça, acharão apoio, protecção, ou indulgencia em S. Ex.º; estamos ao contrario profundamente convencidos que taes actos serão sempre profligados por S. Ex.º, por si, e por todas as autoridades que lhe são subalternas.

Estão os profundamente convencidos que não veremos jamais passearem impunes e ameaçadores pelas ruas desta cidade—salteadores, cujos horrozos crimes se tem apoufado e provado.

Assim como que a virtude, a honestidade, a honradez, a probidade, os direitos de todos, quer pessoas, quer de propriedade—serão considerados, protegidos, amparados, e respeitados durante o governo de S. Ex.º: é isto o que determinão as leis da nossa associação politica; e o que todos—tanto brasileiros como estrangeiros queremos:— paz — para que possamos trabalhar; garantia de direitos para que possamos gozar

os fructos do nosso trabalho.

E é justamente para conseguir estes bens que temos leis, poderes, autoridades, exercito, armilla, etc.

Se a civilisação moderna não reconhecisse erro—o procedime to los antigos vandalos, povos barbaros; e dos nossos actuaes burgues; certamente não estabelecera esta ordem de ouzas existente, nem gastaria para sustentala contra tantos e tão repetidos ataques—tantos milhares de contos de reis.

Privamos-nos dessa parte de nossos bens com o titulo de impostos—para garantir-se nos a outra.

Com taes bases e principios—estamos promptos a lutar até vencer, ou morrer.

Setembro 18 de 1868.

53.\*

HUM DEZEJO.

Queria eu começar o numero 26 da Justiça por um artigo com 10 ou 12 paragrafos que assás expressão o que é indispensavel para se poder alguém qualificar — politico: infelizmente porém achase no livro escripto em 1866 — que me foi furtado violentamente pelo trahidôr immundo bacharel Augusto Cezar de Padua Fleury.

Que sejam suas letras para o mesmo—outros tantos espinhos ao tel-o que lhe piquem a alma; e o coração. Assim como a seus companheiras de crimes.

E' por tal crime—o menor castigo que lhes dezejamos.

Mas já que o não podemos, façamol o pela tão sensível falta de variação—nos—do pronome Eu no plural no Artigo guerra do paraguay—6.º periodo; 2.º columna verbo revoltarmos; que escrevi—revoltarnos nos.

A qual por canção do compositor; para evitar-lhe 1/4 de hora de trabalho, por ja estar o jornal no prélo perdoci-lhe.

Qualquer outra que se encontre, é insignificantissima; e por isso mesmo—toleravel.

Outubro 4 de 1868.

54.\*

## PROGRESSO.

Sigamos o exemplo de Castilho, o tão notavel e patriótico poeta.

Para que tízamos inutilidades na ortografia? porque a não simplificamos em proveito de nossos filhos, de nossos netos, e de todos aqueles que tem necessidade d'escrever em nossa Língua! — . . .

Que importa a nós que os antigos accumulassem letras, duas, trez ou mais, em huma palavra; em huma só sílaba inutilmente!?

Não uzavão tambem elle tantas palavras que estão hoje fóra do uso! Não atacarão tantos erros que o carro, ou o vandaval do progresso tem atirado, ou substituído por verdades, ou suprimido!?

Por que ficaremos só neste mal — estacionarios? Na palavra — Aqi — por exemplo — para que o U? Só porque os antigos assim escreverão, havemos nós carregar com esse incomodo inutil!?

Não é melhór escrever Aqi: etc. — para distinguir de Quidão; etc. — em que soa o U! Tudo que é inutil, incomodo, trabalhoso; e prejudicial a outros respeito — não se suprime, ou substitue!?

Tudo que é necessario, conveniente, comodo, menos penoso, agradável, etc. — não se busca, não se indaga, perscruta, adópta, ou acrescenta!?

Assim procedamos pois respectivamente á Orthografia; e legaremos ás novas e futuras gerações — mais um dos maiores bens que a intelligencia humana tem descoberto: — tirar onde há excessão; augmentar onde há falta; e substituir onde não convem, ou prejudica.

Triunfo—Maio 18 de 1863.

55.\*

## EXHORTAÇÃO E PROGRESSO.

Que differença espantosa entre o casamento licito, ou com todas as formalidades de nossa religião; e o concubinato; ou amigação forçada!.

Hum contrahe-se, pratica-se, sendo cada pessoa da familia —

um lago, cada contrahente — um mar de doçura, de alegria, de pureza, de prazer, de santidade!.

O outro, ás mais das vezes — impossivel, ou frustrado, se é hum rio de dôres, de penas de mágoas de desgostos, de males — para os que quèrem forçar outros a contrahirem, é para os obrigados — um oceano de padecimentos, e de todas as espécies! de todas as gravidades! e algumas vezes até occasionão a morte!.

Que horrôr nos deve inspirar este, que amôr aquelle!.

E' sem a menor duvida um dos assumptos mais atrevidos, mais audazes, mais melindrosos, etambem que mais se deve estudar para bem resolver, sobre que temos escripto, e falado, ha mais de dous annos!.

E' do numero dos que não podemos encontrar em nossos rascunhos, e que por isso o julgamos no livro de 88 paginas furtado violentamente, ou roubado, como se quizerem expressar, pelo célebre ex Juiz Municipal e de orfãos desta capital bacharel Padua Fleury, e seus criminosos companheiros, já por mim tantas vezes apontados, e denunciados!.

Peço entretanto a Deos que me guie a penna, que me auxilie a memoria: afim de que nada escape do que então nelle escrevi.

Começemos pelos casamentos em geral:

Deos os instituiu, quando em vez de qualquer outro ente para satisfazer a nosso primeiro pai, pois que o podia ter feito impossivel de contacto, creou nossa primeira mãe Eva!.

Jezus christo, seu predileto, seu muito amado Filho, e nosso Redemptôr instituiu, e santificou o Matrimônio!.

Se examinamos as partes que formão a nossa alma, veremos, que só ha gosto, prazer, tranquillidade de espirito, amôr ao trabalho, e procreação da nossa espécie, ligada ao homem a mulher!.

E por a vida isolada, é impossivel, o Creador nos deu regras, e preceitos, para a vida com a mulher, pergunto:

Porque não havemos de viver cada hum com a sua mulher, e

com seus filhos!?

Porque havemos, em que lei, em que direito se bazeião aqueles que com mentirozas palavras de progresso, querem viver a divorciar cazaes, a amigarem-se com os divorciados, ou á obrigarem estes a amigarem-se com pessoas que não podem pela religião que professão, por sua educação, habitos, costumes, leis de sua patria, com pleição, estado, etc. etc!?

Ou quem os autorizou a obrigarem este, ou aquelle individuo, sem que haja se comprometido por algum juramento solene a assim viver, ao estado solitario, isolado, de criança, ou de algum criminozo, moça solteira, etc. etc!?

Sou cazado, tenho filhos, e vivo ha annos á força bruta de barbaros, de cruéis, de malvados individuos que tem exercido autoridade, separado de minha innocente familia. E sempre flagelado pelos artificios de taes individuos para me amigarem óra com mulheres cazadas que vivem honestamente com seus maridos, óra com algumas deshonestas, óra com moças solteiras virgens de maior humas, de menor idade outras, óra com crianças, óra com prostitutas, óra finalmente, e por cúmulo de vergonha, devassidão, e de immoralidade, até com homens.

Tenho portanto á força de padecer, e de estudar, algum tanto conhecido a natureza humana; e por isso sou de opinião que os padres, que até os individuos de outras ordens, ou instituições ecclesiasticas, devem ter a liberdade de se cazar, conforme preceitua a nossa religião apoiada em nossas leis civis, e criminaes!.

Finalmente, que os consortes que provarem evidentemente passados seis ou sete annos depois de cazados, impossibilidade física, ou moral, de poderem continuar a viver juntos, devem ser se o quizerem, desligados por autoridades civis, como por autoridades ecclesiasticas, e terem liberdade de fazerem uma nova escolha!

Ha neste facto vantagens de todas as espécies para toda a Sociedade!.

Evitão-se os assassinatos que

tantas vezes têm visto mandarem mulheres perpetrar em seus maridos, perpetrarem elas mesmas; ou estes nelas para se desembaraçarem um do outro, e ligarem-se a quem lhes apraz.

Evitão-se os males da orfandade dos filhos pela falta para sempre de um dos pais; falta que um numero infinito de vezes tem causado alem da nudéz, da fome, da vergonha, do óprobrio, da deshonra, a própria morte.

Evitão-se essas lutas vergonhosas entre os cazas, essas intrigas, essas injurias, essas calunias, que tanto de agradação a Humanidade.

Evitão-se essas questões no fóro, que tanto nos flajellão, nos acobrunhão, fazem-nos gastar contos de reis em proveito de individuos que a não havel-as, não poderiam haver de nossas bolças nem hum vintem, as quaes, alem de tantos padecimentos, nos acobrunhão, e nos matão.

E se calcularmos as perdas que por tal facto experimenta hum Estado, sobem sem duvida ao trabalho e consequentemente riqueza que produzem cem a duzentas mil pessoas por cada hum milhão de habitantes.

Vêde as perdas, os males que esses actos de barbaria nos cauzão, e por isso o horror que a todos nos devem inspirar.

Quantos dias amargurados tenho eu vivido, quantas faltas, quantas privações sofrido, quantos contos de reis dos que já havia licitamente adquirido hei perdido, quantos hei sido privado de ganhar — por cauza do estado anormal respectivamente á minha familia — em que tenho sido compelido a viver?

Se assim é, o que está provado a todas as luzes, o que não me pode jamais ser contestado, trabalhem todos para que se realize este grande passo na senda do verdadeiro progresso moral, material, e intellectual: não deste, ou daquele individuo; não desta, ou daquela familia; não deste, ou daquele Estado.

Mas de todas as pessoas, de todas as familias, de todas as Nações.

Outubro 4 de 1868.

56.º

#### FABRICAS.

Temos felizmente diversas fabricas nesta capital, e fora d'ella: A fabrica de cerveja, cujo liquido já é bem sofrivel, segundo a opinião dos entendedores que usão.

Temos a fabrica de vinagre, que também nos consta suprir bem a falta dos melhores que nos importão outros paizes, em S. Leopoldo, de vinho — que acho igual — e superior — a Bordeaux que aqui se vende.

Temos aqui, e em muitos outros pontos da provincia fabricas de erva-mate, que se não é tão boa como a que exporta o paraguay — a que se fabrica em todos os lugares — é em alguns deles — como nos ervaes da palmeira — igual, se não melhor que aquella.

Temos essa fabrica de mármore na Encruzilhada, em que infelizmente trabalha apenas um ou dois individuos, e por isso quazi não apparecem seus productos.

Temos, alem do algodão, e lã, que por essas fazendas tecem milhares de mulheres, uma fabrica de pannos de linho em um dos districtos do municipio do Triunfo.

Temos fabricas de doces, de agardente de varias qualidades, bem como de vinhos de laranja, cereja, e outras; de melado, de queijos, manteiga, preparação de carnes.

De arros, lombilhos, couros, chapéus, calçado da melhor qualidade; etc., etc...

Cumpra portanto a todos nós que habitamos no Imperio — Brasileiros e Estrangeiros — auxiliares de todos os modos, já consumindo preferentemente seus productos, já concorrendo por outros meios para seu melhoramento, já finalmente suprimindo o Governo o que falta a seus directores para seu maior aperfeiçoamento, desenvolvimento, e consequente progresso.

Não esquecendo um s. momento as estradas, e todas as outras vias de comunicação, que devem ser sempre — as mais curtas, commodas, e rápidos os vehiculos de

transporte.

Tenha sempre em lembrança qualquer Governo — que sua ingratição, deleixo, ou indiferença para com os povos governados, ocasionando ruina a Si — faz a desgraça destes.

Outubro 4 de 1868.

57.º

#### RUAS DA CAPITAL, CALÇAMENTO, ACEIO.

Ainda me levão acazos, factos extraordinarios, quicá a incomodar, ou a auxiliar os Senhores Vereadores da Camara Municipal da capital, levando pela Justiça ao seu conhecimento, ou lembrando-lhes alguns melhoramentos que a eles cumpre providenciar para que se fação:

Primeiro — Ruas, em vez dos barrancos, dos xarcos, das sangas, do arvorédo qual tapera, dos buracos, das pedreiras, dos corgos — que existem desde a rua da Guarda Principal praça do General Ozorio, etc. até a rua de Bélas.

Mandar atulhar com pedras os sorvedouros da rua da Olaria, em que ainda o maldito acazo com quanto previsto, ou esperado fez com que o lazão em que ha tres ou quatro dias andei — nete se enlamece até um pouco acima do joelho.

A falta de calçamento em tantas outras, e até principaes da cidade, obrigando entretanto os proprietarios a lajarem as frentes de suas cazas, quando me consta que pelas proprias leis que creou — o não pode fazer, sem que antes as haja mandado calçar.

Esta infinidade de couros, que não só incomodão a quem passava, a quem trabalha, tanto apé como a cavallo, podendo até dar lugar a quedas, alem do pouco agradável arôma que exalão na rua principal Sête de Setembro, é couza repugnante, e assaz prejudicial, que a Camara deve evitar; primeiro com avizos aos proprietarios dos armazens; se não atenderem, com admoestações; e em ultimo caso, com multas, meio licito de augmentar suas rendas,

e a todos proveitoso. Ha os trapi-  
ches para serem estendidos, bati-  
dos, limpos, desgarrados, etc.

Temos mais essa infinidade de  
arupucas que fazem frente á dita  
rua das principaes, e aquellas  
célebres lá do camicho, que mais  
meréce o nome, velho, que o de  
Novo, que muito convem deter-  
minar á seus donos que fação taes  
frentes quaes as de cazas, como se  
acha decretado pela Camara.

Tudo isto concorre para acéio,  
aperfeçoamento da capital, salu-  
bridade pública, e augmento lici-  
to de suas rendas.

Não repugne, não escrupulize,  
não receie, gastar dinheiro com  
estes, e com outros melhoramen-  
tos que lhe tenho lembrado; visto  
que nada disto houve para uma  
obra em que está gastando du-  
zentos e quarenta contos, sem ain-  
da a menor necessidade, obra que  
só convem porque a formozeia um  
pouco mais a rua Sete de Setem-  
bro, e praça do Paraizo em um  
pequeno espaço.

Não lhe censuramos o acto; lem-  
bramos apenas, como são as ne-  
cessidades que em nossos nume-  
ros anteriores e nestes lhe temos  
lembrado, lembramos e pedimos  
que mande baptisfazer.

Se com aquella obra gasta 240  
contos, gaste com o paredão lá  
para os lados do Riacho, 180; e  
som os outros melhoramentos ou-  
tros 480, comtanto que se encétem  
já, e se vão fazendo.

Não tem dinheiro disponível?

Contraia empréstimos, emita  
apólices, e dê começo a tantas, e  
tão reclamadas obras.

Tambem — são obras que de-  
mora-se sua factura 4, 6, ou mais  
annos. Não ha portanto de gastar-  
se de prompto grandes quantias.

Podem fazer-se os contractos com  
particulares, ou com companhias  
para tal fim, e pagar-se-lhes em  
prestações de 3, 6, ou mais, 9 ou  
12 mezes: o que muito facilita não  
só o pagamento total, como o co-  
meço a taes obras, que é o essen-  
cial, para que, mais depressa se  
gozem os melhoramentos que nos  
trazem, e tenham fim.

Desculpe-nos tantas imperti-  
nencias, certa de que não é nosso  
propósito incomodar a illustre

Corporação, que tantos respeito-  
nos meréce, mas unicamente, por  
que é este o nosso dever, e porque  
estamos convictos de que prestamos  
deste modo um pequeno serviço  
a S. Sas. e não inferior a nossos  
communicipes.

58.º

ORGANISAÇÃO DO ESTADO.

Todas as leis do Estado  
Códigos, e Constituição,  
Pois que destas se derivão,  
São filhas da Relijião,

E com esta se harmonizão,  
Inda que alguns as pizão  
Não sejamos porem taes,  
Mas Brasileiros iguaes

Aos sabios que as leplárão.  
Então beneficios tantos,  
Gozos infindos quantos  
Nossos pais imaginárão

Sobre Nós derramarão  
Principados, Querubins, Anjos,  
Potestades, Virtudes, Tronos,  
Deuzes, Santos, Arcanjos.

Fazel-as p'ra transgredil-as  
E' confundir, confundil-as:  
Fazer, e cumprir devemos.  
Leis, ou preceitos que temos!

Agosto 31 de 1877: P. Alegre.

59.º

CARTAS.

(Rio de Janeiro.)

Illm.º Exm.º Sr. Doutor Tho-  
maz Nabuco de Araujo:

Se se me não afirmasse que V. Ex.  
é nessa Córte advogado, inda que  
no exercicio do poder tenha V. Ex.  
pósto em pratica algumas ideias  
por mim tambem concebidas —  
não sei se teria a precisa cora-  
jem para me dirigir á V. Ex.<sup>ª</sup>

Aqueles factos porem, e a falta  
ahi de hum amigo que satisfaca  
com prompto os meus pedidos, ins-  
pirou-me o desejo de endereçar á  
V. Ex.<sup>ª</sup> hum Correspondencia por  
mim assignada, e com as mais for-  
malidades da lei, afim de que dig-  
ne-se mandar publicar duas até

trez vezes no « Jornal do Commer-  
cio », ou no que mais acreditado  
ahi houver.

Terá mais a bondade de enviar-  
me hum ou dois exemplares, e a  
conta das despezas com tal publi-  
cação feita, afim de immediata-  
mente pagar.

Tenho a mais subida honra em  
assignar-me.

De V. Ex.<sup>ª</sup>, o mais attento vene-  
rador e humilde servo —

Jozé Joaquim de Campos Leão  
Corpo-santo.

Porto Alegre — Fevereiro 21 de  
1868.

Illm.º Sr. Comendador Leonar-  
do Caetano de Araujo.

(Rio de Janeiro.)

Não tendo eu tido até hoje no-  
ticia da Correspondencia que á V.  
S. ha seguramente dois ou trez  
mezes remeti, nesta ocasião  
escrevo á S. Ex.<sup>ª</sup> o Sr. Doutor Na-  
buco e ao Doutor Póvoas que me  
assegurão escrever no escriptorio  
daquelle, afim de se lhe dar publi-  
cidade, cazo V. S. ainda o não ha-  
ja feito.

O de V. S. attento venerador e  
obrigado —

Jozé Joaquim de Campos Leão  
Corpo-santo.

Fevereiro 28 de 1868

Nota: Esta correspondencia não  
appareceu em parte alguma!

LEMBRANCAS.

60.º

A certo menino filho de hum  
amigo.

Menino galante!  
Em teu semblante,  
Todo brilhante  
Do quanto amante,  
E' teu coração,  
Ao injenuo Leão!  
Eu o divizo!  
Nele — hum amigo  
Todos ó João —  
Sempre acharão!

61.

DEMISSÃO.

Graças ao Eterno: trouxe-nos o «Diário do Rio de Janeiro» a noticia de ter sido demittido do cargo que tão indignamente serviu nestes ultimos tempos — de juiz municipal, de orphãos, &c; nesta capital o bacharel Augusto Cezar de Padua Fleury.

Quando demittirá o governo a alma deste, que ainda habita o putrefacto corpo do bacharel Antonio Correia de Oliveira juiz municipal supplente, aqui em exercicio?

Quando os processará ou mandará processar por seus multiplicados crimes?

Quando os inhabilitará para os empregos publicos, qer de nomeação, qer de eleição popular?

Puando fará descerem para nunca mais resuscitarem as almas destes e de alguns de seus outros companheiros?

Não asseguramos que o fará, nem o quando; cremos porem que não hade querer ser victima de tão audazes criminozos; nem expôr-se ao ludibrio de seus proprios inimigos, e ao pezo da comizeração e dor de seus proprios amigos?

E por isso contamos — que os reduzirá a pó, terra, cinza e nada.

Jesus Christo morreu entre dois ladrões — porque assim estava determinado por seu Santissimo Pai para salvação do Genero Humano, sob condição de que cumpriria este de tal época em diante seus divinos preceitos! sendo destruidos todos aqueles que os transgrediram, e os transgridem.

Já se vê pois que — sendo nós christãos, assim como o governo deste imperio; já por ser a religião do Estado, já porque não podemos gozar as honras de povo civilizado se prooedermos de modo contrario, com direitos e deveres prescritos em nossas leis civis, restringidos por nosso codigo criminal, é claro, e mais que louvavel — a justa punição a todo o criminozo; e por isso mesmo — que vive, ou quer viver — barbaramente, ou sem lei, sem moral, e sem religião.

Não ha homem civilisado portanto, que os possa suportar.

Setembro 18 de 1868.

62.

Ha seguramente um anno, se não mais, que incessantemente trabalhamos para que se estabeleça o telegrapho electrico nesta provincia até a côrte.

Temos conseguido parte.

Agora, e ha mezes trabalhamos para que se estabeleça em todo o imperio!

Haverá maior necessidade, haverá maior progresso que as rapidas, as momentaneas communições entre a sêde do governo geral, e o governo provincial de cada provincia — não só para um milhão de outros factos, como para evitar, para sufocar uma revolta, para acudir promptamente a uma invazão, ou tentativa má estrangeira, mesmo os socorros necessarios por occasião de uma peste!?

Talvez haja: mas eu não enxergo!

É porque assim acontece, continuarei a insistir para que o mais promptamente que for possível seja estabelecido o telegrapho electrico em todas as capitães das provincias, de modo que em poucos segundos possa o governo geral saber o que mais importante se passa em cada uma delas.

É mais tarde então hajão linhas entre umas e outras que não possam ser já estabelecidas; e nestas as convenientes ramificações.

Setembro 18 de 1868.

63

Não se escandalize a camara municipal da nossa capital, em que por infelicidade tem chegado a funcionar membros que tiverão apenas um voto. que pode muito bem sem ser milagre, ou virgem cazo — ser a assignatura do votante confundida com os que ageirão.

Não podemos deixar — em cumprimento de nossa missão, de lembrar-lhe a necessidade urgente; e pedir-lhe que ponha termo á infi-

nidade de cães, que tanto atormentão nossos communicipes, e a mim tem feito por vezes tirar-lhes o chapéu. a cauza principal esta porque ha muito não posso sahir á rua sem alguma couza com que rebata: e is cumprimentos, — guardando o acto costumeiro do chapéu para quando me encontro, ou passo por entes que me são iguaes!

Uma infinidade de outras necessidades existem por essas ruas que eu muito dezejo lembrar; e pedir sua attenção e sanação de taes males, como por exemplo: aqueles charcos da rua da Varzinha, aquelas pedreiras do Riachuelo em frente á casa do Sr. Dr. Moraes; um muro desde a cadeia até á ponte, — resguardando as cazas das enchentes, formando uma magnifica rua, e embelezando assás a cidade daquele lado; principalmente com calçada e grade de ferro, couza semelhante ao paredão que beira o rio na Praça da Harmonia, ainda que sem luxo.

Mas ainda não tive tempo, nem disposição para sahir de proposito a tal fim: perdoe-nos portanto se aqui hoje pararmos.

Certa porem de que enmpre activar os seus fiscaes nestes mistéres a que são destinados; e reprehendel-os, e demittil-os, quando da Praça do Mercado multarem pessoas respeitaveis, e não indecentes como são alguns deles — porque atirão a agoa que leva um copo, em telhados de cazas proprias.

Se é postura da camara municipal — não pode haver maior absurdo! porque a ela ficavão sujeitas as atrevidas nuvens que milhões de pipas continuamente derramão sem reparar que o fazem em telhados alheios.

Se a camara quer augmentar as suas rendas, creia que — as diminue com posturas desta ordem.

Se é por malvadeza de algum vereador indigno, e de algum fiscal igual, em tal cazo só devemos recomendar — hum ao povo para não ir jamais manchar com sua corrupção a tão distincta corporação; o outro aos vereadores honestos, para não alimentarem tão mau empregado.

Nós desconfiamos muito que o

autor deste crime foi o comerciante desta praça Francisco Jozé Barreto—visto já o ter sido de tantos outros para commôco—trahindonos.

64.

Illm. Sr. Pedro B. de Moura.  
(Rio Grande.)

Tendo eu enviado á V. S. huma Correspondencia em 7 de Novembro do anno pp. a qual me consta ter sido publicada, e nos fins do dito mez: e porque até hoje não me fui ainda possivel conseguir hum exemplar da mesma, rogo a V. S. o particular obzequio de tornar a imprimil-a duas ou trez vezes — tal qual a escrevi. Com a mais respeitosa simpathia eumpimenta á Exm. Sr. D. Benjamina O de V. S. obrigado e amigo,

Jozé Joaquim de Campos Leão  
Qorpo-santo.

Fevereiro 28 de 1868.

No dia seguinte dirijindo-me de minha caza para o Correio — fui prezo — sem o prehenximento de formalidade alguma de nossas Leis!

Sobre o qe escrevi na policia, já dice que taes copias por esquecimento meu ficarão na meza em que costumava escrever, e alguns orijinaes estão na Secretaria da presidencia, na da policia, e em poder de alguns amigos.

Aquilate agora o publico — o que são os vandalos com titulos de liberaes puros, e de liberaes progressistas que aqui exercerão autoridades!

Novembro 7 de 1868.

Tanto minha Irmã favoreceu  
Até que — enloqueceu!  
Favôres não devo fazer,  
Se ingratos — não quero fer!

Se ha hum factio extraordinario neste O'rbe é a minha vida respectivamente a mulheres; não ao bello, ao amavel sexo!

Crerá alguem qe de huma infir-

nidade hei sido amado, almejado: que tambem tenho amado: extremamente dezejado e que tendo tido as mais propicias ocaziões para gozal-as, e para ser gozado este factio se não ha dado!

Crerá alguem que tenho por isso padecido horrivelmente, e que a elas — pelo que hei notado — outro tanto tem succedido!

Crerá alguem que ha homens que supondo que eu as gozo, ou que por isso estorvo-os de gozal-as — me hajão feito a mais cruenta guerra para me tornarem o mais infeliz dos humanos!?

E' difficil de crer, mas é a mais pura verdade narrada com a mais fiel exatidão!

A nos'alma está de tal modo ligada ao nosso corpo — que não pôde hum sofrer — sem que outro padêça.l

Nem pôde hum estar corrupto, e outro — são.l

Quero crer que algumas ha dotadas de bom senso.l

As mulheres em jeral, não tem juizo.l as palavras que proferem são feitos do ar que lhes entra pelos ouvidos.l Se pois este lhes bafeja huma verdade, algum pensamento sublime — elas o proferem do mesmo modo que o fazem quando lhes introduz hum erro. disparate, absurdo, ou loucura.

Nes verdadeiros homiens poreu — parece qe pela cruz que liga as partes do craneo, ou ossos que lhe formão a cabeça — lhes introduz Deos — perfeito juizo.

Resposta á provocação que li no «Rio Grandense» feita á minha pessoa.

Typographos! ordinarios typographos!...

Não vos vexaes de estardes com falsida. a relacionar-mo com jente des. esta!?

Com injusticias a quererdes obrigar-mo a ligar-me, a amigar-me com elas!?

O' negros, ó infames, ó sivan-

E' assim que cumpris vosso dever de Mentores do povo.l?

O' barbaros, ó selvajens, ó insensatos! — Não vos compenetraris? dizei — qual a vossa missão!

Fevereiro 24 de 1868.

Convenção-se os meus devedores que para eu haver seus debitos, visto que a nenhuma pessoa deixo de pagar quando devo, se, fizer indispensavel, não esquivarei os meios judiciais logo que tenhamos Autoridades.l

65.

E' para nós absurdo inqualificavel que supplentes do juiz de orphãos e municipal, sendo nomeações dos prezidentes das provincias, não possam ser igualmente por estes demitidos.l

Este factio pode trazer, e sem duvida hade ter trazido consequencias pessimas.l

Traz o mal dos empenhos para as nomeações, muitas vezes contrarias á vontade do governo geral. traz a difficuldade das demissões, que não podem ser feitas pelo governo provincial, ainda qe os prezidentes das provincias estejão vendo todos os dias, e por largos annos, taes individuos prevalecerem-se de lhes empregos para cometerem como o tem feito, todos os crimes, e para com brazileiros e seus bens.l

E quaes são as vantagens? — Vir-se-ha — para maior independencia do poder judiciario.

Mas provamos todos os dias, e ha annos, que essa maior independencia, em vez de maior garantia e segurança de nossas pessoas, e de nossos bens, ocasiona ao contrario menor garantia, menor segurança, ou o arbitrio, o despotismo, o absolutismo.l

Pedimos pois ao governo geral que reconsidere estes factos, e qe se concluir que assim devemos continuar, tenha compaixão dos povos cujo governo lhe foi confiado.

Não consinta um dia no poder, não seja indifferente ainda á me-

nos forte queixa que contra taes individuos se lhe fizer, com tanto que os crimes por taes energumenos cometidos sejam provados pelos queixozos.

Podiamos citar nomes, factos, exemplos, hypothezes, mas falamos a homens em quem estamos convencidos que sobra saber, espirito justiceiro, muito conhecimento dos interesses publicos e dos particulares, as melhores intenções, a mais recta imparcialidade, e o mais acrizolado patriotismo: não avançamos por isso a garras mais a respeito.

Setembro 3 de 1868.

66.\*

CONVERSAÇÃO COM O MEDICO DR. JOZE JOAQUIM LUDOVINO DA SILVA.

Elle:— Seus bens estão entregues á alguma pessoa de sua confiança, a algum seu parente?

Eu:— Não sei a quem forão entregues.

Mas, tendo o juiz que dos mesmos apossou-se brutalmente dado as mais evidentes provas de que é um málvado / roubador / injuriador / e calumniador .l que será o individuo em cujas mãos os depositou..?

Elle:— En supunha que sobre esse facto estivesse tranquillo.

Eu:— Como posso eu ter um momento de tranquillidade depois de seis vezes violentado ? roubado.l assassinado!?

E as minhas produções litterarias — quem os estorvará de ler, e mesmo copiar!?

E o dinheiro que tinha em meus babús — por elles arrombados — quem evitará que o roubem, e digão — que nenhum encontrarão!?

E se consumirem alguns dos escriptos, folhas soltas, ou mesmo livros de meus trabalhos; onde, quando, e como rehavel-os!?

Elle:— Eu supunha que sabia em poder de pessoa de amizade e confiança, bem como todo relacionado, e obrigado assim o depositario a entregar-lhe tudo logo que daqui fosse desembaraçado ou determinasse.l

Eu:— é preciso que V. S.\* se

convença, como creio que está convencido, e por justiça, caridade, humanidade, e honra de seu cargo e da medicina — que sem duvida com o maior aproveitamento tem cultivado — exare a opinião que a meu respeito tem feito, em uma folha de papel, bem como assigne com seus dois companheiros afirm de que eu possa salvar meus filhos, e todos os outros bens que o Ceo e meu trabalho em minhas mãos ha posto.l.l.l

67.\*

Hospicio Abril 19 de 1868.

E' hoje o dia em que para mim pela primeira vez raiou a luz clara e pura, que nos faz vêr e conhecer as brilhantes e admiraveis maravilhas, ou portentezas obras do Omnipotente.l tendo a machina do tempo feito-me viajar no pelago insondavel da vida trinta e seis e mais tres annos.l

Estamos porem com quanto muito respeitado e estimado em um estabelecimento do qual se nos ha permittido sahir de hoje a quatro dias; não direi como preso em cadeia, doente em hospital; mas como alumno interno em collegio.l

Pai de seis filhos, professor publico — posso dizer de duas cadeiras, com 39 annos de idade, cazado, fundador de um collegio, e director de dois, proprietario, e litterato! — Vêde que horrorozos crimes contra minha pessoa, familia e bens perpetrados, que me pozerão em tal condição.l

68.\*

Hospicio Abril 19 de 1868.

Fui hoje ao templo, e notei pouca animação nos primeiros cantos, feito sem duvida da musica, visto que havia harmonia nas vozes, e sons tão feitos como os que tira a ha nestre de uma boa clarineta.l

Repetida esta oração de domingo nas terças e sextas feiras, assim como missas em todos os dias da semana para todos que estão

no cazo de as ouvir, parece de muita utilidade aos habitantes deste hospicio.

69.\*

Sinto, para gozar perfeita saude, conservar o corpo sempre leve, agudos os sentidos, e o ventre desembaraçado, a necessidade da pratica do acto natural entre os individuos de sexos destinados; ou seus efeitos todas as noutes; pois não ha nenhuma em que sonhando tal aconteça, cujo dia eu não experimente aquele estado ou vantagens.l

Hospicio Abril 12 de 1868.

70.\*

CONVERSAÇÃO COM OS MEDICOS.

Elles:— Então, não passeia? já hade ter vontade.l

Eu:— Agora só se for ao jardim, ou fóra, porque dentro já nada aproveito.l

Eles:— Não tem publicado alguma obra litteraria, alguma couza sobre instrucção publica?

Eu:— Sim senhor, a minha pratica nesse ramo de conhecimentos humanos autorizou-me quando succedi a certo director de collegio na capital da minha provincia a publicar os estatutos que servirão depois sempre de norma a mim, aos paes de meus alumnos, e a estes.l E talvez se encontre algum exemplar nesta côrte visto que nella tenho alguns alumnos, creio que na academia militar 2 ou tres, e na de medicina 2.

O mais que hei publicado — são correspondencias que tem tido por fim salvaguardar minha pessoa, familia, e bens.l

Hospicio Abril 11 de 1868.

71.\*

Metemos no correio — para S. Ex.\* os Srs. ministros de estado, prezidentes, chefes de policia, e união conservadora de todas as provincias do imperio, e do municipio da côrte, correspondentes

typographias, e para todas as cidades, vilas, freguezias da provincia, e — exercito — 275 jornaes até o de 15 do corrente.

Setembro 3 de 1868.

72.º

CONVERSAÇÃO COM OS MEDICOS QUE ME VIÃO.

Hum delles:—Então como passa!

Eu:—Estou muito sentido para com V. S.ª por não haver ainda querido determinar que se me dá nesta caza o tratamento a que estou acostumado, e que tantas vezes lhe hei pedido.l

Elle:—isso é estabelecido em tabella, nós não temos culpa.

Eu:—pois não deve haver tabella para sãos, e para doentes, conforme o grao de sua enfermidade, e compleição?

Elle:—Só se reformarmos ou riscarmos a tabella.l

Eu:—Se não posso ter o tratamento que preciso, continuarei a sofrer algumas horas de incommodo quando me sento á meza para comer, e quando se feiza a porta do meu quarto antes da hora em que costume deitar-me.l

Elle:—Adeos.l hade melhorar de tratamento e de quarto.

Eu:—Ficarei muito grato a V. S.ª.

Hospicio Abril 10 de 1868.

73.º

Queixarão-se da falta da entrega da minha encantadora «Justiça» os Illm. Srs. assignantes:

Dr. Luis Joze de Sampaio,  
Luis Affonso de Azambuja,  
Eloy Joze Fernandes de Lima,  
Thomaz Rangel,  
Tenente-coronel Rodrigues,  
Francisco Antonio Marques,  
Dr. Fioravanti,

E mais alguns outros de que agora me não recordo: determino aos Srs. entregadores não só indemnizem-os, como deem-lhes a mais cabal, plena, ou completa satisfação.l certos de que se o não fizerem — serão multados na quan-

tia de dez mil reis, que reverterão em proveito daquelles Srs.l

Tem entendido — Srs. entregadores?

Vms. levarão trezentos e sesenta jornaes para distribuirem por duzentos assignantes — e ainda ha queixas.l

O que redije a «Justiça sempre foi, — é, — e será — justo.l

Não posso portanto deixal-os impunes, — cometendo S. Mercês tão grandes injustiças.l

Apromptem as multas se faltarem a seus deveres.l

Setembro 3 de 1868.

74.º

Mote oferecido de longe pela mulher do Ex-presidente d'esta provincia Marcondes em 12 de Junho de 1867 —

— Oh.l que horrôres eu sofri.l

VERSOS :

Quando Mercêdes eu vi,  
Quazi nada em mim senti;  
Mas não sei porque razão,  
Ouvindo-a, no coração —  
Doces effluvios gozei.l

Sua voz encantadora —  
Penetrou-me de tal modo —  
Que quazi ao alto voei  
Logo que a apreciei. —

Escrevo quazi sem vél-a :  
E se me não provocasse  
Certo é — por mais que amasse —  
Não ouzava desrevel-a.

E' bela; mas é cazada :  
Assim — sempre — respeitada.l  
Mulher tal que se veja —  
Só de mui longé — se beja.l  
Feliz — sei o que farei :

Por cazadas — en gostar  
Sem podel-as eu gozar;  
Oh.l q res padeci!  
Oh.l q: rrôres — eu sofri.l

Mera.

Feitos em noite do Espirito-Santo; e por isso creio ser inspi-

ração sua.

Corpo-santo.

Ao bacharel Padua Fleury, quando começou a transgredir seus deveres — como juiz Municipal, de orphãos, etc :

Não se faça catavento.l  
Seja sempre Autoridade.l  
Ao contrario, grão tormento  
Sofrerá, por tal maldade.l

Veja que tudo padece.l  
Mulheres; filhos; Maridos.  
Tenho dó de seus gemidos :  
Saiba que, Deos nada esquece.l

Agosto 8 de 1867.

Mote.

▲ Mulher, ente perdido !

VERSOS :

Uma mulher de habilidade,  
Mas que tem pouco juizo :  
E' alem de um inférno,  
Um perdido paraizo.l

Nos estranhos se empregando,  
A si própria se-atrazando;  
Seu Marido flagelando;  
Os proprios filhos, matando.l

E' mais, que ente perdido.l  
E' um belo paraizo.  
De que não ha habilidade,  
Se a mulher, não tem juizo.l

Serve — dela, p'ra o mal,  
Eua ves de servir-se, p'ra o bem.l?  
E' pois do inférno, hum val,  
▲ Mulher, ente perdido !

Setembro 7 de 1867.

75.º

UM ENGANO.

Já tenho ouvido, já tenho lido,  
algumas queixas contra  
mercio a retalho, ou l  
que tem no imperio os estrangei-  
ros de vender a varejo.

Estas queixas não tem sido at-  
tendidas pelo Governo, e creio  
firmemente que não podem ser

Primeiro, porque tão vasto território, e tão pouco povoado tem por principal necessidade augmentar de modo licito, e útil, sua população.

Segundo, porque esta liberdade atrai-nos milhares de individuos todos os annos; moços, bem morigerados, trabalhadores, que vem com sua pessoa, com seu trabalho augmentar o valor de nossos productos, e estes, e por consequencia, concorrer por diversos modos para augmentar nossa força, poder, riqueza, etc, sem que com eles façamos a menor despeza: facto que não se dá para com os colonos, com os quaes se gasta para virem e depois em sustental-os por dois ou mais annos.

Terceiro, porque nada lucrarião mais os Brasileiros que se dedicação a tal industria, pois que se não houvessem, suponha-se cem ou duzentas cazas estrangeiras que negociação nesta capital, haverião outras tantas brasileiras que o fizessem; com o que em nada alteraria a porção que vendem, e os lucros que colhem os actuaes commerciantes brasileiros. Haveria unicamente a mudança de occupação, isto é, em vez de cem ou duzentos brasileiros actualmente dedicados a outras profissões estarião empregados no commercio.

Alem portanto de serem as consequencias as mesmas, nota-se ainda um facto, que a ninguem pode desagradar, e é que a maior parte, se não todas essas cazas commerciaes começam por estrangeiros que tudo sofrem, e que muito trabalho: passados alguns annos, são propriedades de Brasileiros, e geridas por Brasileiros que talves sem trabalhar desfructão os productos do trabalho, das economias de seus pais.

Alem destes, quantos Brasileiros temos nós no Imperio formados em todas as artes e sciencias com o producto do commercio a varejo estrangeiro. I quantos estudando nas diversas Academias. I

E o augmento nunca interrompido da população, pela continua emigração espontanea; e o augmento pelos cazamentos, e creação dos

filhos. I

Labôra portanto em erro aquelle a quem parece que perde em sua caza de varejo, com liberdade para estabelecer vinte, ou trinta cazas, se quizer, só porque um ou outro individuo que nasceu fóra do Imperio também tem sua caza em que vareja.

76.\*

BARATEZA.

Vamos a um baile, a que nos entretemos duas, ou tres horas, e não gastamos menos de 6, 8, 10, 12, 20, ou mais mil reis.

Vamos ao theatro, em que fazemos pouco mais, ou pouco menos, igual despeza.

Se vamos a um jantar, outro tanto acontece.

Finalmente, não ha entretenimento que mais instrúa, deleite, recreie, e agrade, portanto tempo, e portão pouco preço como um jornal pelo qual se paga 50 reis em seis mezes. I

Realmente, se não tivesse um numero sufficiente de Assignantes para sustentar-se, não seria para espantar. I ?

77.\*

PENSAMENTOS PARA ENTRETIMENTO.

Não é de bom governo, fazer pezar males sobre uma provincia inteira, e talvez sobre um Estado, com o fim de punir vinte ou trinta criminózos. I

Inflinja a estes as penas do código directamente, e sem demora. I E se assim não pode, ou não quer garantir a vida, e a propriedade das pessoas decentes, desconhece outro meio ainda mais prompto. I ?

Porque os não demite. I ?

Porque as não executa ! ?

Abril 23 de 1868.

E' absurdo, e illojca a inutil razão que se dá como cauza de se não nomear para cargos publicos de importancia os filhos de cada

provincia, para suas provincias; já porque só devem ser nomeados para taes cargos homens dotados de todas as qualidades necessarias; já porque, procedendo mal o empregado, deve o Governo immediatamente demitil-o; já porque a regra, seguida tem ocasionado os maiores males, porque taes empregados no primeiro anno, por não conhecerem os administrados, tudo fazem por indicações ou pedidos de influencias, muitas vezes injustas, crueis, absurdas, ou despropozitadas. Finalmente, se podesse prevalecer o facto de poderem certas relações de amizade transviar, ou estorvar amareha imparcial ou justiceira de qualquer funcionario publico, também poderia prevalecer o facto de um palpitante interesse pelo bem dos Governados. Aqueles, por serem filhos da provincia em que se empregão, estes, por o não serem.

Escolha portanto o Governo, e nomeie homens, sem mancha, para exercerem os empregos, sem distincção de provincias; porque formão todas, um só Imperio, e seus filhos, huma só Nação; e nossa felicidade, será geral.

Abril 29 de 1868.

Ou has de ser, honrado,  
Ou has de ser, malvado,  
Escolhe, o que queres ?

Já dice, e escrevi :  
Se ás dés horas, fores honrado,  
De mim, serás abraçado. I

Mas se ás onze, fores malvado,  
Por mim serás degolado!

Abril 28 de 1868.

Eu só gosto de ter relações amidas com aquellas pessoas que em cujo semblante — qual fina pedra — o prazer brilha.

Fevereiro 25 de 1868

Minha Santa Ignacia !

Voto faça de castidade;

E assim eduque a mocidade!  
Não pôde suportar o Leão —  
Nem hum minuto—hum ladrão!

Livre deixe — seu marido!  
Não se meta c'õ inimigo.  
Ao contrario — Ignacia minha  
Perecerás muito azinha.

Já que juizo não tivestes,  
Medida sempre com pestes,  
Rezigna-te à assim viver,  
Se ainda não queres morrer!

Fevereiro 25 de 1868,

78

CORRESPONDENCIA.

O que é hum presidente de provincia, que, tendo em mão huma queixa contra huma autoridade subalterna, com documentos que provão seus crimes, negando duas vezes despacho á parte, continuando assim a cometer o stelionato, a traição protegendo a criminosos, despacha — que á mesma requeira!?

2.º O que é o mesmo presidente, qe, tendo diante dos olhos ordem de hum general em efectivo serviço, para pagamento de certa quantia a determinado individuo — manda pagar metade baseado em participação falsa de um capitão subordinado áquele!?

3.º O que é o mesmo presidente, quando segunda queixa contra outros individuos, que tem exercido autoridades, provados com documentos e até em autos os crimes de injuria, calumnia, roubo, assassinato moral e phisico nas pessoas de duas innocentes crianças, os manda informar, e não a despacha por espaço de trez mezes!?

4.º O que é o mesmo presidente, que, em vez de cumprir os deveres que seu importante cargo lhe impõe, em vez de mandar processar, encadear e punir os criminosos — os conserva, os protege, os emprega, e os ampara!?

5.º Todos estes factos se hão dado para com o Sr. Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, actual presidente da pro-

vincia de S. Pedro do Sul: a quem cabe o nome — Muito estúpida, ou perversa Mulher de

Porto Alegre, Fevereiro 21 de 1868.

Jozé Joaquim de Qampes Leão Corpo-santo.

Reconheço a assignatura supra de que dou fé.

Porto Alegre 27 de Fevereiro de 1868.

Bento Jozé de Farias.

79

DESPACHOS DO BAXAREL JUIZ SUPLENTE ANTONIO CORREIA DE OLIVEIRA; MINHAS RESPOSTAS; LAUDOS UNICAMENTE PARA FIXAR AUTOS; (1) E SENTENÇA DO JUIZ EFFECTIVO ANTES DOS PENULTIMOS CRIMES PARA COM A MINHA PESSOA E BENS — AQUI PERPETRADOS.

Copia. — Auto de exame de sanidade, como abaixo se declara. — Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1867, aos nove dias do mez de Março do dito anno, nesta leal e valorosa cidade de Porto Alegre, em casa da residencia do juiz de orphãos o Dr Augusto Cezar de Padua Fleury, onde eu escrivão vim, e presentes os Drs. Dionisio de Oliveira Silveira e Carlos Benjamin Petrasí, pelo dito juiz lhes foi deferido o juramento do estylo, encarregando-lhes que sem dolo, malicia, amor ou odio procedessem o exame de sanidade na pessoa de Jozé Joaquim de Campos Leão Corpo-santo, que se achava presente, e declarassem o que encontrassem acerca do estado mental do mesmo; e por elles recebido o dito juramento, passaram a fazer o referido exame, depois de qe declarou o Dr. Dionisio de Oliveira Silveira que tendo proferido a sua opinião em Julho de 1864, com o Dr. M. Jozé de Campos, em um laudo, e se acha na secretaria da presidencia da provincia afirmando que o supplicado estava no goso de perfeita saude, e por consequencia apto para voltar ao magisterio, ou ao que mais lhe

conviesse; e que tendo praticado numerozas vezes de então para cá com o mesmo, sempre foi e ainda é sua opinião que ele nemhuma alteração ha sofrido em sua razão ou facultades mentaes.

Pelo Dr. Carlos Benjamin Petrasí foi declarado que tendo ha um anno e tanto feito parte de huma junta medica, que inspecionou o referido Jozé Joaquim de Campos Leão Corpo-santo, julgou-o no goso perfeito de suas facultades mentaes; e que tendo mais depois tratado-o de outras enfermidades, e tambem praticado com ele numerozas vezes, até hoje nemhum facto se ha dado que o faça discrepar daquela sua opinião. — E para constar mandou o dito juiz lavar este auto, em que assignou com os facultativos perante mim João Antunes da Cunha Filho, escrivão que o escrevi. — Augusto Cezar de Padua Fleury. — Dionisio de Oliveira Silveira. — Dr. Carlos Benjamin Petrasí.

(1) Tinha liquidado eu uma questão de inventario nesses dias, em o qual occupei-me oito mezes.

SENTENÇA.

Julgo por sentença firme e valioso o exame de sanidade de fl. 35 verso, para que produza todos os efeitos em direito, pagas as custas pelo supplicado. — Dou por publicada em mão do escrivão.

Porto Alegre 26 de Março de 1867.

Augusto Cezar de Padua Fleury.

81

DESPACHO.

Proceda-se a novo exame do supplicante; nomeio os Drs. Luiz da Silva Flores e Manoel Jozé de Campos, que prestarão juramento no acto, que terá lugar no dia 21 do corrente depois da audiencia em caza da camara, sendo para o mesmo citados o paciente, os peritos e o Dr. curador fiscal. — Porto Alegre 15 de julho de 1868.

Correia de Oliveira.

OFICIO.

Illm. Sr. escrivão de orphãos, João Antunes da Cunha Filho. — Recebi a intimação de V. S. para amanhã ao meio dia comparecer na sala das audiencias do juiz de orphãos suplente, afim de se proceder o novo exame de sanidade em minha pessoa; mas porque ninguem está autorizado a ordenar exames de sanidade em quem apresenta documentos de pessoas mais habilitadas que o poserão no gozo de todos os seus direitos, provando assimos horrozos crimes contra a minha pessoa e bens aqui perpetrados, sempre com pretextos frivolos; eu não comparecerei a tal exame. — Seria expor-me a novo crime que pessoas mal intencionadas quizessem perpetrar.

E, ainda mesmo que o dezesasse não posso nem devo fazel-o; porque a ferida que á V. S. mostrei, e que hontem comecei a curar, impossibilita-me de calçar-me. — Deos guarde a V. S. — Porto Alegre, Julho 23 de 1868. — Illm. Sr. João Antunes da Cunha Filho, escrivão de orphãos nesta capital. — Jozé Joaquim de Campos Leão Corpo-santo.

DESPACHO.

Cumpra-se o meu despacho de fl. 30, procedendo-se a novo exame de sanidade: notifique-se para esse fim os peritos Drs. Manoel Jozé de Campos e Porfirio Joaquim de Meccedo, o paciente com o seu curador e o Dr. procurador fiscal, todos para o dia 7 do corrente comparecerem em casa de minha residencia ás 2 horas da tarde. — Porto Alegre, 1 de Agosto ed 1868. — Correia de Oliveira.

OFICIO.

Illm. Sr. — Recebi hoje huma segunda intimação de V. S., de ordem do actual juiz de orphãos su-  
nte, bacharel Antonio Correia de Oliveira, para comparecer amanhã as duas horas da tarde em casa de sua residencia para hum novo exame de sanidade. E porque meu juizo, já por vezes exarado e

documentado tem sido em autos, respectivamente á pessoa e actos do Sr. baxarel Antonio Correia de Oliveira, e apoiado na opinião de 9 medicos dos mais acreditados desta capital, e da do imperio; e nas sentenças de autoridades, que tem por maior honra cumprir fielmente seu dever; não pode sofrer a menor alteração em vista dos repetidos ataques, que evidentemente provão o grau da horrivel enfermidade, que ha quatro annos padece, a que chamão — monomania — pelo incessante exforço que ha igual tempo ha feito para desgraçar huma familia inteira, cavando continuamente a ruina de seu chefe: segunda vez declaro a V. S. que não se faz myster comparecer eu a tal exame. — Deos guarde a V. S. — Porto Alegre, Agosto 6 de 1868. — Illm. Sr. João Antunes da Cunha Filho, escrivão de orphãos desta capital. — Jozé Joaquim de Campos Leão Corpo-santo, professor publico da mesma.

DESPACHO.

A' vista da informação do escrivão supra, subsista o despacho de fl. 8 do juiz proprietario, que julgou interdicto o supplicante, persistindo o curador nomeado na administração dos bens e pessoa do mesmo sob sua responsabilidade. — E intime-se áquele curador para pagar a conta de fl. 43; segundo me requisitou o Dr. Juiz de orphãos da côrte. — Porto Alegre 17 de Agosto de 1868.

E nada mais.

Correia de Oliveira.

82°.

SRS. LIBERAES PUROS E PROGRESSISTAS.

Não me é necessario, parece-me, exhortar-vos a que abandoneis as urnas nas proximas eleições. Sei que vossos erros vos não desconceituado a tal ponto — que só convertidos, ou a nós ligados, podereis serdes eleitos!

E' entretanto dever meu como escriptor, exforçar-me para que não augmenteis vosso descredito

— trabalhando para fazer-vos eleger. Não ignoreaes que o vosso governo cahiu por — fraco, por inpotente ou incapaz de bem gerir os negocios publicos! Sabeis que a nação vos repeliu por canção, por convicção e persuasão de que em vez do progresso moral, tinhamos o atrazo em todas as classes da sociedade — pela transgressão continua das mais sabias leis, e pela corrupção dos costumes! Assim como não podeis contestar que a guerra que nos tem feito já gastar seguramente 4:000,000,000, sessenta mil homens, causado a desgraça de milhares de familias — pela orphandade umas, pela miseria algumas, e pela escravidão muitas outras; provem de vosso pessimo governo!

Esforçar-vos, Srs. liberaes, para continuardes em tão pernicioso dominio, é esforçar-vos para continuardes a serdes ainda o verdadeiro e maior flagelo que tem oprimido o Estado: e mais tarde cahirdes no abysmo insondavel dos males que a vossos compatriotas, e a muitos outros habitantes do imperio haveis originado!

Assim pois — servis á vossa patria, e a vós proprios — não retardando, não impecendo de modo algum a onda salvadora que em seu transitio vai salpicando todos os semblantes de sagrado aroma; de todas as intelijencias; de — espirito divino!

83°.

PROVOCACÃO.

Oh! qe saudade eu tenho, que-  
(rida,  
De com tigo tomar hum mate!  
Vêr teus labios rozeos pratea  
(bomba...  
Que doçura traria a dar-me vida!

Ella.

Tãobem eu, amigo, a falta sinto  
Desse doce aprazivel que hei go-  
(zado!  
Quando dos teus aos meus con-  
(tente passas  
Essa ambrosia que abraza... eu  
(não mintol

Salta no peito o meu coração;  
Ferve nas veias em borbotão;  
Na cabeça tenho terna união  
Ao fido amigo, eterno Leão!

Eu.

Em mim não são, amiga, inferior  
Os nobres generozos estasis d'  
(amor!)  
D'igual chama em meu peito  
ardôr!  
Vassallos hum do outro; e tudo  
é dor!

84.º

PARA INSTRUÇÃO.

Prostituição, e destruição—moralmente falando,— são sinónimos.

Abril 28 de 1868.

85.º

QUINZE DIAS NA CORTE!

Sob esta epigrafe irei publicando quanto escrevi, passei na corte do Imperio etc.

Pertencem á esta historia as seguintes produções já publicadas neste jornal:—

PRIMEIRA:—em verso.

Despedida e agradecimento á Ex.ª irmã Mariana.

SEGUNDA:—Um sonho com o bacharel Marcondes.

TERCEIRA:—Sátira ao bacharel Augusto Cezar de Padua Fieury.

QUARTA:—Provocação.

QUINTA:—Uma irmã, comprehendendo mais duas produções com as epigrafes—Uma voz, e Outra.

SEXTA:—Conversação com o médico Doutor Jozé Joaquim Ludovino da Silva e Oliveira,—em prosa.

SETIMA:—O dia de meus annos—item.

OITAVA:—Oração na capella do Hospicio. Item.

NONA:—Regimem a mim necessario para gozar perfeita saúde. Item.

DE'CIMA:—Outra conversação com os medicos do Hospicio. Item.

DE'CIMA PRIMEIRA:—Outra. Item.

DE'CINA SEGUNDA:—Outra. Item.  
DE'CIMA TERCEIRA:—Supressão de letras. Item.

DE'CIMA QUARTA:—Argumentação e exigencia. Item.

DE'CIMA QUINTA:—Distração no Hospicio. Em verso.

DE'CIMA SEXTA:—Combate. Item.

DE'CIMA SETIMA:—A previzão —Morrereis ó turba infame. Item.

DE'CIMA OITAVA:—Quem perdoará a aldeões. Item.

DE'CINA NONA:—Sátira. Item.

86.º

ABRIL 20.

Libertão-se homens pretos—pelo horrôr que se tem á escravidão; pelo atrazo de civilisação em que se crê ainda o Imperio—por conservá-la:—

Escravidão-se entretanto —homens brancos, livres, cazados, com filhos, empregados publicos, proprietarios, e com fortuna.1

O' barbaros.1 — ó selvagens.1 — A que inferno ireis expiar a pratica de tanta selvajeria.1 de tanta barbaridade.1

ABRIL.

Em vez de pão para chá, há muito que faço úzo de massas torradas de qualquer qualidade.

Mezes passei sem provar aquelle — porque todas as vezes que antes o comia, emboláva-me no estomago, e fazia crescer-me o ventre.

Assim a respeito de todos os outros alimentos; brandos, e de facil digestão.

ABRIL.

Quem não vê que enquanto estiver eu despojado de todos os meus bens, e as autoridades que a meu respeito possuem influir vacilarem sobre meu juizo, ou sobre minha conducta moral,—estou sendo continuamente roubado, e mortificado.1

Não me refiro a medicos, porque felizmente para cada um que com seus máos juizos, suas falças opiniões me há insultado, apparecem dez, ou doze, para ju-

rar seu crasso erro, ou requintada malignidade.

ABRIL.

Tenho vivido épocas, em que o pestanejar de meus olhos é para meus inimigos um grande crime e por tal feito-me perseguição de morte.1

ABRIL.

Se os documentos são a infantaria com que tenho destruido as fortalezas, os baluartes contra mim levantados por meus desaffectedos, tem sido a imprensa a artilheria com que os metralho; habeis medicos a cavaleria com que os mato.1

ABRIL.

Se os crimes, prevalecessem, nem o ente mais sabio, forte e poderoso, dos que habitão este globo, estaria seguro em sua vida, honra, bens, e liberdade.1

ABRIL.

Não pode, não deve o homem polido, e delicado, sujeitar-se ao regimem de um estabelecimento proprio a infelizes pela falta de bom senso, e em geral, de boa educação.

ABRIL.

Duas couzas só o poder da autoridade, ou da força me faz suportar: sentar-me em uma meza para comer, em que não há a decencia, em que fui educado, e tantas vezes eduquei a centenaes, se não a milhares de individuos.

E o facto de dormir feixado como é costume em alguns pais paar com seus filhos; e em alguns senhores para com seus escravos.

Item.

O tratamento moral é aqui divino: o fisico ou material, a m cada vez que a hora soa; e de me sirvo; que sou recluso por espaço de 12 horas, e ás escuras, são como devem ser outro tanto tempo de padecimento, e de martirio.

Hospicio

<p>Item.</p> <p>Mulher cazada que perde a cabeça, só deixa o marido viver tranquilo, cortando-lhe este a cabeça. l</p>	<p>vincias :</p> <p>E nésta—a juizes de direito de todas as comarcas, municipaes e de orphãos, assignantes, e agentes— 226 jornaes em 4 de Outubro corrente.</p>	<p>com o devolvimento dos mesosm.</p> <p>Hospicio Abril 19 de 1868.</p> <p>89.</p>
<p>Item.</p> <p>Resposta que devia ter dado ao illustrado doutor juiz de Orphãos dom Luiz de Assis Mascarenhas a o perguntar-me: Como eu passava nesta casa.</p> <p>Como passaria V. Excelencia se nela como eu se visse.</p> <p>Ou, Como quem nela é contrariado em tantos de seus costumes; dezojos e necessidades.</p> <p>Ou:— Como quem vive ainda violenta o em sua liberdade; e em seus bens ha quazi mez e meio.</p> <p>Respondi porém: — Não mo ha faltado o que me é necessario a conservar a existencia. l</p> <p>Não se conformão porém com os meus habitos e costumes, o regimem a que tenho sido obrigado.</p>	<p>87.</p> <p>Suprimo de propozito algumas letras ás vezes em palavras que as uzão dobrar, afastando-me assim da orthographia geral, ou a mais aceita pelos doutos, com a boa intenção de suprimir tambem ou inutilizar actos injustos e criminozoz de meus contrarios. l</p> <p>Pois assim elles relacionando por meio de papeis falsos, e outros artificios, tanto me hão estorvado a marcha qe ha tantos annos encetei—assim tãobem devo julgar que relacionando taes actos com as letaas que suprimo elles desaparecerão; ficando assim inutilizados seus maus efeitos. l elles com tal arte me pozerão algumas vezes quazi sem vida, muitas sem alimentos, e algumas de cama.</p>	<p>DESENFADO PORTICO.</p> <p>Se o mndo fosse de rozas, Se a jente nunca morresse, Se houvessem só moças belas, Se o dinheiro so crescesse,</p> <p>Que bella vida Se passaria, Ninguem chorava Ninguem gemia. l</p> <p>Se não houvessem demandas, De crimes tantos volumes, Se amor nos desse só gostos, Se não houvessem ciumes,</p> <p>Que bella vida Se passaria, Tanto ministro Não haveria. l</p>
<p>Item.</p> <p>Emprego a palavra, costumes em um sentido, e habitos em outro.</p>	<p>Assim é que os barbaros me obrigarão a passar dias inteiros morto de cançado, e a goles d'agua, achando-me entretanto no gôzo de minha perfeita saude; e outros com horriveis dores de cabeça. l</p>	<p>Se a jente fosse cazada Sem nunca se enfastiar, Se a mulher fosse vivendo Sem tanto luxo gastar,</p>
<p>Item.</p> <p>Estudar, reparando; analizar, refletindo, e considerando; indicar, apontar, e mesmo criticar para melhorar, e reformar, é trabalho em que ha muito me ocupo sempre que ocaziões oportunas se me oferécem, e o tempo me permite.</p>	<p>88</p> <p>Fui despojado no dia que entrei para este estabelecimento de um relojio de caixa dourada, cadeia de ouro, e um annelão, traste que uzo quazi sem falhar um dia, desde que entrei para o magisterio ha 17 annos. l que falta me deve haver feito principalmente—o primeiro destes trastes. l</p>	<p>Que bella vida Se passaria, Sá daudo beijos Ninguem dormia. l</p> <p>Se o peixe viesse á terra Sem precisar do anzol, Se a jente dormisse ao fresco, Sem precisar de lençol,</p>
<p>Item.</p> <p>Os medicos deste hospicio chã mão-se :</p> <p>O director, Jozé Joaquim Ludovino da Silva e Oliveira.</p> <p>Os outros, Ignacio Joaquim Gularte: e Jozé Theodoro da Silva Azambuja.</p>	<p>Tem sido tal que se não passa dia em que não mendigue saber que horas são, uma, duas, e mais vezes em cada dia.</p> <p>Se porem as leis do estabelecimento assim determinão que se pratique para com os doentes, certamente não autorizão igual pratica para com os sãos, que para o mesmo vem só para ofim de serem observados.</p>	<p>Todos terião Grande riqueza, Sem ser precizo Ter avareza. l</p> <p>Se não houvessem velhacos Que até roubão ás escuras, Era escuzado haverem cofres Com tamanbas feixaduras. l</p>
<p>CORREIO.</p> <p>Meterão-se no correio para S. Exs. os Srs. Ministros de Estado, chefes de policia em todo o Imperio, tipographias, ramos da União conservadora, assignantes, e correspondentes em todas as pro-</p>	<p>Esta falta, que é para mim como a da sobrecazaca, colete, calça, deve ser desde já reparada</p>	<p>Se não houvessem Tantos ladrões Era escuzado Haverem prizões. l</p> <p>Se não houvessem patifes,</p>

Que chupão o suor alheio,  
Ficavão portas abertas,  
Se dormia sem receio.l

Houverão santos  
Na antiguidade,  
Hoje so temos  
Muita maldade.l

Se não houvessem mulheres  
Sem juizo, endiabradas,  
Não se veriam no forum  
Questões tão desaforadas.l

Mas ha no mundo  
Meninas belas,  
E ha demonios  
Que são fivelas.l

Se não houvessem malvados  
Que gostão de fazer guerra,  
Não irião sem motivo  
Tantos p'ra baixo da terra.l

O ser valente  
E' bello assumpto,  
Fazer desordem  
P'ra ser defunto.l

Se não cazassem rapazes  
Sem prudencia, estouvados,  
Não se havia em boticas  
Falar dos homes cazados.l

Mas cresce a somma  
Dos descarados  
Que julgam ser  
Muito engraçados.l

Se houvessem só militares  
Com caracter, com valor,  
Não se veria um bisborria  
Arvorar-se em dictador.l

Ha hoje homens  
De toda a laia,  
Alguns que devem  
Andar de saia.l

Se não houvessem padrecos  
Sem lei, sem religião,  
Não estaria a mocidade  
Em tão grande corrupção.l

Ha hoje monos,  
Que tem corda,  
Passam com a capa  
Por gente boa.l

Não tivessem os tribunaes

Empregados tão corruptos,  
Não precisava o governo  
De fazer tantos tributos.l

O rendimento  
Sempre se encurta,  
Gasta-se menos  
Do que se furta.l

Se os meninos deste tempo  
Não mostrassem já malicia.  
Paes de familia gozavam  
Uma sorte mais propicia.l

Hoje as crianças  
Vão á função,  
Dos maus exemplos  
Tirão lição.l

No tempo das leis de ferro,  
Do despotismo e do mal,  
Não havia este flagelo  
De guarda nacional.l

Poz a reforma  
Tudo mudado,  
Queira ou não queira  
Tudo é soldado.l

O antigo juiz de fora  
Roubava p'ra ter seu paio,  
Hoje os taes de Latronopelis  
Trazem cavallo e laçao.l

Ha mil potencias  
Pelos cantinhos,  
Governam tudo  
bacharelinhos.l

Iam moços para Coimbra  
Estudar o portuguez  
Hoje vão para Paris  
Voltam sabendo francez.l

Voltam gamenhos  
Muito jentis,  
Trazendo uns oculos  
Sobre o nariz.l

Naquelles tempos, ser medico,  
Era nobre, e couza fina,  
Hoje estudante moleque  
Entra logo em medicina.l

Se elle conhece  
Capim, coirana,  
Já de botanico  
Muito se ufana.l  
Critica autores,  
Dá regra aos lentes

Taxando a todos  
De impertinentes.l  
Encontra sarnas,  
Diz que é bexigas,  
Sangra nas pernas  
Quem tem lombrigas.l

Falemos dos empregados  
Que é tudo jente da moda,  
Que apenas perde a pexiucha  
Só quando desanda a roda.l

Se elle velhaco  
Passar por serio  
Em quanto dura  
Seu ministerio;

Mudam-se as scenas,  
Trocam-se os pares,  
Que os afilhados  
Querem lugares!!!

Do Alabama.

90.

RAPIDO OLHAR A' MENINA C.

Não comparo a fios de oiro,  
Por sedição, o fino cabello loiro!  
Mas a raios do sol luzente.l  
Nem a face a um jasmim  
Com matizes de carmin;  
Mas a principado excellentel

Setembro 6 de 1868.

91.

DISTRAÇÃO NO MOSPICIO

Faz-me saudade,  
Saudade extrema.l  
Deos sabe o que.l  
Um tal problema  
Não se resolve!?

Da branca vaga  
Que docemente  
A' praia bate;  
Eu sinto embate  
Em meu coração.l

Meigos sorrisos  
Me vemá mente!  
De tantas canduras  
Doces ternuras  
Sonhando eu gozo.l

Amores meus.l

Mulheres minhas. |  
Porque azinhas  
De mim fugis?  
Ingratas sois. |?

Acazo perdi-vos. |?

Abril 12 de 1868.

92.\*

DA ANTIGA JUSTIÇA.

O Sr. Marchal Lima e Silva.

Por mais de uma vez temos aconselhado ao povo o maior critério na escolha dos representantes immediatos dos seus interesses.

Suficientemente educado, e convicção nossa de que elle hade saber cumprir o seu dever, escolhendo para represental-o na camara temporaria a homens que lhe fação honra, e que pelo seu talento, seus serviços, e seu amor desta terra, possam contribuir para a prosperidade do Rio Grande do Sul.

O que ainda nos resta a dizer sobre o assumpto eleitoral, o faremos em outros numeros do nosso jornal.

Hoje vamos-nos ocupar de um vulto inponente de nossas glorias militares, do Sr. Marchal de campo Luis Manoel de Lima e Silva.

S. Exa. pretende ocupar uma das cadeiras de vereador da camara municipal desta cidade, solicitando para isso os votos dos seus concidadãos.

Nunca ninguem com mais direito e com meliores titulos solicitou a sua elevação a um cargo de importancia como é o de vereador da camara municipal.

Sobráo ao distincto general a aptidão e actividade que formão os requisitos geraes para vereador.

O povo deve folgar com a noticia que viemos de dar-lhe.

Entristece-nos em verdade ver o estado de miseria, pode-se dizer, em que se achão as nossas ruas; ninguem — cuida do aceio publico, nem mesmo para evitar as reproduções de epidemias taes como o cholera-morbus, que ha-

bem pouco tempo dizimou em parte a avultada população da capital, os actuaes vereadores da camara, com honradissimas excepções, apenas importão-se com vingancinhas miseraveis, com questõesinhas eleitoraes, descurando dos urgentes melhoramentos que requer o municipio de que são immediatos representantes, Que estão sendo demaziadamente espaçados.

Porque não se fez ainda o contracto para a limpeza publica?

Porque não se arborizão as praças da cidade para tornal-as mais bellas?

Porque não se faz o calçamento das ruas com a perfeição das outras cidades para não dar-se o facto de obstar ao tranzito desembaraçado de jente e vehiculos?

Porque não se trata de abrir quanto antes a rua Clara, na es-cida até á do Arvoredo?

O periodo de quatro annos, durante os quaes tem servido os actuaes vereadores, foi esteril e baldio de qualquar beneficio para a capital.

Para que se realizem com promptidão todas as medidas que apontamos, para que esta bella cidade assuma um character inteiramente novo, para que prospere o municipio, é preciso que a eleição recaia em homens da tempera, actividade enerjica, e independencia de character como o Sr. Marchal Lima.

Influente na politica conservadora, varão illustre que conseguiu dar nova feição ao partido a que pertencemos; o Exm.º general pede só para si o lugar de vereador da camara animado como se achados meliores dezejos de fazer prosperar este municipio.

A guarda nacional deve muita gratidão ao illustre general pela consideração e protecção que elle lhe prestou durante o periodo em que esteve servindo como commandante superior; é ocazião de retribuir-lhe, acompanhando-o na eleição que nos bate á porta.

Não está por certo nos sentimentos da guarda nacional, aprezar da comprehensão odioza que sobre ella quer ter o Sr. coronel Joze Pinto vulgo (Come-ferro) pro-

ceder ao contrario, fazemos justiça a essa briozia classe, supondo-a incapaz da vilania de desprezar hoje aquelle que hontem derramou a mãos largas sobre ella uma grande quantidade de beneficios.

A's urnas, pois, briozos cidadãos, a depór o vosso voto na pessoa sempre respeitada do heroe do ponxo verde. |

Concítovos a ellas. |

Ao PUBLICO.

O Dr. Luiz da Silva Flores, mendigo politico, que corre ás armas sob qualquer bandeira, corsario sem principios, o mais ignobil de quantos condottieri tem vindo ao mundo, com todo o desplante diz que nós e nossos parentes o acompanhamos na proxima eleição.

Viemos á imprensa solemnemente protestar contra essa falsidade.

No numero quatro de nosso jornal está concebida em termos bem claros a cauza a que adherimos, e elles bastarião para justificarnos da mentira do Sr. Flores; mas para que não pare duvida sobre o espirito de ninguem a respeito da nossa conducta no pleito eleitoral que se aproxima, declaramos que não só o não acompanhamos na eleição, como havemos de guerreal-o quanto podermos.

A honra, a dignidade de principios, nos conduz ao terreno da realzeza, e para que o mercenario Flores conheça a corda que o enforca . . . . .

(Perderam-se tres linhas.)

. . . . . sem mancha e que o recalceitrado procedimento daquelle seja tomado na consideração propria de caracteres probos, que se enojam de estar em contacto com vis reptis, que só curam da nauzeabunda especulação.

Seria por sem duvida um enfadonho cathalogo, se fossemos minuciozos em descrever os feitos infamantes de semelhaute saltimbando em diversos periodos de sua vida publica.

Requies cax d'impacé....

DOCUMENTOS.

Eis os documentos com que requeri a Antonio Correia de Oliveira, juiz de orphãos suplente nesta capital, em 13 de Julho, bens de minha propriedade, que por actos criminosos do bacharel Augusto Cezar de Padua Fleury achão-se em poder de Francisco de Lemos Pinto Filho.

No seguinte numero publicaremos seus tresloucados despachos, e minhas respostas.

Cópia. — Nos registros e guardas, de ordem do Ex. Sr. conselheiro chefe de policia, deixe-se passar livremente o subdito brasileiro, José Joaquim de Campos Leão Corpo-santo, natural do Rio Grande do Sul, de 39 annos, casado, professor publico, estatura regular, rosto comprido, cabellos castanhos, olhos azues, côr branca, barba bastante: o qual segue para a Provincia do Rio Grande do Sul. — Secretaria da policia da Côrte em 16 de Junho de 1858. — Firmino Jozé de Lima. — Pagou dois mii rs. — Antunes Junior. — Visto. — Delegacia de Policia. — Rio Grande 6 de Julho de 1868. — F. S. Flores.

Cópia. — Illm.º e Emx. Sr. Dr. juiz de orphãos. — Diz José Joaquim de Campos Leão Corpo-santo, que, porque se lhe faz myster, vem requerer á V. Ex. digne-se determinar que o escrivão respectivo passe certidão do ultimo despacho proferido por V. Ex. em autos que ao suplicante dizem respeito; e de outras peças que sa mesmo indicar. — Pede á V. Ex. haja de assim determinar, pelo que — R. M. — Côrte, Junho 1 de 1868. — José Joaquim de Campos Leão Corpo-santo. — Passe. — Rio 6 de Junho de 1868. — Assis Mascarenhas.

Estevão de Aguiar Gemini, escrivão interino do primeiro officio do juizo de orphãos, no impedimento do scrventuario vitalicio Manoel Hilario Pires Ferrão, nes-

ta côrte e cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, por Sua Magestade o Imperador, a quem Deos guarde etc.

Certifico que revendo os autos de exame de sanidade, em que é supplicante o juizo de orphãos e auzentes da cidade de Porto Alegre, e supplicado José Joaquim de Campos Leão Corpo-santo, nelles me foi apontado e pedido por certidão o seguinte: — N. 86 — Hospicio de Pedro II, 30 de Abril de 1868. — Illm. e Ex. Sr. — Declarando os medicos deste estabelecimento que Joze Joaquim de Campos Leão Corpo-santo, remetido para este Hospicio a 8 do corrente pelo chefe de policia da côrte, á requisição de V. Ex., não convém ser aqui conservado, visto não ter apresentado até hoje signaes sensiveis de desarranjo mental; assim o communico á V. Ex. para que haja de providenciar a respeito. Deos guarde a V. Ex. — Illm. e Ex. Sr. Dr. Luiz de Assis Mascarenhas, juiz de orphãos da côrte. — Antonio José Bordini, mordomo.

Acuse-se a recepção dizendo que amanhã ás 9 horas da manhã vou ao Hospicio para proceder a exame, e pedindo para que os medicos do Hóspicio lá estejam a essa hora. — Rio 30 de Abril de 1868. — Assis Mascarenhas.

Auto de exame de sanidade. — Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de 1868, ao primeiro dia do mez de Maio, nesta côrte do Rio de Janeiro, no Hospicio de Pedro II, onde eu escrivão fui vindo com o meritissimo Dr. juiz de orphãos, Dom Luiz de Assis Mascarenhas; e sendo ali presentes os Drs. José Joaquim Ludovino da Silva e Ignacio Francisco Goulart, e pondo cada um a mão direita sobre um livro dos Santos Evangelhos, deferiu-lhes o ministro o respectivo juramento, e os encarregou sem dóllo nem malicia procedessem a exame de sanidade na pessoa do paciente José Joaquim de Campos Leão Corpo-santo, conforme entendessem em suas consciencias sob as

pennas das leis. — Recebido pelos mesmos peritos o referido juramento, assim o prometerão cumprir do que dou fé; e passando a dito exame, uniformemente declararão: — Que tendo examinado no dia 20 do mez passado, em presença do Exm. juiz de orphãos, foi o paciente submetido a um exame, no qual não poderão pronunciar o seu juizo definitivo, por quanto constando do officio de remessa soffrer o paciente de monomania, forçoso era sujeital-o por mais algum tempo á observação para poderem conhecer da natureza e variedade desse delirio parcial. — O paciente foi recebido neste Hospicio sem trazer os necessarios esclarecimentos que podessem servir de guia na confrontação dos factos de ordem phisica mental e por conseguinte sem os antecedentes etheologicos remotos para auxiliar o tratamento. Desde que as observações do espirito não se patenteião por actos impulsivos e exaltações manifestas, incoherencia de idéas e perturbações sensoriaes, o diagnostico das formás intermedia-rias, torna-se tanto mais difficil quanto são obscuros os pontos de contacto dos elementos psychologicos — a produção das desordens mentaes. Pela observação que fizerão, o paciente não apresentou delirio parcial organizado e systematisado, cuja existencia torna-se evidente pela tenacidade com que se revela, desde que é provocada a manifestação; e nem se nota esse circulo de idéas fixas formado pela insanidade da imaginação. Não acharão o producto mórbido monomania no que diz respeito ás concepções delirantes que constituem as anomalias dos sentidos; o paciente não apresenta alucinações nem illuzões. Dada a existencia de uma das variedades da monomania, o fundo da lesão torna-se saliente de dia para dia, de modo a levar o indiv. á proximidade da alienação geral. Se o paciente pelo que nos relatou, soffreu em 1865 a 1866 um exame de sanidade, sua situação mental teria tomado proporções desde essa época, deprimindo progressivamente as faculdades do

entendimento, tanto mais que continuarão as causas que determinarão esse exame. Entretanto nada disto podem verificar, e o paciente acaba de responder de modo, que corrobora o nosso dizer, ás questões que lhe foram dirigidas pelo Meretissimo Dr. juiz de orphãos. — A' vista, pois, da exclusão de taes manifestações phycicas, fornecida pela observação chimica, interrogatorios, e leitura de manuscriptos correlativos; podemos concluir do modo seguinte:— O paciente no seu enunciação apresenta um accrescimento de actividade cerebral, que não pode exprimir um estado anormal do intellecto, senão quando essa actividade superexcitada por impressões externas reflecte de certo modo sobre o centro das percepções. — Se cada individuo tem a sua organização intellectual particular, dando a uns maior actividade aos actos do entendimento, produzindo a vivacidade e rapidez do pensamento, não se segue que deste estado se possa tirar a unidade morbida representante da alienação mental que arrasta o individuo á perda do livre arbitrio. Por tanto, sendo negativo o resultado de nossas investigações, e não sendo admitida em pathologia mental a periodicidade á manifestação da fórma monomanica da loucura, não deve por isso o paciente continuar a permanecer neste estabelecimento; o que naturalmente constituiria uma preocupação para ele, podendo esta ir até o delirio. Finalmente, o paciente carece da convivencia com seus amigos; e de distrações que o fação esquecer as contrariedades que diz ter soffrido no lugar de sua residencia na Provincia do Rio Grande do Sul, apartando-se temporariamente da atmosphera sob que se derão essas contrariedades, até ultteriores observações. — E nada mais disserão e assignarão com o ministro. — E eu, Estevão d'Aguiar Gemini, o escrevi e assigno. — Assis Mascarenhas. — Dr. Joze Joaquim Ludovino da Silva — Dr. Ignacio Francisco Goulart. — Estevão de Aguiar Gemini.

A' vista do exame fl. officie-se ao mordomo do Hospicio de Pedro II, para dar sabida ao examinado Joze Joaquim de Campos Leão Corpo-santo; devendo porem a pessoa que está encarregada pelo curador para fazer as despezas, recolhel-o a uma casa de saude para o fim indicado no mesmo exame. Pague as custas. Rio 5 de Maio de 1868. — Dom Luiz de Assis Mascarenhas.

— 94 —

UMA IRMÃ.

Ah! quanto me arrependo  
Do voto proferido! que horrendo!  
E viver sem gozar o que querendo,  
Lamento; choro/enão podendo.  
Que roزاری maldito—oh! Deos meu!  
Este christo pendurado; ah! judeu!  
Para que o crucificastes pigmeu?  
Para martyres — malvado, qual eu,  
Fazeres — demonio; vil, immundo!  
A desgraça espalhares neste mundo;  
E rires-te de lonje, ou lá do fundo  
D'um inferno horrivel; e prôfundó?  
E estas vestes que me cobrem!  
E este chapéo, oh! sim, dobrem!  
Os sinos; fujo... inda que immundo!  
A rica; a feliz... outros que lo-grem!  
Esse que grão palacio chamão!  
Que gozom; aqueles que só amão,  
Pelo objecto do amor só clamão!  
Com o mais — mizeros/elles  
(s'inlâmão!  
De que servem riquezas?  
De que me servem grandezas?  
Se me encho de tristezas  
Privada por avarezas?

Do unico bem que apeteço  
Do unico bem que conheço;  
Pelo qual quazi endoudeço  
Quando lembro que o careço!

Que me privão elle gozar.l  
Meu Deos,l vou me matar,  
Se me continuão a estorvar  
A viver com o meu par.l

Eu.

Querida.l minha querida.l  
Alma e corpo desta vida;  
Que já não sei se é minha ou  
(tua:  
Deus.l Deos meu.l acudi-a.l ela  
(já sua.l

Que ataque oh.l meu Deos: ela  
(sentiu.l  
Como seu corpo s'enlanguece —  
(frio!

Ele desmaia.l Ceos! acudi-a.l  
Que vejo? céo l Deos.l — mor-  
(ta e fria.l

Como o céo arrebatou-a a meus  
braços!  
Como o Deos quebrou os laços  
Do puro e santo amor que —  
(me jurou.l  
Como o Deos dos christãos —  
(tudo quebrou...

Era sua! qiz fujir-lhe—a tocou!  
E o seu leve toque a si a leyou  
D'entre nós! — Miseros mortaes,  
Entes.l porque a Deos não res-  
(peitae?

Quem sois vós diante do Ser Su-  
(premo!  
Vil, immundo pó.l Deos. eu  
(tremo.l  
Só de ver; só de ouvir como ten-  
(tados  
São — os biltres,l os trahidô-  
(res.l os malvados.l

Nada respeitão; a tudo se arro-  
(jão.l  
Nem lei, nem moral, nem reli-  
(gião,  
Existem para elles neste mundo.l  
Ide malvados do inferno ao fundo!

Assassinos.l algozes da huma-  
(nidade.l

Violentadores da liberdade.l  
Roubadores da christandade.l  
Demonios, feras—por caridade,

Fugi, fugi d'entre humanos.l  
Ide para o inferno.l mil annos  
Que esta vida dure qual jurei  
Neste globo, e nesse inferno  
(matarei l

E se algum ainda escapar,  
Eu protesto; hei de jurar.l  
Só tormento aqui passar;  
Só tormento aqui gozar.l

UMA VOZ.

Tormento comendo, tormento  
( bebendo,

Tormento andando; irão sofren-  
(do.l

Tormento dormindo, tormento  
(sonhando,

Tormento se rindo; irão pade-  
(cendo.l

Tormento deitado, tormento as-  
(sentado,

Tormento pensando — es irei  
(matando.l

Tormento correndo, tormento  
(caindo,

Tormento chorando — os irei  
(passando.l

Tormento lendo, tormento es-  
(crevendo,

Tormento gemendo; os farei ir  
(temendo.l

OUTRA.

A seu Deos, e sabias leis respei-  
(tando.l

Deveres para com outros ir cum-  
(prindo.l

Aliviado o orbe desta turba in-  
(fame,

Livre respirará — o que a Deos  
(ame.l

Eia.l avante.l christãos amigos!  
Matai.l matai — estes inimigos  
Do céu, da terra e orbe inteiro.l  
Façamos dos immundos — es-  
(terqueiro.l

A pó, a terra, a cinza, a nada.  
Seus negros feitos fiquem redu-  
( zidos.l

Em vosso fogo abrazaei, Eterno.l  
Juremos — todos — mortos ou  
( convertidos.l

Incendie amor divino nossos  
( peitos.l

Metamos espadas, lanças, balas  
Nessas feras, cujos maus feitos  
A terra impessão de [desgraças.l

Não lhes valhão — irmãos e ir-  
( mãs:

Empregos, títulos, dignidades.l  
Nem jerarchias, ou hierarchias  
Com que encobrem suas mal-  
( dades.l

Quer sejam doutores, quer escrip-  
( tores,

Quer taberneiros, ou vis sen-  
( deiros.l

Fogo, ferro--neles sem piedade.l  
Vingar-se-ha Deos, e a Huma-  
( nidade.l

Fortes, compactos quaes somos,  
Unidos, valentes, destemidos.l  
Tudo matemos, tudo destroce-  
( mos!

Mostrémos-lhe o que somos e  
( fomos.l

Nem na terra eu seus despojos  
( quero!

Voem em cinzas, em vapores  
( voem.l

Dos danos que fizerão neste  
( mundo,

Não se pode suportar o fetido  
( immundo.l

Postas as mãos, de joelhos postos  
A Deos imploremos — saude,  
( vingança.l

Firmes, seguros em tão alta  
( crença

A' bala matemos, matemos a  
( lança.l

PROVOCAÇÃO.

Tu queres, Belirio, amigo meu  
( ser?

Tu compr'endas; defines esta  
( palavra?

Tudo facilitar para tudo gozar.l

Tudo empecer para não padecer?

Amar -- não ofender, nem pre-  
( judicar.l

Amar--ao amigo socorrer; dar.l  
Amar--a este proteger; amparar!

Assim, ambos gozão  
Não sofrem rigores  
Dos crueis doutores.l

Assim ambos ganhão!  
Assim ambos gozão.l  
E seus affectos trocáo.l

Assim, ambos vivem  
Iguaes quazi em tudo.l  
Tu não falas.l stás mudo.l?

Responde, Belirio,  
Não vês a anciedade  
Para ter liberdade.l?

Contigo passar  
Em estreita amizade  
Não vês a anciedade.l?

Hospicio — Maio de 1866.

O CAZAMENTO E SEUS EFEITOS.

Escrevo-te sob a impressão da  
leitura de tua carta.

Confesso que essas frases repas-  
sadas de tristeza, sensibilizaram-  
me; essas dores íntimas do cora-  
ção que jeine nas agonias do sofri-  
mento moral, dores pungentes que  
levam o homem a extremos per-  
ventura sinistros, que elle jamais  
sonhara em seu leito rozeo de  
mancebo, na idade das esperan-  
ças e das aspirações santas, subli-  
mes; quando o enthusiasmo no-  
bre de sua missão lhe mostrá no  
correr da vida novos horizontes á  
porfia, brilhantes, encantadores:  
vêr que tudo isso fugiu, perdeu-  
se, e que o vento da descrença so-  
prou-lhe forte nas flores d'alma,  
desfolhando as mais bellas.l

E' só sentir o silicio do marti-  
rio, as fezes da taça do sofrimen-  
to e o peito que estala de amargu-  
ra.l?...

E' bem terrivel, sem duvida,  
mas a vida do homem é assim  
quazi sempre; a estrada que o  
conduz ao ponto dezejado é vasta,

immensa, e é peregrino ao findar a romagem, e quantas vezes tem as plantas feridas, que sangram das urzes e espinhos, e a fronte suarenta que tomba de fadiga, se não de desesperança?

Mas sejamos philosophos, levemos a razão á analyse dos factos e raciocinemos.

Trátemos primeiro da sua descrença, remontemos-nos a outras épochas.

Tu és dessas naturezas ardentes, cheias de fogo, a quem a vida isolada, cenobita, não convinha de modo algum: o teu genio precisa de expansão: destinavam-te ao sacerdocio, mas o espaço curto da cella do religioso, e a athmosphera gelida do claustro não podião agradar-te quando o sangue fervia-te nas arterias. Recusastes, e creio que obrastes muito bem.

Muito moço e as primeiras pulsações do coração, aos vinte annos, nas gallas da mocidade entrastes na sociedade toda cheia de convenções e exigencias.

Amastes, e as primeiras impressões em um coração novel, são profundas; amastes, e amastes até a loucura.

Membro da ordem social, respeitador de seus direitos sagrados, conhecestes que a ferida do teu coração não fecharia senão por meio das prescripções dessa sociedade, e cazastes.

O casamento é uma das instituições mais bellas, que o espirito humano podia estabelecer: essa dupla existencia de dois seres, que não tem senão uma só vontade, um mesmo pensamento; essa união eterna dos corações santificada pela reunião dos homens, tem alguma couza de divino.

O casamento é bello.

Mas o homem começa a viver pelos sentidos, as sensações são o preludio da idéa, mais tarde elevadas e nobres do espirito que pensa e obra com discernimento.

Tu fostes levado ao casamento por uma paixão cega, insana, immensa. Não calculastes consequências, ou antes a paixão não deixou-te calculal-as; no sorrir dos annos, viste nma mulher, cresces-a bella, julgastes ter encontra-

do a imagem, a sombra de teus sonhos puros; quem sabe, enlouqueceste por ela? não possuil-era evocar as idéias do réprobo social—o suicida.l

Conseguistes os fins.

O tempo decorreu, e nesse decurso a experiencia quiçá amarga, mostrou-te que o homem tambem se engana, que as creações santas da imaginação, o ideal sublime, adorado nas insomnias como sonhos com ardor sagrado, com afan nobre, não é tão facil de encontrar, não é tão commum nas camadas putridas e prostituídas da sociedade contaminada.l..

E' aqui que creio descobrir a origem do sentimento que mata a seiva d'alma, e de que tu me fallastes pelo seu proprio nome—descrença.

Foi isto que desbotou-te o lyrio do coração, que matou-te as crenças e tornou-te scepticó.

Perdão se ergui o veu que encobria o passado, se fiz sangrar feridas que ainda não fecharão; mas tu pedistes-me franqueza e sinceridade.

Foi o que me guiou . . . .

Como é triste e arida a realidade do desengano! Como o coração se confrange sentindo o vacuo immenso que creou-lhe a desiluzão, nos dissabores da existencia, no embate das paixões, que deixão apoz de si terríveis lembranças!

A questão que vou agora ventilar é por ventura bastante delicada, é possível nella ferirem-se suscetibilidades, fazer vibrar as fibras do amor proprio, que irrita-se quazi sempre quando a razão calma, e a placidez da consciencia, não prezidem á uma argumentação as mais das veses ingloria para aquelle que discutindo factos, faz apenas resaltar consequencias verdadeiras deduzidas de principios aceitos, e submettidos á uma logica sã e robusta.

As tuas palavras— franqueza, sinceridade, me animam a isso.

Ventilemos a questão.

O coração do homem é como as flores, que necessitam de seiva, precisam que o orvalho roçagante das manhãs lhes borriفة a haste,

lhes dê vigór; o terreno calcareo, ou esteril as mataria, não poderiam vingar; assim tambem o coração tem necessidade de seiva, e precisa de orvalho.

No homem criado á imagem da divindade, que vive a vida das idéas, do pensamento, dos sentimentos, enfim, a seiva e o orvalho são —o amor na sua acepção espiritualista; no homem que vive a vida dos sentidos, e chafurda nos paúes lodozos da vegetação, da vida só corporea; para elle a seiva e o orvalho são o sensualismo, o gózo material.

Assim tu quizestes buscar sensações, acordar o coração dessa modorra, e achar na materia a expansão do espirito.

Fallemos seriamente.

Tu frequentas a casa de Julia, é incontroverso, o encadeamento dos factos o prova,

Lembras-te quando zombavas de mim, quando eu te mostrava as seduções perigozas do amor da cortezã quando são fundadas no materialismo, e não no dezejo nobre de remil-as, on estudar essas almas decahidas?...

Aconteceu o que eu previ.

Tu fostes arrastado. Amastes Julia, a cortezã iapura, a mulher infame, a messalina sem brio, como tu a chamavas.l

Pobres magdalenas!

Sempre o sarcasmo, sempre a ironia da turba nescia, embora as amem aquelles que lhe lanção o lodo das ruas.l

Tenho as minhas idéas sobre a cortezã, idéas bebidas em curto estado e em diminuto tracto do mundo; não é agora que as trarei á tela, são oppostas as tuas, e a occasião inpropria...

Voltemos á questão.

Julia é uma moça realmente seductora, pode aorastar o homem que não está habituado ao combate das paixões, e estréa no mundo.

Dezoito annos, bella, da belleza da Noemi biblica, e corrupta como a Magdalena do christianismo antes da redempção.

Pobre moça. já tive occasião de estudal-a, ainda que pouco; naquella alma corrupta, ha ainda um resto de sentimentalismo, não

é desses espiritos metallicos que tudo sacrificam á sede do ouro; não, a sua redempção não é impossível, mas esses espiritos embotados, essas almas gelidas que abundam nos lupanares são incapazes de afastal-as.

Tu a amastes, não a amaldiçoas, pobre creança perdida, talvez te ame tambem; porque lançalhe o escarneo? foi a sociedade quem a corrompeo, foram essas almas morpheticas que a poluíram, não a insultes!... perdão para ella, se é que tem delle necessidade...

Estou fatigado, abusei talvez da tua paciencia, alongando tanto esta, mas desculpa, não fui eu quem encetou a questão.

Teu amigo.

(Da antiga Justiça).

97.\*

CONTINUAÇÃO DOS DOCUMENTOS.

Illm.º e Exm. Sr. Dr. juiz de orphãos.— Jozé Joaquim de Campos Leão Corpo-santo, achando-se ainda na caza de saude do Dr. Eiras, onde foi recolhido por ordem de V. Ex. para ser observado por mais algum tempo, além de trinta e tantos dias que fôra no Hospicio de Pedro II, afim de reconhecer-se o perfeito estado de suas facultades suppostas doentias pelo juizo de orphãos da cidade de Porto Alegre, provincia de S. Pedro; não podendo por mais tempo sujeitar-se a uma observação que se eternisará com gravame de sua saude; seus interesses; e finalmente de sua reputação, violentadas assim todas as normas de direito, violentados assim os mais são a caros principios de humanidade; o supplicante vem pedir á V. Ex. garantia a seus direitos, remedio que a lei dá aos males que soffre; e nestes termos se torna necessario que V. Ex. ouvindo o medico que assiste ao supplicante na caza de saude, onde se acha, profira sua ultima palavra sobre a larga observação que tem soffrido o supplicante; e o judicioz parecer dos distinctos alienistas do Hospicio de Pedro

II, afim de que, á vista dessa ultima palavra e julgamento de V. Ex. possa o supplicante julgar tambem da sorte que o aguarda até agora á mercê dos vai-vens originarios de supposta loucura.— Assim pede á V. Ex. haja por bem mandar na forma requerida, como parece de lei; e de justiça.— E. R. M.— O advogado, Jozé Joaquim Peçanha Povoas.

Responda o Dr. medico assistente.— Rio 18 de Maio de 1868.— Assis Mascarenhas.

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor — A' vista da resposta do facultativo da caza de saude do Dr. Eiras, que tem assistido ao supplicante, em sua ultima parte, julga este não poder alli continuar e permanecer, vem pois requerer á V. Ex. se digne ordenar seja o supplicante posto em liberdade como parece de urgencia em face do relatorio medico, deixando-se para depois disto feito as ulteriores disposições deste juizo de accordo com os direitos do supplicante e os principios de justiça.— Nestes termos pede á V. Ex. haja de mandar juntando-se esta e mais documentos que acompanhão, aos autos de exame primitivo para constar, e ulterior procedimento.— E. R. M.— O advogado Jozé Joaquim P. Povoas.

Nos autos.— Rio 20 de Maio de 1868.— Assis Mascarenhas.

Eu abaixo assignado, Dr. em medicina, pela faculdade do Rio de Janeiro, lente de clinica medica da mesma faculdade, e membro titular da Academia Imperial de Medicina, socio correspondente da Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa, facultativo do hospital da Santa Caza de Misericordia, e da casa de saude de N. S. d'Ajuda.— Attesto que da observação attenta e assidua que tenho feito a o Sr. Jozé Joaquim de Campos Leão Corpo-santo, tenho concluido que, a não ser alguma exaltação cerebral com pequenos e raros desvios da intelligencia (1) sobre certos assumptos, nada indica em seu organismo um estado mór-

bido. A desordem que segundo penso existe no orgão principal do aparelho da inervação, com quanto traduzida por phenomenos significativos, todavia exige para ser bem apreciado, de aturado exame dos actos do Sr. Corpo-santo, e de prolongada conversação com elle entretida e habilmente dirigida.— Attesto tambem que, longê de haver vantagem de qualquer ordem que seja, na conservação deste Sr. em um — estabelecimento de saude — pelo contrario a privação de sua liberdade, ss contrariedades porque tem passado, e sobretudo a idéa que tanto o compunge de que o conservão recluso porque o julgão um louco nocivo, são causas muito poderosas que podem aggravar o seu incommodo, o qual, no grau em que está, não o priva de cuidar em sua familia, nos seus negocios e interesses, utilmente aproveitando a sua intelligencia e educação, bastante aproveitaveis.— O referido é verdade, o que juro em fé do meu grau academico.— Rio de Janeiro 19 de Maio de 1868.— Dr. João Vicente Torres Homem.

(1) Estas palavras — Desvios da intelligencia — expressão — Dignas, justas, e imprecindiveis repelições aos crimes perpetrados pelo bacharel Antonio Correia de Oliveira, e outros, contra minha pessoa, e bens, e já por mim tantas vezes denunciados!

Corpo-santo.

Anno do Nascimento de N. Senhor J. Christo de 1868, nesta cidade do Rio de Janeiro, na sala das audiencias do meretissimo Dr. juiz de orphãos Dom Luiz de Assis Mascarenhas, onde eu escrevão vim: sendo ahí presentes os Drs. Jozé Joaquim Ludovino da Silva — João Vicente Torres Homem, e — Ignacio Francisco Goujari; pondo a mão direita sobre um livro dos Santos Evangelhos, defariulhes o juiz o respectivo juramento, e os encarregou de, sem delo nem malicia, procedessem ao exame na pessoa do paciente Jozé Joaquim de Campos Leão. Corpo-santo, conforme entendessem em suas consciencias, sob penna da

foi. Recebido pelos Peritos o referido juramento, assim o prometterão cumprir, do que dou fé. E passando ao referido exame declararão uniformemente: — Que pelo exame de sanidade a que se procedeu na cidade de Porto Alegre, que hoje lhes foi apresentado pela primeira vez, O Doutor Roberto Landell, primeiro perito, declara que o paciente soffre de monomania, sem entretanto dar a verificação rigorosa que fez dos factos, sem o estado da origem da molestia, seus symptomas, e sua marcha; sem o quadro mórbido relativo aos antecedentes, as disposições constitucionaes, ou hereditarias do paciente. O Doutor Joaquim Pedro Soares, segundo perito, diverge da opinião do primeiro, e pois não falla de monomania, nem de outra forma de loucura. — O Doutor Torres Homem, sob cuidados de quem esteve o paciente na casa de saude da rua da Ajuda, desde que sahio do Hospicio de Pedro II, discorda igualmente da declaração do primeiro perito, e pelo certificado de folhas desenove julga o paciente apto para gosar de seu livre arbitrio. — Que não estando por isso demonstrada a exigencia da monomania, resultante da lesão da sensibilidade moral caracterizada pela aberração das faculdades instinctivas, nem pelos commemorativos, nem por documentos, nem pelas nossas observações, pelo tempo de quarenta e oito dias; prevalece portanto o juizo que foi emittido no parecer de duas folhas nove, a declaração do Doutor Soares, segundo perito, e a opinião do Doutor Torres Homem. — E nada mais disserão, e assignarão com o Juiz. — E eu Estevão de Aguiar Gemini, o escrevi e assigno. — Est. de Aguiar Gemini.

Declararão em tempo os Peritos Ludovino e Goulart, que á vista da ultima observação feita pelo Doutor Torres Homem, na casa de saude da rua da Ajuda, concordão inteiramente com a conclusão do attestado do mesmo Doutor Torres Homem, a folhas nove; e por isso julgão o paciente no estado de po-

der reger sua pessoa e bens, do que dou fé; e assignão com o Juiz. E eu Estevão de Aguiar Gemini, o escrevi e assigno. — Assis Mascarenhas. Estevão de Aguiar Gemini. — Doutor Jozé Joaquim Ludovino da Silva. — Doutor João Vicente Torres Homem. — Doutor Ignacio Francisco Goulart.

Ilm.º e Exm.º Sr. Dr. juiz de Orphãos:

Jozé Joaquim de Campos Leão Corpo-santo, á vista do exame medico q'acaba de soffrer, depois de quarenta e oito dias de observação no Hospicio de Pedro II, e casa de saude de Nossa Senhora d'Ajuda, e em face das conclusões do ultimo parecer dos distinctos peritos que o observarão durante o longo tempo dito, requer á V. Ex. se digne ordenar sua prompta liberdade perturbada pelo estado de inderdicção em que se acha, procedendo V. Ex. ulteriormente como for de Direito ao definitivo julgamento que o rehabilite das violencias soffridas, das quaes, em tempo opportuno, haverá o damno que lhe causarão — Nestes termos — Pede á V. Ex. deferimento na forma requerida, junta esta aos autos. — E. R. M. — O Advogado — Jozé Joaquim Pecanha Póvoas.

98.º

RESPOSTA A HUMA PRETEDENTE AO CORPO-SANTO.

Se esse corpo  
Não foi tocado...  
Aceitarei.l  
Mas se o foi...  
Rejeitarei.l

Se esses labios  
Puros estão...  
Aceitarei.l  
Mas se o não stão  
Repelirei.l

Se essas faces,  
Beijadas não forão  
Aceitarei.l  
Mas se o forão...  
Repelirei.l

Se n'essa lingua,  
Não ha veneno...  
Aceitarei.l  
Mas se o ha...  
Repelirei.l

Se doces olhares  
Trocados não forão,  
Aceitarei.l  
Mas se o forão  
Repelirei.l

Se meigos rizos  
Não dispensastes...  
Aceitarei.l  
Mas se o fizestes...  
Repelirei.l

Se ternas palavras  
Não proferistes...  
Aceitarei.l  
Mas, se proferistes...  
Repelirei.l

Se nunca ouvistes  
A lisonja vil...  
Aceitarei.l  
Mas se o fizestes,  
Repelirei.l

Se para agradar  
Não Vosforçastes,  
Aceitarei.l  
Mas se o fizestes...  
Repelirei.l

Se teus encantos,  
Não empregastes...  
Aceitarei.l  
Mas se empregastes,  
Repelirei.l

Se tremula vóz,  
Nunca sentistes...  
Aceitarei.l  
Mas se assim foi,  
Repelirei.l

Se juizo tiveres,  
Mais que outr'óra,  
Aceitarei.l  
Mas se o não tens,  
Repelirei.l

Se mais amas hoje  
Teus tenros filhos,  
Aceitarei.l  
Mas se os não amas,  
Repelirei.l

S'em paz e hermonia,  
Dezejas viver,  
Aceitarei !  
Mas, s'em feroz guerra,  
Repelirei !

Se virtudes adornam  
O teu coração,  
Aceitarei !  
Mas se ao contrario,  
Repelirei !

Se ambição criminoza,  
De tu'alma varreu-se,  
Aceitarei !  
Mas se a perturba,  
Repelirei !

Se não tentas trahir-me  
Terceira vez,  
Aceitarei !  
Mas se o pretendes,  
Repelirei !

Se novos amores,  
Não t'enleirão..  
Aceitarei !  
Mas se tal houve..  
Repelirei !

De teu filho amado,  
Encarregar-te-has  
Eu das meninas;  
Viveremos em paz !

Triumpho — 1863.

99°.

A MODA.

Sempre da moda gostei,  
Sempre na moda andei !  
Mas, se me-pozessem na cabeça  
— Hum balaio por enfeite,

Creião, minhas senhoras:  
Mandava ao medico a pessa  
Lhe pedisse -- que receita,  
--Embora dicessem: são modas !

De vossos balaioes em troca,  
Lindos caixos se coloca !  
Que belezas -- senhoras, vejo  
-- Em aneis lustrosos q ofreço !

Fazei-o meu conselho uzar:  
A's amigas no beijo despertar !

Fardo e pezo que aborreço  
--Podem vos adoentar e matar !

Se em vez de grossa tinta  
De pó de arroz e carmim,  
Leves sombras do composto --  
Vos torne a face -- hum jasmim,

Crede minhas senhoras:  
Junto aos cabelos ondados --  
E' tão perfeita a harmonia  
Que excedeis a principiaados !

100°.

NOBREZA D'ALMA:

Grças ao Eterno ! já vai a Justia  
recebendo justiça !...

Já um jornal illustrado a --  
Sentinela do Sul -- proferio duas  
palavras tão honrozias, que a mi-  
nha gratidão infalivel, que o re-  
conhecimento de sua existencia,  
jámais me permitiriam a deixar  
em olvido.

Assim succedeu ao velho amigo  
Rio-grandense -- Lembrou que a  
Justiça só faz justiça !

Já não é pequena honra -- prin-  
cipalmente quando de tantas pro-  
vincias do justo imperio, de tan-  
tos pontos da em que vivo iguaes  
favores hei recebido e recêbo.

Assim pois são os muito dignos  
Srs. Redactores a imagem subli-  
me que descrevi em o n.º 28 de  
este jornal.

Avante ! denodados companhei-  
ros da rejeneração moral em to-  
do o imperio, e especialmente  
nesta provincia ! contai sempre  
com os mais sinceros e incessan-  
tes esforços do vosso companhei-  
ro e amigo -- Qorpo-santo

Domingo -- Novembro 22 de  
1868.

101°.

Largos annos servimos no ma-  
gisterio publico, e particular: pu-  
blicamos estatutos, em que  
preceituamos e adoptamos tudo  
quanto achamos nos de cito ou no-  
ve collegios dos mais acreditados na  
côrte, e provincia do Rio de Ja-  
neiro: escriptor hoje, é para mim  
um dever proferir duas palavras a

respeito !

Escrevemos em 1852 sobre este  
assumpto: e conquanto tivessemos  
o apoio da forte columna do sabio  
deputado geral o Exm. Dr. Paula  
Batista, nossos esforços produzi-  
rão o effeito contrario --centenares  
de crianças ficarão por longo tem-  
po sem a indispensavel instrucção  
porque dezeseie professores e pro-  
fessoras publicos se demittirão em  
vista da mesquinhez da assemblea  
provincial de então que, em vez  
de sustental-os com algum aug-  
mento de ordenado visto que  
provavão exuberantemente que  
600\$rs. annuaes não chegavão para  
pagar casa, comedorias, criado,  
lavagem de roupa, etc., despa-  
chou seus pedidos, e reclamações  
-- diminuindo sempre que por  
enfermidades se achassem impos-  
sibilitados de trabalhar, que é  
justamente quando mais necessi-  
tão gastar -- 200\$ rs.

Escrevi em 1861 outro artigo  
com o fim de evitar uma nova lei  
que os degradasse, ja porque as-  
sim não podiam dar a convenien-  
te educação a seus alumnos, ja  
porque os que estivessem nas con-  
dições de o fazer, procederão co-  
mo eu e outros muitos: requere-  
rão demissão !

Não me esqueci de minha clas-  
se em 1862 tempo em que para-  
me dedicar a alguns trabalhos li-  
terarios requeri, e obtive licença:  
escrevi ainda então hum artigo a  
respeito em que salvava os Srs.  
professores e professoras publicas  
da misera condição de criados --  
a que parecia se os querer con-  
demnar !

Para que possa haver uma re-  
forma radical nesta especie de ser-  
vigo publico, lembrei em 1865 a  
alguns deputados provinciaes a  
necessidade de criarem o emprego  
de ins. or extraordinario da  
instrucção primaria obrigado a vi-  
ajar a provincia uma vez em cada  
anno, notando, e relatando depois  
à assemblea tudo o que visse, e  
ouvisse de bom, e mau de taes  
funcionarios publicos !

Responderam-me huns com o  
gelado silencio da indiferença, se-  
não do moribundo ou da morte !  
outros, que já haviam muitos em-  
pregados -- sem lembrar-se que a

multidão inerte a ninguém aproveitada, e até é um peso.!

Hoje temos mais a lembrar, comquanto ha 6 annos estejamos ignorantes dos regulamentos a respeito -- que o tempo para aposentadoria para taes empregados deve ser reduzido á metade do que é marcado para qualquer outro, ou 600\$ rs. annuaes para aqueles que bem houverem cumprido seus deveres em doze annos, visto que seus trabalhos e incomodos a que vivem sujeitos, e que infalivelmente sofrem, são sempre duplos.

A par desta vantagem de tempo, alguma outra garantia na G. N: por exemplo -- direito ao posto de capitão os professores publicos das cidades; tenentes os das villas; de alferes os dos districtos; ou habitos, officialatos, comendas; principalmente as de Christo, visto que seguem o exemplo e a profissão de tão grande homem, de tão grande Deus! ou finalmente qualquer outra couza que os ponha em condições Moraes taes que não possam ser velipendiados por qualquer quidão; ou que sejam respeitados por individuos que nada hão feito em proveito publico, ou que por menos inteligentes, ou por crianças -- lhes devem respeito.

Bem vedes que nada pesso para mim, já porque me considero fóra da classe, e a força bruta do ex-inspector jeral, e juizes Municipaes e de orphãos desta capital, mas lembro e pesso, para os meus ex-colegas, e por utilidade á minha patria! reconheço que os bons professores, já pelo incentivo, já por outras razões -- se multiplicarão; que os males desaparecerão; que maior numero de alumnos de ambos os sexos frequentarão as escolas; e a educação sendo então mais fina, augmentar-se-hão os bens e diminuir-se-hão os males; e consequentemente que as rendas publicas crescerão não só por maior soma de trabalhos produzidos, como por diminiuição de despesas superfluas.

102°.

ABSOLVIÇÃO.

O jury absolveu hontem o réo

Leopoldo Bier.

Bem sabe Deus que não temos indisposição pessoal contra este nome; porem que a temos radical, profunda contra o seu abominavel crime.

Foi absolvido; fallou a lei; está quite com ella. Com quem não o estão nem elle, nem seus juizes, é com a moralidade publica; e se o direito escripto tornou-os legalmente irresponsaveis pelo facto a estes e áquele, nós que somos a consciencia publica, temos todavia o dever de lhes recordar, a um e a outros, indistinctamente, que todos são, ou serão pais ainda, e que a lei de Deus, sob todos os cultos, só abençoa a mão que honra o autor de seus dias.

Não ha nada que absolva hum crime d'esses: pode o infortuno de huma hora de alucinação, podem circunstanCIAS atenuantes do facto angariar comiserção e sympathias pelo criminoso, e diminuir ou modificar o seu castigo; porem nunca, em nenhum caso, um tribunal christão podia fazer o que fez o jury hontem, e quitar de toda a pena e culpa o homem que teve a horrorosa desgraça de arrancar as barbas brancas do seu progenitor!

Dissemol-o hum dia, e não nos desdizemos; rei ou povo, nada abaixo de Deus nos merece adulação nem lisonja.!

Amamos e veneramos o jury; respeitamos os cidadãos que formaram o tribunal hontem; porem a voz da nossa alma é esta, e mentiríamos a nosso dever e á nossa honra, se a não dissesemos nua, franca, declaradamente ao povo.

Exemplos como este de hontem pervertem o sentimento moral, extraviam o senso intimo, e fazem a desgraça do paiz lentamente.

Não! em nenhum caso pode hum filho arcar contra seu pai; ha casos em que a fuga é uma honra, a covardia uma gloria; porem nenhum, nunca esse que a mão do filho possa levantar-se contra o rosto paterno; e não obstante, o jury de hontem proclamou a justificabilidade de semelhante facto.

Dão a quem doer, aconteça o que acontecer, nosso dever é estigmatizar este acto; a imprensa é a censura popular: em nome do povo censuramos o triste precedente que lavrou o jury de hontem, a que vale um ferrete fatal para nossos costumes.

103°.

CONTINUAÇÃO DOS DOCUMENTOS.

Nos autos. -- Rio, 27 de Maio de 1868. -- Assis Mascarenhas.

A' vista do exame folhas 26 a 28, que declara o supplicante Jozé Joaquim de Campos Leão Corpósito capaz de rejer e administrar seus Bens, devolva-se a precatoria ao Juizo deprecante, para julgar como entender de Direito; podendo o supplicante seguir para o seu domicilio. -- Officie-se ao Director da casa de saude, dizendo que o supplicante não está mais sujeito á observação nem sob a vigilancia d'este juizo. -- Rio, 30 de Maio de 1868. -- Assis Mascarenhas.

Nada mais se continha nem declarava em o que me foi apontado em os ditos e mencionados autos ao principio declarados, aos quaes me reporto; e de seu theor bem e fielmente fiz extrahir a presente certidão, que conferi com os proprios originaes; e por achar conforme, subscrevo e assigno, nesta Côrte e cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, aos 10 dias do mez de Junho do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1868. -- E eu Estevão de Aguiar Gemini, subscrevi e assigno. -- Estevão de Aguiar Gemini. -- F. sete mil oitocentos e sessenta. -- Pagou. -- F. da Silva.

E nada mais etc.

104°.

COMO INFELIZMENTE ANDÃO OS CORREIOS!

Escrevemos daqui á S. Ex. o Sr. Dr. Thomaz Nabuco de Araujo, juntando a correspondencia abai-

zo transcripta, em Fevereiro, a qual—por deferencia ao bacharel Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello — me foi devolvida em Março; entretanto a recebemos com carta de S. Ex. — pelo correio proximo passado.

Assim tambem uma carta dirigida ao redactor do «Jornal do Commercio» da côrte — commendador Leonardo Caetano de Araujo.

D'entre milhares de factos que tanto distinguem innumerous soldados brasileiros, lembramos ao governo jeral alguns dos praticados pelo distincto alferes Luiz Antonio Dias de Andrade que, sendo ainda sarjento, havendo cahido mortos o tenente, capitão, e alferes de sua companhia, tomou o commando desta, e brigou até vencer. Além destes, e outros feitos que revelão a grandeza de sua coragem e valentia, não podemos deixar de registrar mais o facto, de, indo em fuga em uma canôa um capitão paraguayo, e não se querendo entregar, atirar-se o dito alferes a nado (cremos que ainda sargento então) com a espada preza nos dentes até matá-lo.

Se por uns tão allos feitos mereceu a patente ou posto; por outros merece alguma fita que o distingua, ou atteste sua bravura, de nado e merecimento!

E' celebre couza! Subvenciona o governo a companhia de paquetes brasileiros a vapor para maior rapidez da correspondencia e commodidade sem duvida de quem tem necessidade de transporte!

Entretanto — quanto aquella — sabe sempre da côrte um dia ou dois antes da chegada do paquete que daqui leva a correspondencia!

Quanto á segunda — Ninguem, por mais rico que seja nesta provincia, pode vir á ella em taes vapores — sem que deixe lá para sua passagem!

Pergunto: Porque o governo não compele, visto que gasta com esta companhia, a ter optimos vapores, ou da força necessaria para que, em vez de sahirem de lá antes, saião sempre depois um ou dois dias da chegada do que daqui

parte, afim de que a correspondencia em vez de esperar 15 dias, demore apenas um ou dois!

Quanto á paga infallivel antes de embarcar eu pergunto: — Se o navio naufragar — quem indemnisa os 135 rs. — esse preço enorme que adianta cada passageiro?

Estou convicto, e peço a todos que creião — que os novos ministros não evitar estes males — reformando o contracto, alterando-o neste sentido, ou paramelhor!

Já que tanto tem custado o estabelecimento do malfradado telegrapho até á côrte, é justo que tornemos mais rapidas as communições pelos vapores; o que é mais que facil.

Sahimos da typographia Inflexivel em que se imprime nosso jornal, e casualmente nos estendemos até á Praça da Conceição: alli vimos duas importantes edificações, e para nós ainda mais importantes pela face moral que pela material: A primeira, e mais antiga é a Igreja com a invocação tal: a segunda — a sociedade de Beneficencia Portugueza: edificios que mais atestão a sabedoria humana pelos fins a que se destinão — que por sua beleza, gosto, ou magnificencia!

Apenas teriamos a notar, se fossemos architétos algumas couzas ao frontispicio quer de um, quer de outro, que em nosso entender mais os afirmezaria: como porem pode depender do gosto dos individuos; e o essencial se faz — julgamos desnecessario.

Entretanto — edificios, localidade e fins a que se destinão, é tudo bom!

Descendo até os estaleiros, nelles vimos o mesmo que se via outrora no então terreno da praça da Harmonia: muito pouco, ou a falta do necessario accio, que tanto concorre para o gozo de perfeita saude.

Estou bem certo, que nem os Srs. medicos, nem os Srs. boticarios, tal dezeção: e por isso em nome da população Porto Alegrense pedimos á Camara Municipal a remoção da queles estaleiros para

as ilhas fronteiras, ou a o governo provincial para a vila do Triunpho, como já ha tempos se pretendeu. Esta segunda resolução traria alem de outras, a grande vantagem de melhorar muito essa povoação a tantos annos decadente, ficando tanto de um como de outro modo desembaraçados esses terrenos para a edificação, que alem já existe; uma rua magnifica: e trocados sem duvida — posalutiferos aromas os perniciosos myasmas que atualmente exhalam!

Para o completo accio da cidade, lembramos o que se faz em outras mais que nossa adiantadas! para os ciscos, por exemplo, as carroças parece deverem infallivelmente ser empregadas; mas para outros objectos que não se podem conservar em casa, são convenientes as barcas que os recebem á determinada hora na praia, e os vão lançar um quarto de legoa de distancia ou mais se é necessario.

E' quanto podemos indicar á camara municipal, e ao governo, dos ligeiros lançar de olhos que tivemos occasião de praticar.

Correndo as vistas pelos jornaes desta capital, em alguns delles se depara com os nomes Antonio Correia de Oliveira e Francisco Jozé Barreto, em chapas para vereadores de nossa camara municipal: e porque seus actos como funcionarios publicos nos autorisam a repellir-os; pedimos aos nossos amigos e mais senhores votantes, os votos que a estes poderião dar, para o nosso amigo o Ilm. Sr. tenente Jozé Antonio Lessa, que tantos é tão importantes servicos nos ha prestado como escripto publico!

Temos por vezes tido occasião de ver sempre melhorada a fabrica de oleos (cremos que a unica que temos em todo o Imperio) dos Srs. Leão e Alves, quer quanto aos seus productos, quer quanto ás maquinas, braços, e o mais de que se servem,

Seus oleos já rivalisam com os melhores que se fabricão na França e na Inglaterra; e os sabonetes,

se ainda não são tão perfeitos, já por sua boa qualidade se gastão em grande escala: e estamos convencidos que os incessantes esforços daquelles Srs., em breve os farão tocar á perfeição dos melho- res que nos são importados.

Não são por tanto um desperdicio; ou improficuos, os 8.000 rs. com que a assembléa provincial auxiliou-os; ao contrario estão trazendo e continuarão a trazer incalculaveis lucros para a provincia e para o estado!

Oxalá que o governo tanto geral como provincial acuda sempre a tempo os reclamos de todos aqueles que dedicando sua vida a trabalhos licitos e de tanto interesse publico — os auxilie como lhe cumpre; deve; e a todos convém!

105.\*

LOUVOR E DESENGANO.

Ah! — quão bonitinha, é esta  
( menina. )  
Que ricos vestidos — lhe veio  
( pendidos. )  
Que braços formozos — estende  
( dengozos. )  
Que olhar mavioso — me lan-  
( ça, formozo !

Oh ! que todo encantador. !  
Me enche de amor. !  
Como Natura sabia.  
Com ela — me ensaia. !  
Até um descrente,  
Filozofa, ente...  
Não, minha menina,  
Eu tenho, uma mina. !

Não, não me altera,  
A maior santa, ou féra. !  
Se se faz Querubim. !  
Eu a vejo um marfim. !  
Mas v. bixo horrendo,  
Bem de longe a vou lendo. !  
Assim pois ganhar meu peito  
— Não ha forma, nem geito. !

Março 16 de 1868. — Porto Alegre.

106.\*

MEIOS DE TRIUMPHO NA PROXIMA LEIÇÃO.

Demissões, e substituições por

homens nas condições do artigo por mim publicado no n.º 20 deste jornal; isto é — que tenham capacidade moral e intellectual, e que pensem e procedam como costumamos — de todos os funcionarios, tanto militares como civis.

Convicção e persuasão pela força da palavra, e do exemplo áqueles que por mal guiados procedem de modo contrario aos seus deveres como homens e como braz leiros.

Compra de alguns votos a alguns infelizes dos que tem por costume, ou por necessidade votar em quem outros querem me diante algum dinheiro.

Terror aos maus que prevaleceram-se dos cargos que exerceram — não so para triumpharem de nós, como para commetterem toda a especie de crimes!

E quando por esse meio se não possão afastar esses criminosos, visto que não foram ainda processados, e punidos, deve-se encadeal-os, processal-os, e punil-os !

Estamos firmes entretanto na crença de qe nem um destes meios extremos é preciso empregar, não tendo os maus armas nas mãos para fuzilar-nos; não tendo seus auxiliadores seu apoio, proteção e amparo para imputar-nos todos os actos reprovados que commettem, e assim desconceituar-nos; porqse o povo brasileiro cheio de valor e de coragem correu ás armas voluntariamente para debelar estrangeiros maus, violentadores de todos os nossos direitos, certamente não precizará de meios extremos para correr ás urnas por identicas causas — com individuos que nasceram no mesmo imperio; mas que infelizmente provão com taes actos — não serem, ou não pertencerem á nossa associação politica, e connosco votar. !

Se porem algum desagradavel facto para com es Srs. liberaes occorrer, peço-lhes que não se incomodem, que não se magoem, que não vociferem; certos de que se tal acontecer terá por cauza seus crimes, por fim o cumprimento das disposições do nosso codigo criminal, a vingança da socieda-

de tantas vezes e tao barbara e a-trozmente ultrajada.

Repetirei mais uma vez ainda as minhas seguintes palavras — Sem lei, sem moral, sem religião: — Não ha; nem pode haver nação.

Setembro 23 de 1868.

107.\*

Por acazo lendo o Jornal do Commercio desta cidade, nelle deparei com um artigo — «Qpozicão» a administração da provincia.

Não me espantaram os violentos ataques á nova administração, pois como todos sabem e se-prova com os actos de seu proprio punho no exercicio dos cargos que pouco a pouco vão muito a seu pezar — deixando — são os Srs. liberaes — uzeiros e vizeiros em imputar aos homens que os repelem, suas mazelas, seus crimes ! Nesta provincia basta um rapido olhar para os actos do bacharel Marcondes, Belarmino Peregrino da Gama e Mello, Augusto Cezar de Padua Fleury, Barrios e outros muitos, e finalmente ainda os iniquos e criminosos despachos do juiz de orphãos supplente Antonio Correa de Oliveira — que por desgraça deste municipio, exerce ainda taes funções, sendo liberal puro. !?

Deve bastar para convencer os ignorantes, mas diremos mais. —

Ainda nem uma autoridade conservadora assaltou cazas para arrancar a os braços de seu pai, professor publico desta capital, que apesar de tantos esforços do então inspector geral da instrução publica Dr. Luiz da Silva Flores — não o poderam demittir, suas innocentes filhas — com um simples mandado pelo dito juiz, com o unico fim de augmentar o collegio de suas primas, actual- mente mulher e cunhadas. ! ainda nem um conservador mandou meirinhos fabricar certidões falsas. e dest'arte haverem questões no foro sem que a parte victimada sou- besse — senão no acto de taes meirinhos lhe intimarem a sentença executiva. !

Ainda nem um conservador a-

tendeu a criminosos para desprestigiar homens honestos, embora de lado contrario.!

Ainda nem um conservador procurou ora á força bruta, ora com seduções, divorciar cazaes. e obrigar estes a ligarem-se illicitamente a outros individuos, abandonando filhos, inieresses, &!

Ainda nem um conservador mandou prender liberaes — sem culpa formada, proprietarios, cazados, com filhos; empregados publicos, e de illibada reputação, para depois ir á sua caza, aposar-se de todos os seus bens, roubar destes a parte que quiz, e entregar os outros a quem lhe aprouve.!

Ainda nem um conservador deportou, ou obrigou a seguir para a córte homens saos — como se estivessem — doentes, para habitarem o Hospicio de Pedro II.!

Ainda nem um conservador estervou um pai christão, morigerado, e dotado de outras muitas qualidades que o distinguem — amparasse seus filhos, que por tal falta tiverão a infelicidade de padecer até — morrer!

Ainda nem um conservador guardou na pasta da commissão de instrução publica da assemblea provincial — como fizeram os Srs. Silveira Martins, Roza, e Florencio de Abreu e Silva — por mais de dois annos — para de propozito conservarem desempregados, e expostos a todos os crimes que os Srs. liberaes quizessem commetter — requerimentos de homens distinctos — por sua honestidade, saber e virtudes.

Onde está pois o vosso amor ás instituições!? qual é a vossa religião!? que compendio de moral seguis!?

Já vos esquecesteis dos crimes provados com documentos, e com testemunhas; pronunciados os réos na policia, e despronunciados por vosso companheiro Padua Fleury — por ser nelles connivente!?

Tomai portanto Srs. liberaes o meu conselho; é de verdadeiro amigo e christão:—

Não injurieis, não calumnieis. ajudai-nos antes a regenerar-vos. e arrancar-vos a vós proprios des-

se lodaçal immundo de prostituição a todos os respeitos, em que vergonhosamente vos haveis confundido com as menos aceedas rãs.!

Voltaremos todas as vezes que julgarmos necessario.

Por hoje—basta.

Não temos relações particulares com o illm.º Sr. Dr. Costa Pinto, não pude ir ao seu desembarque, e ainda nem ao menos o vimos.!

e nem um favor pediremos a S. Ex.º, mais que —compila as authoridades subalternas liberaes que tanto nos tem ofendido e prejudicado, e respeitar nossos direitos, como homens, e como brasileiros, demittindo-os, processando-os, e punindo-os deste ou de qualquer outro modo.!

Setembro 23 de 1868.

108º.

AO INNOCENTINHO QUE SE OCCUPOU COM A MINHA DEMISSÃO NO «JORNAL DO COMMERCIO» DESTA CIDADE.

Fez bem despertar o crime de assassinato moral tantas vezes para com migo perpetrado por alguns criangelas juizes municipaes effectivos, e pelo suplente o bacharel Antonio Correia de Oliveira ainda ha pouco reiterado.

Quem tiver lido este jornal em que se não escrevem mentiras, injurias e calumnias, tem prompta nos labios a resposta ao injuriador á minha pessoa, colaborador liberal puro, ou liberal progressista do «Jornal do Commercio»!

Fique mais uma vez sabendo, Sr. estúpido; Sr. cavalo; Sr. burro — que por sentença na Córte, esse crime contra cujos autores tantas vezes heí pedido o indispensavel castigo — o castigo que marca nosso codigo criminal — desapareceu do lugar que occupam os actos licitos, ou permitidos, ou autorizados, que por dever praticam autoridades competentes.!

Fique sabendo — Que sendo o ultimo despacho do bacharel Antonio Correia de Oliveira mais a tentativa de hum crime para cujos actos nenhuma Autoridade

tem autoridade — o individuo que escreve estas linhas teve a preciza coragem e dignidade para não lhe prestar a menor atenção; e proseguir como tem feito em arranjar a sua vida particular.

Ou ignora ainda o colaborador liberal — que os cargos que conferem autoridade não foram creados, nem são exercidos para que este, ou aquele maluco, este ou aquele malvado cometa quanto absurdo, quanto trespoussamento, quanto acto immoral, ou criminoso lhe vem á vontade.!

E quando o faz, ignora o colaborador que o homem tem nas Autoridades superiores o necessario recurso á debelação desses crimes, ou tentativas; e quando os olvidão, ou protejem aquelas — o tem em nosso proprio codigo que não qualifica crime — o matarmos em defeza de nossa pessoa, familia, e bens.!?

Pensava o innocente colaborador que eu o S. Ex.º Sr. Presidente da provincia haviamos de ficar atados, haviamos de ser arrastados pelo carro da immoralidades de todas as especies ( que ha muito deviam ter sido premiadas com um bom par de machos nos pés do baxarel Oliveira, metido em alguma enxada) praticados por este indigno suplente do Juiz municipal e de erphãos desta cidade.!?

Fique pois agora, e para sempre sabendo: —

Que ha muito pretendia pedir demissão de hum emprego que por necessidade exerci.!

E que para o fazer — se esperava o acto de justiça que me devia reintegrar.

Que em vista da rebra que escrevi o anno passado contra a commissão de instrução — Heí por não querer entrar em parecer desde o anno anterior sobre requerimento que apresentei Assembleia, accompanhado de des pachos do então presidente da provincia e de hum laudo de dois dos mais acreditados medicos desta capital; o ex-inspector geral dirigi-se a presidencia, pedindo-lhe para que lavrasse a minha demissão a fim de por-se a minha candidatura a concurso!

Finalmente — que nasci livre; heide sempre viver — livre; e morrerei livre!

Por consequencia — que por mais que fação os intitulados Liberaes para escravizar-me, roubar-me, e assassinar-me — é trabalho inutil, é tempo perdido.

Isto é quanto á mim.

Quanto á parte que em um ataque da enfermidade que ha tanto sofre mas que por felicidade minha, e daquelles a quem preço — não é contagiosa. Quer attribuir de menos propria, digna, injusta, ou de precipitada — á S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. prezidente da provincia, fique sabendo — Que S. Ex.<sup>a</sup> é conservador; e entende por progresso, não a desgraça deste, ou daquele individuo, que nada fez para ser desgraçado. Mas ao contrario — a liberdade plena de cada qual se occupar naquilo que mais lhe convem, com tanto que não ofenda as Leis do Estado!

Que nunca sofreu a horrivel enfermidade do liberal colaborador do «Jornal do Commercio» — para attribui-la a homens, cuja alma vê, pode ver, ou ouve de pessoas insuspeitas em seu proprio palacio.

Finalmente — que não fez mais que praticar um acto para que esta mais que autorizado pelas leis, e que esse acto foi por mim requerido, ja porque tal emprego me é uma verdadeira inutilidade, um verdadeiro peso, e a existencia da rejeição interina pode ser como quasi sempre é — um mal para os individuos que dependem de taes empregados.

Tranquillize-se portanto o colaborador liberal: Não queira comprometer o proprietario do «Jornal do Commercio», tornando este em vez de couzas uteis — commercio de mentiras, de injurias, de calumnias, etc., como ja tanta gente por ali diz — que é, ou que vai ficando, etc. etc.

Certo de que se eu visse o actual Administrador, ou o Governo geral cometer erros, ou faltas graves — seria o primeiro a apontar-lhes taes malos, e a pedir-lhes remedio; porque é assim que sempre entendi, e que estou convencido deverem proceder os melho-

res, os mais sinceros, ou verdadeiros Amigos!

Ficará saptisfeito, Sr. Colaborador.!

Se não ficar, ficarei profundamente sentido; pois não pretendo escrever mais sobre tão insignificante assumpto.

Ah! ia-me escapando uma verdade! Saiba mais o colaborador especulador liberal — O individuo encarregado de haver os alugueis da propriedade que aqui possui, para pagar as ladroeiros — suas, e de seus amigos ha seguramente um mez que exonerou-se de tão indigno encargo: e que o criminoso baxarel Oliveira — não achou quem o quizesse substituir para auxiliar ou exercitar crimes.

Em conclusão — Não creia, nem ao menos suponha o colaborador especulador liberal — que me magôa, desgosta, ou indigna o insulto, a provocação tantas vezes a mim atirada quantas de mim repelida, convencendo sempre o publico, e aos proprios insultadores — da horrivel enfermidade moral que tem estes a desgraça de padecer.

Nem era preciso que eu apontasse o juizo a respeito formado pelas pessoas scientificas, e em tão grande numero. Bastavam os actos tantas vezes publicados de taes infelizes, a quem sem duvida — para punil-os de suas perversas ações, de seus actos de heresia — aprouve a Deos dar!

Assim acontece a todo o christão que tem a infelicidade de viver entre, e sob o governo de Barbaros.

Assim aconteceu a Jezus-christo!

Não foi Este, cuja religião vos serve não de norma como deve para procederdes; mas de capa para ver se impunemente cometeis toda a especie de maldades. — velipendiado com a qualificação de — leuco. Não foi apedrejado; roubado; assassinado. Não depozeram contra Elle — testemunhas falsas, como contra mim tendes vos feito escrever quanta falsidade tendes querido. estes factos não se acham, como sabeis, e ninguem ignora provados em autos, com documentos verdadei-

ros, e em dois cartorios.!

E qual a cauza porque Nosso Redemptor tanto sofreu; tanto padeceu.!? vós a ignoraes.!

Certamente — que não: vós sabeis perfeitamente que a unica exestia no malvado coração dos que então governavam, e na pureza do coração, na santidade da alma, e na intenção toda Divina de que eram repassadas todas as suas ações.

Já vêdes pois — que vossos crimes, filhos da corrupção de vossos corpos, e da maldade de vossa alma — não me podem jamais vexar, nem indignar: elles desprendem-se de vós no momento em que m'os atiraes, mas encontram felizmente em mim as barreiras, ou a altura necessaria para me não tocarem. São como as nuvens que por mais que corram nunca tocam o Céu.

Desenganai-vos quanto aos cargos publicos: deveis ser condemnados por vinte annos a não exercel-os. vossos crimes assina o exigem. e o Governo quer jeral, quer provincial, não faz mais em demitir-vos, e em substituir-vos — que cumprir a vontade eterna do Omnipotente.

Para voltardes ao exercicio dos empregos que tão mal servisteis por tantos annos, é indispensavel que, como soldado, ou na fila destes — militeis por longo tempo.

E' alem disso indispensavel que proveis evidentemente por actos e por palavras, que estaes regenerados, e que vivais, e queirais viver como os Conservadores, ou amigos e propugnadores do verdadeiro progresso — como nos quizerdes qualificar.

Isto é — preciso, é indispensavel, ou de indeclinavel necessidade — que como Nós trabalheis na conservação de todos os bens que possuímos, na aquisição licita de outros, na extinção de todos os malos que padecemos, e finalmente — que não cometais algum reputado, ou considerado pelos sabios — criminoso, ou immoral. So assim haverá pureza em vossas intenções, saude em vosso corpo, vereis clara a vossa intelligencia, podereis discernir o bem do mal, e podereis ter aptidão pa-

ra os cargos publicos. l

Como viveis -- nesse lodagal  
immundo de vicios e de crimes  
-- para nada servis.

Seria mister que o actual Go-  
verno não tivesse amor a si pro-  
prio, interesse pelo bem publico  
-- para vos nomear, ou auxiliar  
vossa eleição.

Mas vós conheceis os homens  
que estão no poder, e porque os  
conheceis, e sabeis estas verda-  
des, e porque conheceis seu cara-  
ter, e dignidade -- exforçai-vos  
quanto em vós cabe com falsas  
accusações, com injurias, com ca-  
lumnias para ver se conseguis  
desprestijal-os.

Emquanto não quierdes viver  
-- Brasileiros, e perfeitos chris-  
tãos, crede -- São baldados vossos  
exforços. l Elles cahem por terra,  
e nesta se submerjem -- ao leve  
sôpro da Divindade que nos pro-  
teje. l

E basta por hoje.

Outubro 17 de 1868.

109.º

ENCONTRO EM UM PASSEIO.

Vi-te; e entre milhares de don-  
(zelas;  
Umás, e outras -- quaes mais  
(belas;  
Bras, entre todas ellas,  
A rainha de milhares d'estrelas!

Em ti -- meu espirito tocou!  
Não pôde o corpo ventura igu-  
(al ter!  
Gozei-te -- Nympha! talvez rai-  
(nha!  
Sem que o soubesses -- creio!

Frui-te os labios; beijei-te o côlo!  
Etoda a beleza, que em ti se  
(encerra!  
Não pôde hymeneu ligar os côr-  
(pos.  
Que pena, que dôr -- querida!..  
Talvez que um dia -- natura o  
(faça!

Não desesperemos, Bela minha,  
Amor consagremos; quicá -- go-  
(zemos,  
Actos reaes; e bem -- azinha!

Outubro 7 de 1864.

RETRATO.

Palido o gesto, a côr amortecida;  
Assim definida -- é minha Bel-  
(dade!

Mas quem repara -- vê labios co-  
(rados;  
E tão delicados -- que amor pro-  
vocêo!

Um rosto perfeito -- qual o de  
(um anjo  
Ou de um archanjo -- nela di-  
(viza!

Longos, negros, finos cabelos...  
Amôr, ao vel-os -- paixão ins-  
(pirão!

Olhos pequenos, luzentes, for-  
(môzos;  
São tão amorôzos -- que tudo  
(encantão!

O colo, os braços;  
E o mais que a forma;  
E o mais que a ôrna,  
Um -- cêo -- a torna!

Novembro 24 de 1864.

A' MINHA FILHA DECIA.

Folha que o vento do infortu-  
(nio, impêlo!  
Victima imbele que o tufão le-  
(vou!

Poetizado a pedido de um capi-  
tão do exercito; cujo mote ofere-  
ceu.

Gira -- Deos sabe porque mun-  
(dos -- só,  
Desaudades myrrada -- sabe ella  
(o quanto!  
Folha que o vento do infortu-  
(nio impêlo!  
Arrebatada do mais caro ami-  
(go aos braços,  
Adorada, amada, mais que tu-  
(do -- tanto!  
Victima -- imbele -- que o tufão  
(levou!

Novembro 8 de 1867.

A pedido de Francisco Jozé  
Barreto commerciante desta capi-

tal, para epitaphio de sua mãe.

Que dôr profunda, dilacera a  
(alma!  
Magoa punjente, o coração me  
(rala!  
Suspiro, choro, elamento a falta  
Da mãe que adoro, que de alto  
(fala!

Amigos, parentes meus. l  
Chorai comigo, tão grande perda!

E tu, Senhora, que o cêo ha-  
(bitas,  
Recebe os prantos dorozos, meus:  
De lá me envia, o que respiras  
Aroma celeste; aroma de Deus. l

Tambem, dos que te circulão,  
(anjos,  
Envia-me as doces, senhoras  
(vozes. l  
Por piedade, e amor maternal  
Fortifica m'alma, qual de ar-  
chanjo. l

EM REUNIÕES.

( O Cysne no lago ).

Se de ti mimozo anjo,  
Na pallidã côr me eucanto;  
Nos olhos me ende uso tanto  
Que nem os deuzes do Olympo,  
Nem as imagens do cêo  
Me tirão o affecto teu. l

Nada vejo na terra,  
Nem no cêo, mais do que vejo,  
Que a ti, a quem hoje vejo,  
Nestes versos que te envio,  
Neste de teus annos, dia. l  
Se o cysne, no lago te-via,

De raiva se depenava;  
Ou de ciúme se affogava. l

OUTRO.

Nas longas aneladas tranças  
Prendes meu coração, e amor. l

Inda que fugir quizesse  
A' alto throno habitar;  
Era escuzado o tentar. l  
Porque apenas as balanças,  
Nas longas aneladas tranças  
Prendes-me coração, e amor. l

OUTRO.

As tranças de teus cabelos,  
São cadeias que me prendem.l

Prendem-me os labios corados;  
A face, de puro brilhante;  
O colar, de fino diamante;  
Os olhos, planeta radiante.l  
As tranças de teu cabelo,  
Inspirão-me tal disvêllo :  
Q'inda que queira esquecer-o,  
São cadeias que me prendem.l

OUTRO :

Preceitos às minhas filhas na  
ultima quadrinha.

Corpo-santo, Alma divina.l  
Sempre quero eu toda ser.l

Quaes desejo, não estão:  
Mas que heide fazer,  
Se não baptisfazer  
Ao seu coração.l ?

Mais que o céo, é fina a face.l  
Mais que cometas seus olhos  
(brilhão).l  
Não vejo igual pela natura,  
A' que tem fina cintura.l

Sempre casta, e mui pudica  
Viver quero até morrer.l  
Corpo-santo, alma divina  
Sempre quero eu toda ser.l

Janeiro 1.º de 1868.

110.\*

Ao bacharel Augusto Cezar Pa-  
dua Fleury, em ocasião de seus  
terrores por seus crimes, na côrte.

O' negro.l ó cangueiro de cri-  
(mes).l  
Para que fostes mau, peça.l  
Para que me comestes dinhei-  
(ro, e tempo).l  
Liberdade e direitos, infame.l

Tu pensas que te perdão  
Os nefandos crimes, perpetra-  
(dos).l  
Selvagem l barbaro! immundo!  
Vil excremento do mundo.l

Burrão, mijão, poltrão.l

Afasta-te da jente chiqueiro.l  
Cavallo, porco onde é o teu  
(lugar,  
Safado, vaca, peste, burrão.l ?

Foje, novento, foje.l  
Negra, criada, escrava;  
Este porco leva, bem seguro,  
E osuffocalá, n'algun monturo!

OFICIO.

Illm. Sr.

Deparando em um jornal com  
um aditivo de V. S. aprovado por  
seus colegas deputados, conce-  
dendo-me licença por um anno  
para tratar de minha saúde, e  
crendo poder tratar-me em via-  
gem pela companhia, falo-hia se  
V. S. quizesse ter para com migo  
a condecendencia de autorizar-me  
a inspecionar as escolas públicas,  
cuja inspeção me fosse possível  
exercitar.

Inspiração de um amor perfei-  
to e de uma saudade, ofertadas  
por uma menina, e por huma  
moça :

O coração coberto  
Do mais fino aço,  
Nem um só traço,  
Se lhe pode imprimir.l

Assim o meu  
Tranzido de dôr,  
Não ha amor,  
Que o possa ferir.l

Nem a Saudade,  
Ou o amor-perfeito,  
Por mais bem feito,  
O pode atrahir.l

A' sombra d'árvores,  
D'árvores belas,  
Por mais singelas,  
Eu irei rezidir.l

DECLARAÇÃO

escripta que fiz minha mu-  
lher assignar, por haver compra-  
do e assignado o respectivo Ter-  
mo, dez ações do Banco da pro-  
vincia sem minha sciencia, e pré-  
vio sentimento.

Ignacia Maria de Campos Leão  
abaixo firmada declara que tendo  
por engano comprado, e assignado  
no livro competente, sem prévia  
autorisação, nem mesmo conhe-  
cimento, ou sciencia de seu Marido,  
dez ações do Banco da provincia,  
nem um vigôr tem sua assignatu-  
ra em papel algum que possa pri-  
var o cazal, ou seu Marido, da  
posse, e gerencia de quaesquer  
bens ao mesmo pertencentes: ou  
de qualquer outro de seus Direi-  
tos.

Ignacia M. de C. Leão.

J. J. de C. L. Corpo-santo.

111.\*

DAS OUTRAS PROVINCIAS.

Dos jornaes que recebemos, na-  
da encontramos de extraordina-  
rio.

Continua o enthusiasmo em to-  
das—que nesta se tem desenvol-  
vido pela mudança de homens no  
poder, pelo gozo da liberdade  
constitucional que aqui vamos ex-  
perimentando; e mais bens que  
sempre desfructão —os adminis-  
tradores honestos, e seus sensatos  
administrados.l

A retidão e a justiça — pautão  
os actos daquelles; o affecto, a ve-  
narração e o respeito destes para  
com aquelles, e seus actos, é a  
mais forte e sincera expressão de  
seu justo contentamento, a mais  
sólida cadeia que liga — governo  
e póvo.

Assim —trabalhamos todos pa-  
ra nossa prosperidade e de nossas  
famillias, de nossa provincia e do  
Estado.l

Nossos espiritos — brazileiros e  
de outras nações já quasi se con-  
fundem — tanto naquellas como  
nesta provincia pela identidade de  
dezejos, de sentimentos, gozos, e  
marcha geral da vida.l

Praza aos ceos que os novos de-  
putados não olvidem a lei que em  
prazo detérminado, e em certas  
condições, a todos que o queream  
—faz brazileiros.l

Quanto a nós —ha annos pen-  
samos —que dois annos de rez-  
idencia fixa em qualquer ponto

do imperio, moralidade, e um certo capital, não precisa exceder a dez contos de reis — são condições mais que sufficientes para serem brasileiros,

Quanto a todos os colonos do imperio, escrevi eu ha um anno, que passando aquelle tempo todos devem ser nossos compatriotas.l

Aqui cazão-se, aqui trabalham, aqui vivem, e aqui morrem.l e se por acaso algum vai á sua velha mãe, ordinariamente passeia, ou negocia, e volta—para mais enriquecer-se, para enriquecer-nos, e a este Estado.l

Não ha portanto favor a elles, e ha para nós — utilidade.l

Crescem todas essas forças materiaes, e sem a menor duvida— as espirituas, pela litteratura, pela liga eterna de seu espirito ás nossas instituições; e amor a nós!

Faça entretanto o governo depois de bem haver estudado este meio, ponto, ou modo de progredirmos— o qe em sua alta sabedoria mais conveniente julgar.l

A minha pequenez assim me impõe.l

Tenho, gozo apenas o prazer de apontar, ou de lembrar, e com isso fico muito satisfeito.l

112.º

INSTRUÇÃO PUBLICA.

Deparamos com um magnifico artigo na «Imprensa Academica, jornal que se publica em S. Paulo, sobre esta baze da felecidade jeral epeculiar, em que seu autor lamenta que se gastem apenas dois mil contos com aquillo que a todos pode fazer felizes— se bem dado; desgraçados — se mal instruidos.l

E' pois minha opinião que com tão grande necessidade, em tão grande imperio — deve-se acrescentar á direita mais huma cifra, pois com menos que esta, quantia é impossivel — bons professores, aulas sufficientes, gosto e confiança da parte dos pais, livros sufficientes, &.

113.º

A' UMA IMPERTINENTE,

QUE MUITO CONTENTE  
—SEMPRE A FALAR-ME,  
OUÇO, OU GRASNAR-ME.l

Que tem comigo, a senhora,  
Fiel ou falsa deutora.l  
Está sempre a importunar-me.  
—Comsigo, a querer cazar-me.l

Ora diz-me: Eu sou sua!  
A senhora se põe núa,  
Todas as vezes que eu quero...  
Para assim fallar — a Homero.l

Outras vezes: Eu te quero.l  
Não sabe que sou sincero.l  
Que não creio em palavrinhas  
Mas em gostozas boquinhas:?

Quazi sempre: Eu lhe amo!  
Ignora qe eu não mamô?  
Entretanto, nunca a vejo.l  
E quando lhe peço um beijo,

Diz-me logo: Eu lá vou.l  
Pensa—que sou seu avô?  
Que cahia em esperal-a?  
A estar sempre a atural-a?

Mais respeito para comigo.l  
Saiba que sou inimigo  
De tudo que é impostura.l  
Cuide lá em sua costura.l

E quando quizer divertir-se,  
Ponha-se antes louca a rir-se.l  
Ou va passear ao jardim,  
Colher rozas e jasmin.l

Sempre está com tal fallinha  
A tal menina ou santinha,  
De doces mais puros anjos;  
—Faz-se Deusa entre os anjos.  
(jos.l)

Mas eu não tolero!  
Mas eu não desespero.l  
Nem estou p'ra aturar  
O seu triste amar.l

Adeos, adeos, adeos.l  
Não nos veremos tão cedo.l

ELA

Querem ver qe está com medo.l  
Já diz: Não nos veremos cedo.l  
Não sabe que requeremos  
(Qe tarde ou cedo nos veremos!)

Para o ver todos os dias?

Pensa que somos harpias.l?  
Esses bixos venenozos,  
Féros brutos tão damnozos.l?

Engana-se meu queridinho,l  
Somos do Ceo qual anginho  
Que de lá, vem direitinho,  
Adorar o innocentinho.l

Se em nossos peitos o temos,  
Em nossas almas o lemos,  
Nos corações o metemos,  
E a gozar sempre vivemos.l

Adeos, meu queridinho;  
Que nos ame qual filbinho  
Este é o meu dezejo,  
Por isso nego-lhe um beijo.l

Agora vou eu jantar,  
E mais logo descansar,  
Sobre a tarde então cantar  
Teus ouvidos encantar.l

Em teu peito, a sós recebe,  
Vozes, vida, e alma nossa.l  
Corpo, tudo, até cabeça,  
E fazê tudo que apeteça.l

Hospicio, Abril 12 de 1868.

114.º

LANÇAR D'OLHOS.

Que anjo, sou divina.l  
Quando sabia prudente, for-  
(moza,  
Só para o anjo... es.l)

Que presente fez Deos, ao ho-  
(humano,  
Descrevel-o é impossivel por  
(sublime.l  
Comparal-o, nada existe neste  
(orbe.l)

Mas tambem a que ao mal se  
(inclina...  
Oh! q'inferno, que tormento  
(horrivel.l  
Nada vejo de peor neste pla-  
(neta.l)

Nem caldeiras, ferro em fogo,  
Potros, e mais barbaros casti-  
(gos,  
—Dá Deos ao homem por vin-  
(gança.l)

Setembro 20 de 1868.

115.\*

NO HOSPICIO PEDRO II, ABRIL 16 DE  
1868.

Quem perdoará a aldeões,  
Que de continuo flagelão,  
Sem motivo justo ou injusto,  
Com continuas extorções?

Não ha sanio, nem Deos,  
Que perdõe a taes Judeus.l

Março 25 de 1868.---Porto Ale-  
gre.

116.\*

REFUTAÇÃO

Como viver em relações,  
Naturaes, materiaes.l  
As honestas de certo não o que-  
(rem.l  
As que o não são, só requerem  
Dinheiro, e mais dinheiro.l

Que ás castas não cõvem  
Um semelhante bem,  
E' mais que sabido, e de todos  
(lido.l  
Deixai portanto de andar com  
(artificios  
Males produzindo, e milhões de  
(sacrificios.l

117.\*

SATIRA.

Quanto meu corpo apetece,  
Quer no phisico, quer moral,  
Lnda nada me fez mal.l

Para que pois estorvar,  
Meu dezejo salutar.l

Ao contrario, muitas vezes,  
Se me falta o essencial,  
tu mesmo o principal,  
Sinto-me enfermar,  
Dores agudas passar.l

Não sejam portanto maus,  
Meus dezejos innocentes,  
Saptisfação—não dementes.l

Ao contrario soffrerão,

Dores no coração.l

E' mui bom tratarmos bem,  
A'quelles a quem devemos.l  
Felizes somos; seremos.

Se de propozito maltratamos,  
A nossa cova cavamos.l

Não sejam inpertinentes;  
Os bons conselhos sigamos.l  
De tudo o que é mau fujaos!

Immensos prazeres gozando,  
A vida iremos passando.l

Rio, Maio 14 de 1868.

118.\*

MINAS DE CARVÃO, FERRO, E MAR-  
MORE.

Pelas experiencias, pelos tra-  
bailhos feitos nestas minas, des-  
cobertas nesta provincia, pelas  
vantagens ainda que em pequena  
quantidade colhidas, claramente  
vê-se o que produziriam de util  
para o Estado e de interesse para  
tantos particulares, se o governo  
houvesse organizado companhias,  
ou associações que por conta da-  
quelle, ou destas trabalhassem  
nessas minas.

Com lucros reaes, infalliveis, é  
impossivel haver outra difficulda-  
de que não seja a falta de delibe-  
ração, ou a demora no desenvol-  
vimento desses germens de rique-  
za publica e particular, — que o  
desleixo ou indiferença da parte  
do governo.

Carreguem portanto os que do-  
minaram seis annos com o pezo,  
com o descredito a qe podem dar  
lugar estas faltas, e preencham-  
as os nossos amigos. E' assim que  
se progride material, e pecunia-  
riamente; é assim que se fazem  
prozelytos; é assim, e economi-  
zando — que se enriquece o Es-  
tado.l

Para progredir moralmente, no  
que nos auxilia admiravelmente—o  
trabalho, e consequentemente os  
bens materiaes, e pecuniarios qe  
possuimos e gozamos; dissemine-  
mos mais escolas de instrucção  
primaria por aquelles que dellas  
necessitam, creemos de agricul-

tura, pastoris, e quaesqer outras  
que sirvam para instruir os que a  
taes mistères se dedicam; afim de  
que se apliquem a taes occupações  
com conhecimentos praticos e the-  
oricos, ou que não sejam obriga-  
dos a encetal-os conhecendo-os  
mal, e apenas praticamente, ou  
mesmo —ignorantemente.l como  
tantas vezes acontece. quicã á  
maior parte dos que aos mesmos  
se dedicam.l

Já em outro artigo escrevemos:  
gaste-se o dobro, o triplo, o qua-  
druplo do que se gasta com a in-  
strução que se dá ao povo; pague-  
se, honre-se, premeie-se aquelles  
que mais fazem em bem publico;  
mande-se vir da Europa, da Azia,  
da Africa, ou de qualquer outro  
ponto—trabalhadores instruidos,  
ou homens capazes para instruir-  
nos; e tudo o mais qe for indis-  
pensavel afim de que nada falte a  
nós, e aquelles que conosco ha-  
bitam no vasto imperio; e em pou-  
cos annos veremos o progresso es-  
pantoso, quer moral, quer intel-  
lectual, quer material, quer pecu-  
niario em todos os pontos do Gi-  
gante Americano.

119.\*

GUERRA DO PARAGUAY.

Sempre foi, é, e será em todos  
os paizes civilizados—considerada  
a guerra como um dos maiores  
flagelos que oprimem, desgraçam,  
e desvastam a humanidade.l

Não é portanto possivel que só  
a que entretemos com o Paraguay  
seja de utilidade senão pelo con-  
seguinto da paz, da reparação  
dos males por taes povos para com  
nosco praticados, e da civilisação,  
e consequente prosperidade daquel-  
le Estado.

Já se vê pois que o luero, tanto  
pecuniario como de qualquer ou-  
tra especie que possa ser auferido  
por alguns individuos que por  
certo não pode exceder seu nu-  
mero a mera duzia —está mais qe  
distante de ser um attendivel mo-  
tivo para se retardar um momen-  
to o que se deve, e pode evitar—  
a continuação de tal flagelo.l

Pelo que vemos e observamos  
—ainda não fez tudo, mas já

muito tem feito o governo em seus poucos dias de administração para pôr termo a tão horrível flagelo; a tão horrível castigo.

O que é o homem — qual fera de unhas e dentes afiados, lançando-se de punhal em punho, ou de arma à cara, a seu semelhante para derramar seu sangue, para destruí-lo. Para despedaçar a quem o mesmo a quem por seus sentimentos christãos estaria em quem aesquer outras circumstancias prompto para servir-o, para amparal-o contra seus algozes, para protejel-o em todos os actos de sua vida.

E ainda não é tudo: quantas vezes nos faz a guerra revoltarmos-nos contra nossos pais, contra nossas mãis, contra nossas mulheres, contra nossos filhos, e deste modo porque de todos vivemos, ou em todos temos parte desgraçadamente — contra nossos proprios individuos.

Nada mais temos a pedir sobre este assumpto: São tão reconhecidos, tão palpaveis os males causados pelas guerras...

São tão geralmente experimentadas as vantagens geraes, e particulares do estado de paz — que ninguém pode deixar de aíméjar este, ninguém pode deixar de empregar todos os seus esforços para evitar aquella, ou pôr-lhe termo.

Setembro 26 de 1868.

120.

AO JORNAL DO COMMERCIO DESTA CAPITAL.

Não nos admirou que alguém escrevendo para esse jornal — dicesse que o actual governo não tem aqui defensores, é proprio, é trivial, é uzo, e costume desses intitulados liberaes faltarem de todos os modos ás regras da decência, e muito principalmente faltando á verdade!

São tantos os factos geralmente sabidos, e tão patentes — como o é a existencia das innumeradas estrellas que abrilhantam o firmamento.

Se a Justiça — por sua pequena circulação no imperio, e porque

ainda não pode sahir mais que uma vez em cada semana — não é sufficiente como jornal para defendel-o, contamos nesta capital com mais tres jornaes das quaes sabemos que tem maior circulação.

Alem disso temos o Echo do Sul, principal que se publica no Rio Grande, e muitos outros.

Descansem pois, tranquilizem-se os Srs. liberaes que escrevem para o Jornal do Commercio desta capital — quanto á defeza dos actos dos homens que subirão ha tão pouco tempo ao poder, certos de que não só tem milhares de defensores, como que taes actos — por justos e imparciaes, rectos, e de indeclinavel necessidade, não podem por alguém ser censurados.

Quereis um exemplo da moderação até excessiva, e consequentemente pouco louvavel do actual governo?

Vêde o vosso companheiro e amigo contra quem tantos vezes temos fallado, e escripto, e ainda exerce o milindroso e importante cargo de juiz municipal e de orphãos desta capital.

Quereis outro?

Vêde: — Tem sido demittidos amigos nossos dos cargos de delegado e subdelegado de policia, alguns dos quaes ainda nas ultimas eleições prestaram-nos muito bons serviços — por assim convir ao serviço publico.

Quereis ainda mais alguns?

Ainda dou-vos o seguinte: A liberdade com que votasteis na parochia das Dôres — em que ganhasteis a eleição por estarem do vosso lado suas maiores influencias.

E o mesmo succedeu em S. Gabriel.

Se pois o governo quizesse empregar a força armada, a simplesmente bruta, o dinheiro, as demissões a algumas de taes influencias, pergunto: Era-vos possivel ganhades eleições em parte alguma?

Certamente que não.

Contentai-vos pois comesses annos de iniquo dominio em que vivesteis, e não continueis, como já vos pedi, a opôr embaraços

com falsas acusações á onda salvadora que á voz proprios felicitará.

Sabeis que por tal modo, que com tal arte nada podeis conseguir; para que pois perder tempo e trabalho? Juntemos-nos antes, formemos uma companhia, autorizados e até mesmo estipendiados pelo governo, avancemos ás minas de carvão, de ferro e de pedra marmore que enriquecem a nossa uberrima provincia; extrahiamos dellas suas maravilhas, suas riquezas, enriqueçamos-nos e façamos deste modo tão util, tão louvavel — a riqueza publica na provincia.

O convite que vos dirijo para estas, vos dirijo para qualquer outra, para qualquer trabalho licito; certos de que tudo o mais é perca de tempo, é perca de trabalho.

Setembro 26 de 1868.

121.

PENSAMENTOS.

Os para osmaus, loucos ou alienados, são sempre para os bons, ou sabios, dotados de bom senso.

Tudo o que é immoral, é criminoso / pois o que o não é perante os homens, o é perante Deus.

Sempre que com alguma pequena demora, ou com mais algum trabalho, podemos conseguir alguma cousa, sem constranjiamento, ou desgosto; convem esperar, ou trabalhar porque assim será nosso trabalho mais perfuto, nosso prazer, ou gozo, mais completo.

O céo todo é espirito, eu ao menos, assim creio: logo, deve ser infalivel o facto de descer a cada christão, ou ente animal, tanto quanto lhe é necessario, e proprio á sua especie. De tal estou convencido.

Tambem devem morrer antes do tempo em que devião, se é necessario para que outros continuem a viver. Parece que a cada um marca Deus a época da vida, ou o tempo.

122.\*

A' EMPREZA DO MERCANTIL.

Crendo-me, se me não falha a memória sem direito ao jornal, de hoje em diante, e não me sendo possível presentemente reformar a minha assignatura, — devolvo á Empresa este numero, que se me tem deixado, e o portador leva.

Dezembro 18 de 1862.

Annuncio feito e mandado imprimir no jornal acima, nas vésperas de minha partida desta para a vila do Triumpho.

Retirando-me breve para fóra desta capital, rógo ás pessoas com quem tenho contas, o obsequio de m'as apresentarem nos meus proximos dias do corrente mez a fim de serem liquidadas.

Rua Bela n. 16.

Porto Alegre, Dezembro 12 de 1862,  
J. J. de C. L. Corpo-santo.

123.\*

NOTICIAS DIVERSAS.

Das outras provincias: Nada encontramos de extraordinario nos jornaes da Côte que podemos ler. Continúa o mesmo enthusiasmo, o mesmo amor ás instituições, o mesmo affecto, e respeito para com as Autoridades; porque todas felizmente vão, como esperávamos, cumprindo fiélmente seus deveres.

Da Europa: Há uma infinidade de alguma importancia, mas nem uma de tão alta transcendencia, que nos rezolva a furtar o espaço em que publicamos couzas que nós tócão mais, por seu interesse, ou como costumão dizer, por serem de caza.

124.\*

DO PARAGUAY.

No dia 1.º do corrente o exercito fez um forte reconhecimento á Vileta, onde Lopes extremamente fortificado pretende rezistir aos aliados.

Ac amanhecer, a esquadra en-

couroçada rompeu o fogo, bombardeando horriavelmente aquella posição inimiga. Parando depois o fogo, a vanguarda do exercito ao mando do bravo visconde do Herval, e as cavalarias ás ordens do intrepido barão do Triumpho, marcharão para o reconhecimento, debaixo de um vivissimo fogo do inimigo.

Ao passo que estas forças se movião, o grosso do exercito sob o mando do Marquez de Caxias, simulava um ataque pela retaguarda da Vileta.

Sem fazer caso dos obstaculos naturaes do terreno, o exercito marchou com intrepidez ao reconhecimento, e passando no fogo o primeiro esteiro tomou o reduto que era defendido por 200 homens, e uma peça de artilheria, fazendo 7 prizioneiros.

Reconhecidas as posições inimigas o exercito voltou a seu acampamento.

Na ocasião do ataque as canhoneiras portugueza italiana e ingleza quizerão passar, porem o almirante visconde de Inhauma não lhes consentio, e fazendo o inimigo fogo recebeu a canhoneira italiana uma bala de 68.

— Os nossos monitores subirão para Assumpção, e dous para Mato-Grosso.

— Eis uma carta do general Ozorio sobre o reconhecimento do dia 1.º.

« Exm. Sr. general Gely y Obes.

« Apenas tenho tempo para dizer-lhe que o reconhecimento de hoje pelos quatro pontos em que teve lugar, foi bem feito. O terreno de nossa frente, até á trincheira do inimigo é um pantano, ficando deste lado da trincheira o arroio Pequicire, que lhe serve de defeza.

« O arroio é dominado por uma bateria inimiga.

« Nossa columna da esquerda forçou uma trincheira regular, porem distante de nosas avançadas, e deste lado perdeu o inimigo 38 homens, inclusive dois officaes. Tres prizioneiros forão remetidos ao Marquez de Caxias.

« Pelo centro o inimigo foi desa-

lojado da picada defendida por abatizes, e lançando-se no arroio perdeu 4 homens.

« Por minha parte perdi o engenheiro Gambôa, quando estava reconhecendo o campo inimigo, sendo elle morto por uma bala de artilheria.

« Não tenho ainda as participações dos corpos; ignoro portanto o numero de praças que perdemos.

« A columna da direita, comandada pelo general Castro, foi até onde o arroio se converte em Canhada. Ali teve um pequeno tiro-teio sem mais novidade.

« A columna de cavalaria da extrema direita atravessou um banhado pouco fundo proximo uma legoa das rinxeyras, vendo muito gado, familias, trezentos homens de cavalaria, e a guarnição da trincheira e tres peças de artilheria.

« Ainda não falei com o Xefe dessa expedição.

« Seu companheiro e amigo

« Visconde do Herval.

125.\*

Passeava eu em uma bela noite de luar pela varzea desta cidade; e derrepente ouvi troar a seguinte voz:

Rouba-se o tempo, o trabalho, a propriedade e a liberdade!

E por quem!? (perguntei eu).

A Voz:

Por infâmes Empregados públicos patrocinados pelo infâme governo provincial, cujo mais sagrado e importante dever, é— proceder exactamente de modo diametralmente posto!

126.\*

Srs. compositores: No numero passado annunciei a condenação dos entregadores, neste os previno da de S. Sras.

Vmces. não veem, não conhecem, que com seus multiplicados erros, e faltas, desacreditão-me o jornal, dão-me a horriavel massada de o corrigir um cento de vezes, incomodão os Leitores quando veem, e fazem uma obra imperfeita? e que tudo isto

contraria as minhas ideias de progresso material, moral, e intellectual. l ?

Pois fiquem vossas senhorias sabendo que por cada falta, ou erro que cometerem depois de eu haver corrigido, a minha jovem, predilecta, formosa, amavel, e até encantadora Justica, ficão desde já condenados a uma boa sóva de pau.

Ouvem, Srs. compositores! cuidado! tomem tento, que eu não quero alem da massada que soffro em tanto lêr, e corrigir, estar ainda furtando aos meus tão respeitaveis assignantes um artigo instructivo, delectavel, ou recreativo, que deve occupar a columna dos erros, e faltas!

Assim é que Vmces. na própria epigrapha do artigo—Erros e faltas—cometerão o erro de imprimir—Antecedente em vez de Antecedente. l

Encravarão duas produções escriptas nesta cidade em 3 de Setembro p. p. nas conversações, e outros escriptos no hospicio, o que amalgamaria essa pagina, se em tempo como Vmces. sabem eu lhes não acudisse, pondo-lhes dactas. l

Assim é que suprimirão a ultima linha da poesia, Distração no hospicio, que até escrevi, intervalando uma linha do ultimo verso que se lê, Ingrata sois. l

A qual suprimida é:—Acazo perdi-vos! ?

E deixo—fiquem certos, de fazer mais correções, primeiro, porque ninguem ignora que taes faltas não provém de mim. Segundo, porque não ha quem ignore que me esforço quanto me é possível para que factos tão desagradaveis não se deem. Terceiro, porque todo o mundo sabe que me tem sido impossivel, evital-os! Quarto, concluindo, porque não ha jornal algum, ainda os de mais nomeada, para com o qual não aconteça o mesmo!

Feito portanto aqui, e acabo com o artigo, Erros, e Faltas!

E cabem mais notar: (Deste esquecimento meu não podem ser acuzados os meus honrados compositores) escapou-me no epitapho Barreto composto em Dezembro,

se me não engana a minha fresca memoria, de 1865, tempo em que o Sr. Barreto, Ou por impostura tratava-me com muita consideração, e até convidava-me para seu socio; a data.

Ou porque nisso vizava interesse, como fui previnido por um meu colega hoje redactor de jornal nesta capital, e que eu não quiz acreditar. l Tal era a labia. l Taes erão as macaquices do dito Sr. Barreto. l

127°.

PONTES.

Já tenho ouvido sensurar o facto de se gastarem grandes somas com huma ponte sem proveito algum por largos annos, e com meus proprios olhos nas viagens que pela campanha tenho feito assás tenho visto, e experimentado a verdade de taes sensuras.

Tenho passado mais de cinquenta arroyos, alguns por alguma perigosa pinguela, e muitos a nado—que bem mereciam, ou bem careciam ser doptados de pontes.

Ninguem contesta a veracidade destas asserções; porque pois gastaremos em uma ponte—a do Ibirapuitã por exemplo—cem, ou duzentos contos de reis para edificar a talvez em vinte annos, por ser feita com extraordinario luxo, e ficamos—sem dinheiro—para edificar quarenta ou cincoenta de madeira, que se poderiam prontificar em dous ou tres annos, custando cada uma—dois, tres, ou quatro contos de reis! ?

Nestes rios maiores em que aquellas em dezenas de annos se edificam, quando não acontecem como a de Jacuby começada talvez ha vinte annos, cujos trabalhos tem sido por vezes considerados—perdidos, mas que em minha humilidissima opinião—seus peçoês se prestam, ou tem a solidez necessaria—pavimento de madeira, ha canoas e barcas que facilitam as passagens a qualquer hora do dia, ou da noite; entretanto que nos menores—nada ha—obstando por isso mesmo o vijante que neseccita transpol-o, a fazel-o por um, dois, e mais di-

as; salvo se como algumas vezes fiz—os atravessa a nado!

Opino pois que é de mais vantajem publica e particular, o methodo que indico; e que se me não falha a memoria é o que se segue em S. Paulo, e sem duvida em algumas outras proviucias do Imperio.

Aos facturos deputados provinciaes. a quem compete a respeito legislar—peço que tenham em lembrança, estudem, e rezolvam no sentido que indico, se como eu, acharem conveniente.

128°.

CALÇADAS.

E' pessimo, comparativamente ao que vi na corte do Imperio, o sistema de calçar as ruas aqui posto em pratica.

O que lá se faz com pedra preparada que se assimelha em forma e tamanho aos nossos tijolos de barro, pode-se aqui fazer com lage da qualidade mais forte: preparal-a em pedaços de palmo quadrado, e de meio de grossura, cujo lado faria a face da rua.

Tomadas as pequenas fendas com cal, creio que ficaria optimo o calçamento. Valia bem o trabalho, e a despeza para este ensaio—na rua Sete de Setembro, por exemplo, que sendo huma das principaes, me parece ter grande parte ainda por calçar.

O systema de barro que tenho visto ensaiar em algumas—é tão mau que não deixa perfeito o trabalho, nem seis mezes: temos já visto valos, buracos, e destruição em diversas recentemente reformadas com pedaços de pedra bruta, e arcia!

A' Camara Municipal compete providenciar a respeito, e creia que se ficar mais cara a calçada de lage metida, não—juntos os pedaços firmados no chão duro, ou em alguma camada de cascalho, ou de pedregulho, bem socado, e cheias as fendas de cal—não exederá seu preço a outro tanto que o que actualmente se gasta: sua duração excedera ao duplo, ou ao triplo do tempo que podem servir aquellas, e que ha mai-

comodidade para o tranzito de tudo, e de todos; é couza infalivel, e extremamente apreciavel!

Já vê pois a Camara — que sendo o systema que indico — mais forte; mais perfeito: mais duradouro; mais comodo; e sobre tudo — mais economico — deve ser preferido a qualquer outro!

Faça potem o qe melhor julgar.

129.\*

POR FALAR EM CALÇADAS.

Que obra maravilhosa; que riquissimo passeio esboçariamos para que a Camara Municipal mandase edificar na Varzea desta cidade, se eu visse que seus cofres regorjitavam de ouro! —

Paredões com columnas, jatos, figuras etc. á esquerda, á direita, e no fim, formando assim as ruas com taas frentes.

Arvores dentro plantadas, assentos, chafarizes, e tudo o mais como jardins, etc., que podesse encantar a vista, agradar ao olfacto, alegrar a imaginação, e recrear o espirito!

Mas esta obra de tão jeral utilidade para os habitantes desta capital, não pode ao meu vêr, nem deve, em vista das necessidades urgentissimas a que a Camara tem de atender — da praça da Independencia para dentro — ter começo antes de decorridos estes mais proximos vinte annos.

Fique porem em memoria a todos que me lèrem — que sou de opinião que um belo, um magnifico passeio publico naquella área — é preferivel á edificação que por tantas vezes se tem tentado.

E' preferivel — porque não faltam, e até abundam terrenos não edificados dentro da cidade, que mais que muito conveni edificar para aformozamento, e beleza desta. E' preferivel em bem da salubridade de todos, recreio, etc.

Penso haver lembrado á Camara Municipal desta capital — tudo quanto feito, começado, ou providenciado a respeito — muito pode concorrer para utilidade jeral, e encher de gloria seus Vereadores, cobertos de benções pelos Comuicipes; e por isso não sei se

terei mais ocaziões de lembrar-lhe mais algum beneficio ao publico, mais algum modo de distinguir-se por seus importantissimos serviços de todos quantos se hão sentado nos bancos que tão dignamente occupam.

Creio haver cumprido o meu dever — sem haver faltado para com a Camara, nem mesmo á menor regra de civilidade; não me haver servido de termo algum que possa ofender; se porem muito contra a minha vontade — tal houve — pesso-lhe disso desculpa, certa da não espontaneidade de minha intenção!

Outubro 18 de 1868.

130.\*

QUINZE DIAS NA CORTE.

UM DESCRENTE INNOCENTE.

Meu Deos! todos converssam e (passam!

Só eu — não posso de triste — (passar!

Porque, meu Deos! assim me (anceiam

Neste viver — que não posso (gozar!

A todos dá gesto — o pão que (alimenta;

E a mim ó meu Deos! — só (atormenta!

Porque, Senhor meu — matas-me a vida

Nesta enfadonha e horrivel vida!

Todos dançam, alegres, contentes,

Passam parece — em vida feliz!

Só eu separado destes viventes, Sintodasmagoas, o toque infeliz!

A' hora aprazada, trancam-me (a porta;

A' mais avançada — julgo que (é morta;

— Aquella a quem amo no maior (extremo;

A quem jurei — fê — pelo (Ente Supremo!

Senhor! Senhor! Senhor!

Acudi a — um desgraçado!

Morre, morre — desesperado!

Se lhe não toca -- o teu favor!

131.\*

CONVERSAÇÃO COM UM SURDO NO HOSPICIO.

Este (arrancando os cabelos, e batendo as mãos): Que é feito dos meus bahús. Onde estão?... tenbo neles roupa. Estou descalço... com os pés fora das botinas (virando estes) e já ha oito dias... e não me aparecem. Irra. Irra. Irra. Irra. -- é muito aturar. É muito sofrer.

(Em tom mais moderado): Mas eles hão de aparecer.

Eu (depois de haver conversado com algumas Irmãs, e com o Secretario do hospicio): Não se affija, (batendolhe no hombro) não se affija. Já se deram as providencias necessarias, ja se officiou á policia afim de os fazer vir para este estabelecimento. E' portanto de supor-se que hoje mesmo aqui os tenha.

Tranquilize-se pois.

Ele: Mas os meus bahús. A minha roupa. Os documentos e mais papéis que nele tenho... -- documentos no valor de tantos contos de reis. Em 7. isto é o diabo. (meneando o corpo e a cabeça) Estão na policia, mandou-se buscar, vem hoje, amanhã, depois, e ha oito dias, e eu -- sujo, e rôto, e nada de bahús, e estes não apparecem.

Já se vio -- que diabo. Já se vio que martyrio. (passa em um longo corredor).

Eu (encostando-me a ele): Então já está mais tranquilo? gosta de lêr? quer escrever alguma couza?

Ele: Não: o que preciso unicamente é dos meus bahús para mudar (pegando no peito de um paletó preto de alpaca, e algum tanto estragado) roupa, botinas, (torcendo os pés) e para que se não perca a minha resalva, e outros papéis.

Eu: Perguntei para, se gostasse obter-lhe algum livro em que se entretenha algum tempo, ou até que lhe chegasse o que deseja.

Ele (gritando): Qual entreter!

Nem livro, nem penna me entrem.  
tem.]

Sou cavaleiro da Roza, fidalgo da casa Imperial, estava em um hotel, e quando menos esperava -- recebi ordem do chefe de policia para vir para esta casa.]

E então não heide estar indignado.?

Ex: Tem razão, tem muita razão. Mas nada consegue indignando-se, mais que amofinar-se: é melhor esperar com paciencia -- que o respeitem, e cumpram para com V. S. seus deveres.

132.

REFLEXÕES.

E' um mal, não se deve consentir, nem dar -- que certos enfermos neste hospicio comam maior porção que a que é trivial a qualquer homem de trabalho, mesmo o mais pezado, porque infalivelmente -- é um vicio, é um pecado.]

Vemos individuos comerem ao jantar -- dois pratos de comidas, e alem destes -- mais um prato cheio de alguma coisa, e ainda -- restos de outros, alem de sua sobremeza correspondente a -- um prato regular.]

Em que estado ficam estas barriças, principalmente se estes individuos em nada se occupam.]

Como não hão de desesperar alguns, enfurecer outros.?

Para os empregos neste Estabelecimento em que as leis da humanidade, apoiadas, ou repassadas do bom senso, devem imperar sobre quaesquer outras conveniencias -- jamais devem empregar-se individuos reconhecidamente maus, ou faltos de juizo.]

Empregados taes -- são um flagelo para os saos, e causam -- graves males aos doentes, ora retardando seus curativos, ora martyrizando-os.]

Talvez seja conveniente -- que algumas Senhoras que neste pio Estabelecimento tão bons serviços prestam, revezemos trabalhos a que se dedicam -- de mez em mez.

Para aquelles que, por malvadeza -- não se querem converter, sendo a religião christã vinda do Céu, a nós pregada per Deos, e por Seu Unigenito Filho, empregue este -- para que se opere completa e jeral conversão, em vez do fogo, e do ferro -- o ar infiltrado de veneno.

Se eu aqui governasse, substituiria os relogios de parede por outros cujas horas ouvissem tanto de dia como de noite em todos os quartos de cada repartição desta casa,

Ha doentes que importunam tanto os outros, e tambem aos saos, com seus gemidos e imundices -- que acho conveniente em bem de todos, haver no fundo do jardim alguns pequenos quartos em que se possam acomodar durante tão longos, e dozozos padecimentos.

E' possivel que estas Médicos não tenham visto, estes individuos com quem tenho tratado, ou narrado a minha vida a ainda não comprehendessem que todos os meus padecimentos, de todas as acusações que se me tem feito, tem por cauza, a corrupção a improbidade de meus devedores (tanto moraes, como pecuniarios.) que os faz MANIACOS em quererem a força bruta obrigar-me a perdoar-lhes suas dividas, e todos os crimes por eles exercitados nessa luta tantas vezes por eles contra mim levantada, quantas por mim repellido.]

Não veem que, acoçoal-os é maldade, ou estupidez. Qualidades que não podem, nem creio que achem abrigo em taes individuos.?

E', sempre foi, e será meu systema de governo particular, e sel-o-hia jeral, cumprir, e fazer cumprir tudo quanto me imponho, ou ache estatuido em lei.

Toda a transgressão nao permitida nao autorizada por poder competente em vista de circumstancias extraordinarias, é para mim, um crime: e tanto maior, tanto mais grave, quanto o são os males causados por taes transgressões.

São verdadeiros crimes. alem de outras aberrações do dever, porque taes funcionarios, trahem aquelles povos que lhes pagão para proceder de outro modo.]

Abril 29 de 1868.

A gente da mais alta ou fina sociedade, mais bem educada, ou polida, -- goza, comunicando o espirito e respeitando as pessoas.

Andam os Póvos -- de erro em (erro, Sempre bateudo -- em seculos (de ferro!)

133.

Sempre fomos, somos, e seremos, ou creio que seremos de opinião que os cargos publicos de qualquer natureza que sejam, principalmente daquelles que conferem autoridade jamais devem ser exercidos por individuos que ha pouco deixaram o poder por assim exigirem as necessidades do paiz. é illogico, é absurdo. uma tal pratica em nada alteraria a marcha reprovada, repellido pelo Estado.]

Os mesmos homens, com os mesmos desejos, com as mesmas inclinações, com os mesmos interesses, é claro e evidente que praticarão os mesmos actos reprovados, e repellidos, havendo apenas diferença no titulo amparados do qual os praticam.]

Temos eutretanto infelizmente visto alguma eleição, alguma nomeação, cujos individuos por seu procedimento, anterior politica, e moralmente fallando, não estão nas nondições de serem eleitos ou nomeados.]

Infalivelmente hão de resultar males de que pode então com justiça ser acusado o governo: o que não desejamos, Rogamos-lhe portanto toda a cautela na eleição, todo o cuidado nas nomeações.

Os nossos companheiros de armas, os nossos companheiros de lutas, não podem soffrer as violencias que se lhes faz ao direito que tem de serem eleitos, ao direito que contam respeitar-se, at-

tender-se—de serem nomeados.]

Seus serviços, seus padecimentos de longos annos, assim exigem, assim determinão, e ao governo e a elles autorizam.

Assim se faça.

Terminamos este artigo assegurando ao governo, quer geral, quer provincial, que seus verdadeiros amigos para conservar sua propria existencia, liberdade, honra, e outros bens, ver-se-hão forçados a fazer-lhe opposição, se continuar a nomear e a eleger para cargos publicos, e assim autorizar-os a continuarem a flagelar os proprios individuos que por tantos annos o fizeram e que por isso mesmo os combateram, os apearam de taes cargos, de tal poder...

E' finalmente de absoluta, urgente e indeclinavel necessidade pôr termo ao dominio sobre os homens honestos e dotados de fortuna, de quanta prostituta masculina ha, e que continuaria assim a viver á custa e martyrizando os homens honestos.

Setembro 26 de 1868.

O Sabio — sempre divina.

O homem serio circumspecto, e respeitavel — é aquele que não falta a algum dever particular, ou social.

Setembro 29 de 1868.

Achei os números da Justiça que publiquei nesta cidade, pela maior parte— em pedaços, em frangalhos, em farelos.

Assim é que— o importantissimo Artigo sobre o horrôr que nos deve inspirar — O roubo e suas consequencias, crime por mim considerado — o mais punivel de todos; um, sobre o que é ser brasileiro, da qual associação politica — ninguem se pode jatar, ou honrar — sem que respeite ou cumpra fielmente as Leis deste Imperio; desapareceram totalmente; e muitos outros que seria ociôzo enumerar.

E' por isso que não guardam alguns Artigos conveniente ordem, nem nas datas.

Concideramos pois, para nos não magoar essa falta, — que é um verdadeiro Exercito em dia de triumpho— avançando contra os inimigos, que em debandade — fogem !

Corpo-santo.

Agôsto 29 de 1877, em Porto Alegre.

FIM

da JUSTIÇA em 1868.

